

CAMILA QUEIROZ MACIEL

**“Mulher libertária é a  
mulher libertada”: um projeto de emancipação  
feminina anarquista no jornal *A Plebe* (1917-1927)**

Fortaleza

2010

**CAMILA QUEIROZ MACIEL**

**“Mulher libertária é a mulher libertada”: um projeto de emancipação feminina anarquista no jornal *A Plebe* (1917-1927)**

Monografia apresentada ao  
Curso de Comunicação Social  
da Universidade Federal do  
Ceará como requisito para a  
obtenção do grau de Bacharel  
em Comunicação Social,  
habilitação em  
Jornalismo, sob a orientação  
da professora doutora Adelaide Gonçalves.

Fortaleza  
2010

CAMILA QUEIROZ MACIEL

**“Mulher libertária é a mulher libertada”: um projeto de emancipação feminina anarquista no jornal *A Plebe* (1917-1927)**

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Adelaide Gonçalves (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Ana Rita Fonteles (Membro)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima (Membro)  
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza  
2010

# DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos homens e mulheres que, com extrema dedicação e amor, ousaram e ousam “empapelar” o mundo com as ideias libertárias.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Hilda, pela presença marcante em minha vida, por sermos tão parecidas fisicamente e tão diferentes em atitudes, mas estarmos sempre uma para a outra.

À minha irmã querida, Jamile, que quer tanto uma irmã “formada em jornalismo na UFC” (risos). Aquela que peguei no colo – minha demanda atendida – e hoje é bem mais alta que eu. Emociono-me ao pensar nisso.

A Victor Pereira, companheiro de tantos anos, pela leitura cúmplice, seja deste trabalho, seja das belas páginas d’*A Plebe*. Por ter me apresentado ao anarquismo e por ser alguém tão influente em minha vida. Pela simplicidade e bondade que continuam a me surpreender depois de quatro anos.

À minha orientadora, a mulher “vermelha”, de voz macia, tanto quanto firme, por sempre “aplacar” os meus medos e me incentivar. Eu saía de sua casa incrivelmente calma e feliz.

A todos os meus companheiros anarquistas da Organização Resistência Libertária, pelo sonhar/agir coletivo.

À Federação Anarquista do Rio de Janeiro, na figura de Milton Lopes, pela remessa de todos os números do jornal, digitalizados, de que dispunham. Sem isso não poderia ter escrito este trabalho. A Luis Zimbar, do Cedem, pelas prontas e gentis respostas ao meus emails solicitando material, e, claro, pela remessa deste material. Ao Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, na pessoa de Paulo Ricardo, também pelo envio de números do jornal.

A Henrique Beltrão, companheiro dos programas *Todos os Sentidos* e *Sem Fronteiras: Plural pela Paz*. Pelo exemplo no lidar com as palavras e por reunir, em sua pessoa, tanta gentileza, poesia e compreensão.

Aos meus grandes amigos Andressa Barbosa, Leonardo Teixeira, Maikel Nogueira, Morgana Xavier, Paula Venâncio, Pedro Ribeiro e Valeska Lima. Devo a vocês muito do que sou e me emociono ao pensar que conheço pessoas tão maravilhosas.

Aos meus companheiros “da História”, que me “adotaram” de bom grado e com quem tive conversas e discussões magníficas sobre tudo no mundo: Robson, Nildo, Sergiano, Kátia, Ribamar, Raíssa, Canuto Lion, Isadora, Sílvia – tomara que não tenha esquecido ninguém. Seguramente, vocês fazem parte da minha vida e eu não vou deixar que isso se perca. Adoro-os!

Aos meus companheiros de turma na Comunicação Social. Sim, somos “polêmicos” e sempre vou lembrar-me das discussões com um sorriso nos lábios.

## EPÍGRAFE

*“É preciso criar uma escola em cada rua, uma tribuna em cada esquina; é preciso empapelar o Brasil com os nossos livros, com os nossos opúsculos, com a nossa imprensa.”*

(Florentino de Carvalho, *A Plebe*, n. 95)

*“Antes de tudo, e isso é o essencial, ela deve fazer uso do seu raciocínio para se despir dos vãos temores, dos tolos preconceitos e dos ridículos escrúpulos que lhe incutiu a falsa moral de Deus e da Pátria, para assim, obter o seu pensamento emancipado. Uma vez com o pensamento emancipado a mulher há de estudar, há de investigar a causa da sua escravidão social e há de, sem grande esforço, compreender que essa causa tem sua razão de ser nas cadeias do capitalismo que a prende ao homem constringendo-a a mover-se com ele num círculo vicioso, num ambiente saturado de dôr e imoralidade.”*

(Isabel Cerruti, *A Plebe*, n. 90)

## RESUMO

A presente pesquisa busca entender o projeto de emancipação feminina libertária, debruçando-se sobre o jornal anarquista *A Plebe*, no período entre 1917 e 1927. O periódico foi publicado em São Paulo, até 1951, com interrupções, e circulou por todo o Brasil. As linhas de um projeto de emancipação feminina são aqui estudadas a partir das concepções acerca da libertação das mulheres, que passam pela participação no movimento operário e organização das próprias mulheres; pela educação, amor livre e constituição da família libertária, assentada em bases antagônicas à ideologia burguesa; e pela crítica à prostituição e às posturas consideradas “fúteis” das mulheres das elites. Desde uma abordagem de construção das memórias e representações, também destacadas nesse projeto de emancipação feminina, analiso, no jornal *A Plebe*, as mulheres “notáveis”, que ganharam projeção no movimento e foram constantemente abordadas no jornal, além de textos escritos pelas libertárias, imagens femininas representativas dos ideais libertários e as indicações de leitura do jornal *A Plebe* que tangenciavam a questão feminina.

**PALAVRAS-CHAVES:** imprensa anarquista, emancipação feminina, mulheres anarquistas

## LISTA DE IMAGENS

- A Revolução Social Marcha contra seus inimigos. A Plebe, 1º mai. 1919. n. 11. p. 38*
- Aspecto da multidão que acompanhou o enterro do companheiro Martinez, quando estacionada na rua 15 de Novembro. A Plebe, 21 jul. 1917. n. 6. p. 39*
- José I. Martinez, o desventurado companheiro, membro do Grupo Jovens Incansáveis, assassinado durante a greve. A Plebe, 21 jul. 1917. n. 6. p. 40*
- Um precursor da Rússia de hoje. A Plebe, 10 set. 1919. n. 3. p. 40*
- Henrique Malatesta. A Plebe, 31 mai. 1919. n. 15. p. 41*
- Pedro Kropotkine. A Plebe, 4 set. 1920. n. 80. p. 41*
- Pedro Carneiro, José Alves do Nascimento e Domingos Passos. A Plebe, 26 fev. 1927. N. 246. p. 42*
- União dos Artífices em Calçados. Grande Festival. A Plebe, 4 ago. 1923. N. 215. p. 104*
- Contracapa da edição de 1º de maio de 1924. A Plebe, 1º mai. 1927. N. 250. p. 113*
- Germaine Berton. A Plebe, 2 fev. 1924. N. 228. p. 116*
- Rosa Luxemburgo - Imponente consagração da grande heroína revolucionária. A Plebe, 7 jun. 1919. N. 19. p. 119*
- Os pródomos da Revolução Social na Alemanha. A Plebe, 28 fev. 1920. N. 54. p. 120*
- Rosa Luxemburgo. A Plebe, 20 mar. 1920. N. 57. p. 121*
- A Cavalgada do Ideal. A Plebe, 1º mai. 1924. n. 234. p. 125*
- Epílogo da orgia burguesa. A Plebe, 18 ago. 1917. N. 10. p. 127*
- Mãe-Anarchia. A Plebe, 19 out. 1919. N. 37. p. 128*
- Repete-se a Historia. A Plebe, 27 nov. 1920. N. 91. p. 129*
- Remember! - Ferrer. A Plebe, 7 out. 1922. N. 192. p. 130*
- Sobre os escombros da sociedade velha, ilumina a Nova Era. A Plebe, 12 abr. 1919. N. 8. p. 132*
- A civilização comunista erguendo a sociedade do trabalho sobre o entulho. A Plebe, 9 ago. 1919. N. 25. p. 134*
- A edificante obra do nacionalismo. A Plebe, 3 jul. 1920. N. 71. p. 135*
- Biblioteca Social A Inovadora. A Plebe, 1º mai. 1924. n. 234. p. 137*
- Resenha de uma operaria. A Plebe, 7 out. 1917. n. 16. p. 142*
- Resenha de uma operaria. A Plebe, 21 out. 1917. n. 18. p. 142*

# SUMÁRIO

Resumo .....	7
Lista de imagens .....	17
1. Introdução .....	11
2. "É preciso empapelar o Brasil com nossa imprensa": anarquismo e movimento operário no Brasil .....	15
2.1. "No Brasil não existe 'questão social!'" .....	15
2.1.2 Ideias socialistas e anarquistas no Brasil .....	17
2.2 Imprensa anarquista no Brasil .....	25
2.3 "Ao que vimos - Rumo à Revolução Social": o jornal <i>A Plebe</i> .....	30
3. "Mulher libertária é a mulher libertada": o projeto de emancipação feminina dos libertários .....	51
3. 1. "Assuntos Femininos": uma coluna .....	57
3. 2 Mulheres em movimento .....	62
3.2.1 "Filhas do povo" – palavra e ação .....	72
3.3 Uma Pedagogia Social na tessitura da emancipação feminina.....	76
3.3.1 "Emancipação da família obreira" – Sujeito coletivo da luta social .....	78
3.3.2 O amor livre como "amor libertado" .....	79
3.3.3 Um apelo às mulheres: Ao Antimilitarismo!.....	86
3.3.4 Prostituição – "A corrupção social" da mulher .....	88
3.3.5 "Arrancar o rosário da mão feminina" – A propaganda anti-clerical .....	91
3.3.6 O discurso modelar .....	95
4. "A geração futura te bemdirá": <i>A Plebe</i> reverencia as mulheres notáveis .....	99
4. 1 "O ósculo da Liberdade": alegorias femininas no ideal libertário.....	121
4. 2 "Obras que os operários devem ler": mulheres em pauta.....	133

4.3 “Não posso calar-me!”: escrita feminina n'A Plebe .....	136
5. Considerações finais .....	148
Fontes e Bibliografia .....	149

# 1. Introdução

*“Como entendemos a igualdade: A igualdade que nós queremos não é metaphysica, mas real. Não oferece a todos a "mesma" ração, mas garante a todos a satisfação das suas necessidades, exigindo de todos não o "mesmo" esforço e a "mesma" capacidade, mas de cada um o dispêndio de energias de que se sente capaz.*

*Não aspira á nivelação dos cerebros e dos estômagos, pretende, ao em vez, alcançar a harmonia social como resultado das multiplas satisfações.”*

*(A Plebe, 1919)*

A epígrafe, reproduzida em seguidas edições d’*A Plebe*, mostra-se como síntese do pensamento anarquista. Certamente, uma das passagens mais belas que o jornal me proporcionou, ao longo da pesquisa, trata-se de uma Utopia, generosa e plural. Uma concepção de igualdade que se baseia no “resultado das múltiplas satisfações”, tem espaço para as diferenças e para pensar as “particularidades” – a condição feminina, infância, velhice e, num debate ainda incipiente à época, “os inválidos”, como chamavam as pessoas com deficiência.

Por uma questão de história de vida e militância, interessei-me, há alguns anos, pelas mulheres anarquistas ou, mais amplamente, pela maneira inovadora como o tema “emancipação feminina” é abordado no pensamento libertário, desde Mikhail Bakunin, no século XIX, aos dias de hoje. No encontro com Maria Lacerda de Moura, mediado por Miriam Moreira Leite<sup>1</sup>, conheci um pouco mais dessa história e fui apresentada à Isabel Cerruti, colaboradora do jornal *A Plebe*. No estudo de Miriam Moreira Leite, o texto de Cerruti é uma crítica à Revolução Russa. Escrito de forte argumentação, me instigou à busca do jornal *A Plebe*, em versão digitalizada, a observar, em início, as mulheres que escreviam

---

<sup>1</sup> LEITE, Miriam Moreira, *A Outra Face do Feminismo*: Maria Lacerda Moura. São Paulo, Ática, 1984.

no período e sobre o que escreviam. Posteriormente, considerei interessante estudar as dimensões do projeto de emancipação feminina dos anarquistas, que inclui a participação na luta social, a organização feminina, a educação, a mudança nas relações familiares, propiciada pelo amor livre, a crítica à prostituição, à Igreja e aos moldes burgueses de mulher, além da valorização da memória exemplar em torno de revolucionárias destacadas na propagação do ideal e da representação dos ideais libertários articulada às alegorias femininas.

Longe do discurso da “neutralidade” científica, tão superado, este trabalho contém muito da autora, em cada linha. Entretanto, se não cerceei o olhar da subjetividade, procurei, a todo instante, uma abordagem crítica, mostrando as tensões do discurso acerca das mulheres, posto que não há um posicionamento monolítico, entre os anarquistas, sobre a questão.

Os anarquistas d’*A Plebe* elaboram uma escrita rica, subversiva, preñe de metáforas e desejos de um mundo livre e justo. O absurdo, para eles, é a existência da propriedade privada, são as enormes desigualdades sociais, é o casamento sem amor. Isso é o que chamam de “desordem” burguesa, desconstruindo o discurso de que os anarquistas são gratuitamente contrários a qualquer “ordem”.

Com a leitura, experimentei variadas sensações. Fui do medo à euforia, em um estreito espaço de tempo; emocionei-me com aqueles textos, relatos de tanta tristeza, injustiça, ou belos exemplos de solidariedade e convicção; a utopia “escancarada” a todo mundo, a revolta, as deliciosas ironias que me valeram risadas em frente ao computador, acompanhadas de um assentir com a cabeça. Não se pode passar “incólume” por esse jornal – um bom pedaço da vida desses militantes, alguns, inclusive, “deram a vida” pelo periódico. Desde o início da pesquisa, os anarquistas do jornal “ocuparam” minha vida – incorporei às conversas com os amigos e ao meu estar no mundo o que lia n’*A Plebe* – a crítica social espantosamente atual e lúcida passou a guiar o meu olhar, ou a “dialogar” comigo quando andava por estas ruas de Fortaleza ou Caucaia e via a miséria espalhada, instalada já, aparentemente, de maneira irreversível. A questão social permanece. Continuam a existir oprimidos e opressores.

Analisei todos os números do jornal, no período de 1917 a 1927, que constitui a primeira fase d’*A Plebe*. Li todas as edições e busquei agrupar os escritos voltando a atenção metodológica para a questão da emancipação feminina como pensada pelos anarquistas, portanto, o olhar sobre essa questão é o objeto de análise deste trabalho. Surgiram as

temáticas do anticlericalismo – aqui fiz o recorte apenas no tocante às mulheres, pois há muito mais escritos sobre a questão –, da educação – seja sobre o papel da mulher como mãe e provedora de educação aos filhos ou na necessidade de educação para a emancipação das mulheres –, família e amor livre, infância, maternidade, a memória em torno de mulheres anarquistas/intelectuais, participação feminina/condições de trabalho feminino, prostituição, sexualidade, críticas às mulheres burguesas. Além disso, observei os textos escritos por mulheres – os assinados, portanto – que abordavam diversas questões, não se restringindo à questão feminina. A partir do que o jornal me apontou, das discussões travadas em torno dessas temáticas, construí a análise aqui apresentada.

A pesquisa se inscreve numa tendência em que, segundo Cláudio Batalha<sup>2</sup>, a noção de classe social, conceito central no campo de estudos da história do trabalho, “sem deixar de estar presente, não reina mais absoluta”. O campo estaria cada vez mais sensível a outros recortes: gênero, raça e etnia. Entretanto, por se tratar de uma pesquisa de conclusão do curso de Comunicação Social, o tempo e o espaço insuficientes não propiciaram um diálogo – que seria bastante proveitoso – com os estudos de gênero, a partir das reflexões de Michelle Perrot, Joan Scott, entre outras. A escolha no estudo monográfico aqui apresentado se restringiu centralmente ao jornal *A Plebe*, observando-o em suas características de difusão do ideal libertário e de articulação da militância e o modo de realização do debate em torno do projeto de emancipação feminina.

No primeiro capítulo, “*É preciso empapelar o Brasil com nossa imprensa*”: *anarquismo e movimento operário no Brasil*, observo o início do processo de industrialização no Brasil, a elaboração do pensamento socialista, em suas vertentes várias, a experiência de comunidades utópicas e o movimento anarquista no Brasil, com uma história que se conecta e se confunde, em vários momentos, à história do movimento operário, influenciado pelo sindicalismo revolucionário. Tento, em grandes linhas, traçar um panorama da imprensa anarquista no Brasil e de sua destacada qualidade como lugar social aglutinador e de propaganda libertária. Por fim, volto-me à análise do jornal *A Plebe*, partindo de seus aspectos gráficos, de seus conteúdos, dos militantes que se agregavam em torno da escrita do jornal e esforço de divulgação e construção de memórias, ao redor da tradição anarquista, uma história

---

<sup>2</sup> BATALHA, Cláudio. *Os desafios atuais da História do Trabalho*. Disponível em: <<http://www.seer.ufg.br/index.php/anos90/article/viewFile/6398/3840>>. Acesso: maio, 2010.

permeada de tantas demonstrações de solidariedade e apoio mútuo entre os grupos de afinidade libertária e vincada pela permanente repressão por parte das classes dominantes.

Em “*Mulher libertária é a mulher libertada*”: o projeto de emancipação feminina dos libertários, estão em foco os discursos sobre a emancipação feminina destacados do ponto de vista anarquista, a participação das mulheres no movimento operário e as organizações femininas. Em um segundo momento, a escrita volta-se ao que denominei “tessitura” da emancipação, ou seja, o que é apontado como constitutivo do processo de libertação feminina: educação, novas bases familiares, amor livre, crítica à prostituição, à Igreja e às mulheres “burguesas”.

O último capítulo, “*A geração futura te bemdirá*”: *A Plebe reverencia as mulheres notáveis*, é destinado à reflexão sobre a construção da memória exemplar: que mulheres povoaram as páginas de *A Plebe*? Como foram representadas? Sobre o que escreveram? Destaco em um tópico as belas imagens femininas, representantes dos ideais libertários: *Liberdade, Anarchia* ou *Mãe-Anarchia, Revolução Social, Nova Aurora, Civilização*. Além disso, abordo a produção literária voltada à questão feminina, indicada na Biblioteca Social A Inovadora.

Por fim, gostaria de ressaltar, mais uma vez, a importância da pesquisa para a minha formação acadêmica, como ponto de articulação entre os questionamentos desenvolvidos no decorrer do curso de Jornalismo, nas várias disciplinas. Espero ter contribuído para o desenvolvimento da reflexão acerca da história da imprensa anarquista no Brasil e do olhar libertário sobre a emancipação feminina, certamente merecedor de destaque pela originalidade.

## 2. "É preciso empapelar o Brasil com nossa imprensa": anarquismo e movimento operário no Brasil

### 2.1 "No Brasil não existe 'questão social'!"

Segundo denunciaram exaustivamente os jornais anarquistas, esse era o discurso da imprensa conservadora, dos patrões e do Estado frente às reivindicações dos trabalhadores: não haveria do que reclamar neste país "abençoado por Deus", onde a natureza é tão exuberante e generosa.

Entretanto, as condições de trabalho na indústria nascente – no século XIX – ou no campo mostravam, de maneira irrefutável, o contrário. As contradições da sociedade capitalista eram sentidas na pele pelos trabalhadores, que cumpriam cargas horárias extenuantes e recebiam salários baixíssimos, que não asseguravam nem a própria sobrevivência e da família. As condições insalubres nas fábricas e a utilização de mão de obra feminina e infantil eram uma triste realidade: as mulheres recebiam a metade do salário de um homem, enquanto às crianças cabia 10%. "Além das vantagens econômicas, proporcionadas pela redução nos custos da força de trabalho, a mulher e a criança eram consideradas criaturas mais dóceis e de melhor adaptação à disciplina do trabalho"<sup>3</sup>. Os operários eram vítimas ainda dos acidentes constantes, que se tornaram cotidianos:

Os operários, sujeitos a doenças provocadas pela insalubridade do ambiente e pelo trabalho excessivo, ainda eram vítimas das engrenagens das máquinas que os deixavam mutilados e inválidos, quando não mortos. Os acidentes de trabalhos foram incorporados ao cotidiano fabril pela frequência com que ocorriam. O Departamento Estadual do Trabalho (DET) registrou, para o ano de 1917, 694 acidentes em fábricas. Os dados apontam que 359 trabalhadores foram 'apanhados por máquinas, ferramentas, peças e acessórios'. Segundo o DET, os acidentes dessa natureza ocorriam devido ao desprezo dos industriais pelas normas mínimas de segurança e ao desrespeito ao Regulamento Sanitário que estabelecia as regras de instalação dos maquinismos. Já em 1914, o DET reconhecia a 'violação completa das prescrições legais e dos mais mezinhos princípios de justiça e de humanidade'. Os industriais, no entanto, continuavam impunemente a menosprezar as normas legais.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000. A autora não concorda com a assertiva acerca do caráter "dócil" de mulheres e crianças, está apenas citando o discurso da época. Para um estudo mais detalhado, que mostra a resistência de mulheres e crianças no espaço do trabalho, nas primeiras décadas do século XX, ver RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>4</sup>LOPREATO, Christina. *Op. Cit.* p. 178.

De acordo com o pesquisador Jorge E. Silva, no artigo *O nascimento da organização sindical no Brasil e as primeiras lutas operárias*<sup>5</sup>, o país viu nascer as primeiras indústrias metalúrgicas e manufatureiras no início do século XIX: a fábrica de ferro de Sorocaba (1801), a fábrica de armas de Minas (1811), a indústria Mauá, em Niterói (1845). Em 1850, haveria cerca de 50 indústrias, entre fábricas de tecidos, alimentação, metalurgia e produtos químicos. Para ele, é nesse processo de industrialização, somado aos fatores da independência política, em 1822, do fim do tráfico de escravos, em 1850, e da abolição da escravatura, em 1888, além da cafeicultura, que se forma a classe operária brasileira,

associada à libertação dos escravos que constituíam já uma parte da mão-de-obra dos estabelecimentos comerciais e das manufaturas, a que se somaram milhões de imigrantes europeus, na sua maioria italianos, espanhóis e portugueses, além de contingentes menores de alemães, russos, suíços e de outras nacionalidades.<sup>6</sup>

Os primeiros registros de greves de trabalhadores livres são do Rio de Janeiro<sup>7</sup>. Vários historiadores consideram a mobilização dos tipógrafos, reunidos na Associação Tipográfica Fluminense, em 1858, como uma das primeiras greves. Samis pondera, entretanto, que foi no início da Primeira República, com o crescimento da malha urbana e da população nas cidades, que as reivindicações operárias ganharam uma expressão nunca antes verificada. Até o último quartel do século XIX, existiam associações de socorro mútuo, de caráter beneficente, que prestavam auxílio ao trabalhador e à família em caso de doenças, desemprego, morte etc. A partir das últimas décadas do século XIX, surgem associações com caráter de resistência, que vão coexistir com as associações de socorro mútuo e, mais tarde, com o sindicalismo amarelo, atrelado ao Estado<sup>8</sup>:

Com efeito, algumas tentativas de organização de núcleos de resistência ao novo quadro de exploração dos trabalhadores são postas em marcha ainda em fins do

---

<sup>5</sup> SILVA, Jorge. *O nascimento da organização sindical no Brasil e as primeiras lutas operárias (1890 - 1935)*. Disponível em: <[http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/o\\_nascimento%20da\\_organizacao\\_sindical\\_no\\_brasil\\_jorge\\_silva.pdf](http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/o_nascimento%20da_organizacao_sindical_no_brasil_jorge_silva.pdf)>. Acesso em jan. 2010.

<sup>6</sup> *Op. Cit.* SILVA, Jorge. p. 6.

<sup>7</sup> SAMIS, Alexandre. *Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. In: História do Movimento Operário Revolucionário. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.

<sup>8</sup> Para o aprofundamento acerca das associações de resistência, de socorro mútuo e do sindicalismo amarelo, ler: SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Dominus. 1966; BATALHA, Claudio H. M. (Org.). *Sociedades Operárias e Mutualismo*. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth, 1999 e BATALHA, Claudio H. M.. *O movimento operário na Primeira República*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; LUCA, Tania Regina. *Indústria e trabalho na História do Brasil*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

século XIX. Uma dessas entidades organizativas foi o Centro Operário Radical, que deu origem a alguns ‘Partidos Operários’ e as iniciativas de resistência no campo sindical. Um Centro de Classes Operárias, dirigido pelos reformistas ‘trabalhistas’, tendência de prestígio principalmente no Rio de Janeiro, também foi criado nesse período. No ano de 1901, Gustavo de Lacerda, sob inspiração de Tolstoi e Lamennais, escreveria o livro *O Problema Operário no Brasil* e, no ano de 1903, surgiria a Federação das Associações de Classe, seguindo o modelo da CGT francesa, no estado do Rio de Janeiro, posteriormente transferida para a Capital Federal, recebendo o nome de Federação Operária Regional Brasileira, em 1906. Em São Paulo, no ano de 1905, os sapateiros, pedreiros, marceneiros e chapeleiros fundavam a Federação Operária de São Paulo (F.O.S.P.) e, no ano do Primeiro Congresso Operário, no Rio de Janeiro, era criada a Federação Operária do Rio de Janeiro (F.O.R.J.).<sup>9</sup>

Nos anos seguintes, até a década de 1930, a história do movimento operário brasileiro estará entrelaçada à história do anarquismo no Brasil. Como bem disse Lopreato: “A relação entre movimento operário e movimento anarquista, tema central desta pesquisa, é constitutiva do perfil de ambos, de sua identidade social e política”<sup>10</sup>. O mesmo é dito por Toledo<sup>11</sup>, que se restringe à cidade de São Paulo, mas certamente poderia ampliar a opinião para várias outras cidades do país:

O anarquismo enquanto movimento organizado surge em um momento histórico muito preciso, na crítica à sociedade industrial e aos males do capitalismo. Como na Europa, o anarquismo brasileiro surge nesse contexto. É necessário, pois, compreender a experiência anarquista em São Paulo, nos primeiros anos deste século, como parte da história dos movimentos operário e socialista internacional.<sup>12</sup>

### 2.1.2 Ideias socialistas e anarquistas no Brasil

Em 1840, o engenheiro francês Louis Vauthier chega a Recife, por exigência da profissão. Nas malas, traz idéias fourieristas, para as quais encontra eco na cidade. Junto ao jornalista Antônio Pedro de Figueiredo, esforça-se em criar um espaço de debates socialistas e publicar folhetos, textos e revistas sobre as idéias de Fourier<sup>13</sup>. No mesmo ano, o médico

---

<sup>9</sup> SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.* p. 134.

<sup>10</sup> LOPREATO, Christina. *Op. Cit.* p. 217.

<sup>11</sup> TOLEDO, Edilene Teresinha. *Em torno do jornal O Amigo do Povo: Os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.* Disponível em: <[http://segall.ifch.unicamp.br/site\\_ael/publicacoes/cadernos/cad-8/Artigo-3-p89.pdf](http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/publicacoes/cadernos/cad-8/Artigo-3-p89.pdf)>. Acesso em: jan. 2010.

<sup>12</sup> TOLEDO, Edilene. *Op. Cit.* p. 4.

<sup>13</sup> SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.* François Marie Charles Fourier, socialista francês nascido em 1772. É considerado um dos “pais” do cooperativismo, tendo sido crítico ferino do economicismo e do capitalismo de sua época. Era adversário da industrialização, da civilização urbana, do liberalismo e da família baseada no matrimônio e na monogamia. Propôs a criação de unidades de produção e consumo – *as falanges* ou *falanstérios* – baseadas em uma forma de cooperativismo integral e auto-suficiente, assim como na livre perseguição do que

Benoit-Jules Mure vai ao sul do Brasil com o intento de fundar um “falanstério”, nos moldes apontados por Fourier. No ano seguinte, um grupo de técnicos franceses funda as colônias de Saí e Palmital, em Santa Catarina. O médico Mure fundaria, no Rio de Janeiro, o jornal *O Socialista de Província do Rio do Janeiro*, considerado um dos primeiros da imprensa socialista na América Latina. Nos anos seguintes, outras experiências rurais são levadas a cabo: colônia de Guararema, em 1888, São Paulo; colônia Vapa, no município de Assis, no interior de São Paulo; colônia Visconde de Mauá, na serra da Matinqueira, em 1908; a comunidade de Erebangó, no Rio do Grande do Sul, também já no início do século XX, e a Colônia Cecília, certamente a experiência mais conhecida, fundada pelo anarquista italiano Giovanni Rossi, em 1890<sup>14</sup>.

Esses foram episódios importantes do anarquismo no Brasil, quando buscou-se viver a anarquia, subverter a ordem burguesa a partir da instituição de novas relações entre os membros das comunidades, adotando-se valores anticapitalistas. Não foi à toa que esses exemplos incomodaram tanto as classes dominantes, que fizeram de tudo para, com o apoio do Estado, destruir essas experiências do anarquismo.

O anarquismo tem alguns princípios que o diferenciam das outras correntes socialistas, apesar do objetivo comum da sociedade sem classes, onde os meios de produção seriam de uso coletivo. Alguns dizem que é meramente uma diferença de “método”, mas os meios para se chegar à revolução social são bastante valorizados pelos anarquistas, ao longo de sua atuação revolucionária, pelo entendimento de que “os meios fazem os fins”, como disse a anarquista italiana Luce Fabbrí, em seu livro *O Caminho – até o socialismo sem*

---

chamava *paixões* individuais e seu desenvolvimento, o que constituiria um estado que chamava *harmonia*. Em 1808, Fourier já argumentava abertamente em favor da igualdade de gênero entre homens e mulheres, apesar da palavra feminismo só ter surgido em 1837. Entusiastas de suas ideias estabeleceram comunidades intencionais nas três Américas. O Falanstério do Saí em Santa Catarina e a Colônia Cecília no Paraná foram experiências práticas inspiradas por Fourier no Brasil, assim como La Réunion no Texas e a Falange Norteamericana em Nova Jersey, nos Estados Unidos. Os escritos de Fourier foram incluídos pela Igreja Católica no Index Librorum Prohibitorum.

<sup>14</sup> Sobre o assunto, ler: MUELLER, Helena Isabel. *Flores aos rebeldes que falharam*. Giovanni Rossi e a utopia anarquista. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999; GONÇALVES, Adelaide. *Uma viagem utópica ao Brasil do Século XIX: A experiência de Louis Léger Vauthier e Jules Benoit Mure (1842-1846)*. Disponível em: <<http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/60Gon%E7alves452.pdf>>. Acesso em: mai, 2010; GONÇALVES, Adelaide. *As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil*, E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X. Disponível em: <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>. Acesso em: mai, 2010; FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940 e VAUTHIER, Louis Legér. *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier (1840-1846)*. Rio de Janeiro: Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940.

*Estado. Em cada passo a realidade da meta*<sup>15</sup>. Essa preocupação com a via revolucionária fez com que o pensamento anarquista adotasse táticas e estratégias diversas das outras correntes socialistas. Ora, se um movimento fala em autogestão e ação direta, como poderá participar das eleições, um modelo burguês e alienante de política? Se a luta é por democracia direta, como se chega a isso com democracia participativa? Isso esclarece a opção pela ação revolucionária das massas oprimidas, ao invés do guia vanguardista que levará à revolução. O pensamento anarquista é radicalmente contrário a todo tipo de autoridade, daí a opção por uma organização do poder de forma ascendente, de baixo para cima, da circunferência para o centro, que se concretiza no modelo federalista, adotado pelas organizações anarquistas, pelos sindicatos revolucionários e estrutura preconizada para organização política com o advento da revolução. Há um equilíbrio na ênfase dada ao sujeito e à coletividade, para que não haja opressões – nem a tirania do indivíduo sobre a coletividade, nem o esmagamento das subjetividades.

No âmbito econômico, o anarquista Piotr Kropotkin, bastante lido no Brasil, falava contra o sistema de salários, defendendo a célebre máxima: "De cada um de acordo com suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades". Ou seja, há uma proposição de organização econômica, em que as pessoas trabalhariam, mas não venderiam sua força de trabalho, e os bens de consumo não seriam mercadoria – isto é, não haveria valor de troca<sup>16</sup>.

Na conjuntura de surgimento da questão social, formação da classe operária brasileira e de intensas mobilizações das associações de resistência, dá-se a inserção dos anarquistas no movimento proletário, o que o historiador Alexandre Samis chama de “vetor social” do anarquismo<sup>17</sup>.

Os anarquistas propunham, como princípio e modo de agir, a ação direta: manifestações, greves, sabotagens, e como grande arma revolucionária, a greve geral insurrecional. Os libertários passam a explicitar a contradição Trabalho / Capital a partir das experiências cotidianas dos trabalhadores, ou seja, utilizando-se da visão crítica do

---

<sup>15</sup> FABBRI, Luce. *O Caminho – até o socialismo sem Estado. Em cada passo a realidade da meta*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

<sup>16</sup> Ver DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. V. 1. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2006 e DEMINICIS, Rafael B.; ADDOR, Carlos Augusto. *História do Anarquismo no Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

<sup>17</sup> SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.*

anarquismo para explicar as contradições sociais sofridas por aquele segmento excluído da sociedade e para apontar caminhos emancipatórios, a partir da via autônoma e revolucionária.

Em 1906, aconteceu o 1º Congresso Operário Brasileiro, que adotou princípios baseados no sindicalismo revolucionário francês – neutralidade sindical, federalismo, descentralização, antimilitarismo, antinacionalismo, ação direta, greve geral<sup>18</sup>. O Congresso deliberou pela necessidade de fortalecer a propaganda entre os trabalhadores do campo e entre as mulheres, além da luta pelas oito horas diárias de trabalho, fim do trabalho noturno das mulheres e das crianças até 18 anos, fim do trabalho infantil, até os 14 anos, equiparação entre os salários de homens e mulheres, além da publicação do jornal *A Voz do Trabalhador*, que viria a se concretizar em 1908, sob os cuidados do militante Manuel Moscoso. O segundo e terceiro congressos aconteceram, respectivamente, em 1913 e 1920. Em 1912, o filho do presidente Hermes da Fonseca, o deputado Mário da Fonseca, organizou um outro Congresso Operário Brasileiro, que ficou conhecido como “Congresso Pelego”. A intenção era legitimar, com um número de sindicatos pequenos aliados ao Estado, as políticas que aquele governo queria impor à classe trabalhadora.

Cada vez aconteciam mais greves e as elites começam a se preocupar. Em 1907, é editada a primeira versão da Lei Adolfo Gordo, que regulamentava a expulsão de “elementos” estrangeiros subversivos – ou seja, trabalhadores imigrantes que desenvolviam algum tipo de militância nociva à ordem vigente. Com isso, mais de 1000 trabalhadores foram expulsos do país, e a lei foi reeditada, com atualizações, nos anos de 1913 e 1921, e, aliada à repressão policial, acabou por se constituir num dos fatores da crise do movimento operário. Chegou-se ao absurdo de “deportar” brasileiros natos, o que mostra a intenção escancaradamente repressiva da legislação.

Para além da atuação no meio sindical, os grupos anarquistas prezavam pelo desenvolvimento de uma cultura proletária, para o que contribuíam com a promoção de um vigoroso teatro social, que se propunha a “casar” arte e doutrina/pensamento social, bem como a existência de centros de estudo, de escolas racionalistas ou modernas, baseadas no pensamento e prática do espanhol Francisco Ferrer y Guardia, principalmente – como as que foram levadas a cabo em São Paulo, sob a direção de João Penteadó e Adelino de Pinho e a

---

<sup>18</sup> SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.* Ver também RODRIGUES, Edgar. *Sindicalismo e Socialismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Laemmert, 1969.

experiência da Universidade Popular, no Rio de Janeiro, fundada por Elísio de Carvalho e outros companheiros. Outras experiências aconteceram em Fortaleza, Petrópolis (em dois momentos distintos), Bauru, Porto Alegre, Belém do Pará e Rio de Janeiro.

Eram comuns também as sessões de cinema, os festivais organizados em solidariedade – a alguma publicação anarquista ou operária, companheiro preso, ou alguma causa, como a luta antimilitarista –, conferências, bailes. O formato desses festivais voltava-se sempre à “família proletária”, com “baile familiar”, quermesses e pretendia unir a diversão ao momento de discutir as causas sociais, formular o conhecimento e a visão crítica de sociedade coletivamente, com debates, estando a palavra sempre facultava aos “contraditores”, estimulando, assim, a contestação, a crítica construtiva.

Em torno desses jornais, centros de estudos e cultura social, estão os grupos anarquistas. Toledo<sup>19</sup> cita os mais influentes na cidade de São Paulo, no início do século XX: Grupo Socialista Anarquista "O Amigo do Povo", Círculo Educativo Libertário Germinal, Grupo Filhos da Era Anarquista, Grupo La Propaganda, Grupo Pensiero e Azione, Grupo Nuova Civiltà. Obviamente, alguns grupos se desfaziam, outros eram mais perenes, novos eram formados e os militantes percorriam várias dessas trajetórias, às vezes simultaneamente.

No período do jornal *A Plebe* sobre o qual me debrucei (1917-1927), eram outros os grupos: Centro Feminino Jovens Idealistas, Centro Libertário, Aliança Anarquista de São Paulo, Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, Grupo Philodramatico "Cultura Moderna", Centro Juventude do Futuro, dentre vários outros, que pareciam surgir a cada dia em todo o país. São abundantes as notícias sobre os grupos, de diversos caracteres, seja do ponto de vista da organização feminina, dos jovens, da cultura ou, de modo geral, dos anarquistas. Esses grupos buscavam se articular tanto nacionalmente como internacionalmente, por fidelidade ao princípio internacionalista do anarquismo, que não reconhece fronteiras nacionalistas para a luta dos trabalhadores.

Também por este período, em 1917, surgem as ligas operárias de bairro, uma forma organizacional que não congregava apenas anarquistas – embora houvesse a influência dos princípios anarquistas –, mas trabalhadores de um determinado bairro. Houve as ligas

---

<sup>19</sup> TOLEDO, Edilene. *Op. Cit.*

operárias do Cambuci, do Bom Retiro, do Brás, da Vila Mariana e também no interior de São Paulo<sup>20</sup>.

Em 1917 houve uma onda de greves iniciada em São Paulo em duas fábricas têxteis do Cotonifício Rodolfo Crespi e, obtendo a adesão dos servidores públicos, rapidamente se espalhou por toda a cidade, e depois por quase todo o país. Logo se estendeu ao Rio de Janeiro, e outros estados, principalmente ao Rio Grande do Sul. Teve forte influência libertária, considerada por Lopreato como um fator que possibilitou a resistência popular: “A deflagração da Greve Geral em julho de 1917 se tornou possível graças ao trabalho de propaganda e de ação libertária desenvolvido pelos anarquistas, desde a virada do século, junto ao operariado paulistano”<sup>21</sup>. O funeral do anarquista espanhol José Martinez, morto em confronto com a polícia, levou uma multidão indignada às ruas. Três dias depois, mais de 70 mil trabalhadores aderiam à greve. Armazéns foram saqueados, bondes e outros veículos foram incendiados e barricadas foram erguidas em meio às ruas. A carestia de vida e a crise dos gêneros alimentícios, vendidos a preços muito elevados, além das já conhecidas condições de trabalho, teriam sido, de modo geral, os fatores desencadeadores da greve<sup>22</sup>.

As exigências dos trabalhadores eram a liberdade para todas as pessoas detidas por motivo de greve; que ninguém fosse demitido por ter participado da greve; respeito ao direito de associação para os trabalhadores; fim do trabalho de menores de 14 anos nas fábricas, oficinas etc.; fim do trabalho noturno para menores de 18 anos; abolição do trabalho noturno das mulheres; aumento de 35% nos salários inferiores a \$5000 e de 25% para os mais elevados; que o pagamento dos salários seja efetuado pontualmente; garantia de trabalho permanente aos operários; jornada de oito horas e aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário.

Ao mesmo tempo em que a greve sacudia o Brasil, principalmente o eixo Sul-Sudeste e os jornais operários e anarquistas davam a conhecer os sindicatos que surgiam a toda hora, a Rússia estava em processo revolucionário. Larga publicidade foi dada ao episódio pela imprensa anarquista. Era a possibilidade real da transformação social, um acontecimento que dizia das chances de realizar um ideal; representava uma esperança e gerou muitas expectativas nos militantes brasileiros.

---

<sup>20</sup> LOPREATO, Christina. *Op. Cit.*

<sup>21</sup> *Idem.*

<sup>22</sup> *Ibidem.*

Primeiramente, os anarquistas estavam eufóricos com a Revolução Russa e publicaram inúmeros textos sobre o assunto, até um livrinho de autoria de Hélio Negro e Edgard Leuenroth, *O que é o maximismo ou bolchevismo - Programa Comunista*, lançado no dia 1º de maio de 1919. Realizaram conferências e debates sobre o tema. Até fins de 1919, são exaltados os pontos positivos da Revolução, como a supressão da prostituição e a preocupação com a educação e saúde da população.

Ainda em 1919, organizou-se uma campanha em solidariedade aos flagelados da Rússia. Entretanto, datam deste ano os primeiros textos publicados no jornal *A Plebe* criticando uma possível orientação autoritária na revolução, advinda do partido “bolchevista”. Os artigos na imprensa anarquista não são homogêneos, há espaço para militantes que confiam no caráter libertário da revolução, e militantes que fazem críticas ao partido, mas nunca à Revolução em si, como realização do povo russo. Por precaução, começa-se a publicar textos explicando a diferença entre anarquistas e maximalistas, de maneira que eu caracterizaria como serena e “didática”. A partir de 1921, no entanto, outras notícias chegam ao Brasil e dão conta do cerceamento à liberdade, do caráter autoritário da ditadura do proletariado e da posição subordinada que os soviets assumiram com relação ao partido comunista soviético. Uma das principais divulgadoras desse olhar anarquista sobre a Rússia é Emma Goldman, russa, viveu 32 anos nos EUA, onde militou ativamente e de onde foi deportada, em 1917, tão logo estourou a revolução em sua terra natal. Emma e o companheiro, Alexander Berkman, permaneceram na Rússia até dezembro de 1921 e dedicaram-se, após a saída do país, a revelar ao mundo o que estava acontecendo com a Revolução<sup>23</sup>. Outro referencial são os relatos do já veterano e respeitado anarquista Piotr Kropotkin, também de nacionalidade russa. É importantíssimo destacar – e isso foi repetido à exaustão na imprensa anarquista – que os libertários não estavam contra a Revolução Russa, mas contra a atitude dos burocratas do partido comunista que, segundo diziam, estavam “matando”, “sufocando” a revolução. Divulgou-se ainda as perseguições infligidas aos

---

<sup>23</sup> Para um olhar libertário sobre a Revolução Russa: ARCHNOV, Piotr. *Historia del movimiento machnovista*. Buenos Aires: Argonauta, 1926; GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007; MAKHNO, Nestor. *A "Revolução" contra a revolução: a Revolução Russa na Ucrânia (março 1917 - abril 1918)*. São Paulo: Cortez, 1988; ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007; VASSILEV, Pano. *A ideia dos soviets*. São Paulo: Faísca / Imaginário, 2008 e VOLIN. *A Revolução Desconhecida*. Vol. 1 – Nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917). São Paulo: Global, 1980.

anarquistas e a campanhas difamatórias que o PCUS tentou fazer contra os militantes do anarquismo mundo afora, inclusive destacando militantes para a Europa com este fim<sup>24</sup>.

Em 1919, por iniciativa de companheiros anarquistas do Rio de Janeiro, cria-se o Partido Comunista Libertário. Denominou-se partido, mas não tinha fins eleitoreiros e mantinha postura horizontal, sem hierarquias. Para Samis<sup>25</sup>, o Partido vinha preencher uma lacuna organizativa “que não cessava de crescer com a ampliação das atividades de militantes libertários no meio operário”, partindo da necessidade de um núcleo que pudesse encaminhar ações anarquistas em diversos setores da sociedade.

Em 1922, surge o Partido Comunista do Brasil, nos moldes dos outros partidos comunistas que estavam sendo fundados em todo o mundo, por influência da Revolução Russa. O fundador, Astrojildo Pereira, bem como os outros militantes, eram ex-anarquistas. Houve muitas disputas entre anarquistas e comunistas no movimento operário, chegando a episódios de agressão física, entretanto, considera-se que, até a década de 1930, a influência do partido comunista nos meios operários era reduzida.

Além disso, a vaga de repressão que se impunha era fortíssima, somando-se às ações violentas da polícia, que invadia sedes de organizações operárias e furtava os pertences dos trabalhadores, torturava, espancava, punha a cavalaria para atacar até mesmo crianças, idosos e mulheres que ousassem lutar/protestar contra o sistema vigente. Além das edições da Lei Adolfo Gordo, uma lei de imprensa, também da lavra do deputado, respaldou mais ainda as já comuns ações contra a imprensa anarquista ou operária. Os empastelamentos tornaram-se ainda mais freqüentes, e vários militantes foram presos na década de 1920 por quererem dar vazão e voz aos anseios por um mundo de liberdade e justiça.

Somado a isso ainda há a colônia penal de Clevelândia, uma espécie de campo de concentração para presos políticos, em Oiapoque, para onde o governo Arthur Bernardes enviou militantes indesejáveis – a maioria anarquistas, mas também militantes do movimento operário –, trabalhadores desempregados, presos comuns, mendigos, meninos de rua e soldados rebeldes, totalizando cerca de mil pessoas. Destes, mais da metade não sobreviveu aos horrores da colônia, que só veio a ser de conhecimento público após o estado de sítio, no

---

<sup>24</sup> *Os bolchevistas e os anarquistas - Os "caixeiros-viajantes" da Republica dos Soviets - Aos anarquistas e sindicalistas do mundo. A Plebe*, 19 dez. 1922. N. 198, p. 4.

<sup>25</sup> SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.*

início de 1927. As perdas para o anarquismo e para o movimento operário no Brasil foram irreparáveis, e a imprensa libertária chorou desesperadamente os companheiros assassinados, ao mesmo tempo em que se tentava reerguer novas resistências.

Um outro grande momento de desmobilização da classe operária aconteceu quando da criação do Ministério do Trabalho, em novembro de 1930. Grande parte dos sindicatos foi incorporada ao governo, excetuando-se os revolucionários. Estes continuaram a resistência e a disputa ideológica até a instalação do Estado Novo, em 1937, quando a repressão se intensificou de forma avassaladora, abolindo todos os sindicatos ditos “ilegais”.

## 2.2 Imprensa anarquista no Brasil

“É preciso criar uma escola em cada rua, uma tribuna em cada esquina; é preciso empapelar o Brasil com os nossos livros, com os nossos opúsculos, com a nossa imprensa.”

A frase acima é do anarquista Florentino de Carvalho, no texto *Pela organização da Legião Libertária*, publicado no n. 95 do jornal *A Plebe*, em 1920<sup>26</sup>. Para mim, a expressão “empapelar” soa vigorosa, digna do que era a imprensa anarquista em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX no Brasil – uma imprensa teimosa, que continuava a produzir materiais belos, mesmo com a repressão batendo à porta, mesmo quando os tipos eram embaralhados, as máquinas quebradas. É feita de insistências a história da imprensa anarquista. Feita de uma força de vontade e convicção intensas e lucidez acerca da importância das publicações, da necessidade de se “empapelar” esse mundo tão feio, cheio de injustiças e contradições. Feita de responsabilidade, de textos bem escritos, que davam conta do imaginário acerca da revolução social e da crítica ao capitalismo. Feita de sonhos, da doce nova aurora. Certamente, os anarquistas “empapelaram” o Brasil, no sentido de ocupar um espaço social e se constituir como cultura de resistência, no dizer de Foot Hardman:

Essa produção cultural, materializada na atividade da imprensa de propaganda anarquista, representa o que chamarei de *cultura de resistência*, dado seu papel aglutinador buscando manter a integridade ideológica e vivencial do operariado emergente, contra o sistema político dominante e em prol da chamada ‘emancipação social’. Se existiu uma ‘política libertária’ (oposta à política

---

<sup>26</sup> *A Plebe*, 18 dez. 1920.

institucional, vista em seu conjunto como burguesa), esta consistiu basicamente nessas atividades de propaganda: quero dizer que estão imbricados de forma global o sentido cultural e o sentido político da prática anarquista<sup>27</sup>.

A comunicação e a propaganda das ideias têm bastante relevo para os libertários. O jornal não era meramente um instrumento de ideologização, mas o lugar social onde se forjavam relações entre grupos de todo o país e internacionais. É o difusor da cultura social, do teatro, dos festivais, dos hinos libertários, dos belíssimos poemas em que se diz do porvir, da Anarquia, “essa senhora que não nos sai do pensamento”<sup>28</sup>, bem como do militante, que é valente, sofre nas prisões, mas nunca desiste de lutar pelos ideais de justiça e liberdade, pela emancipação social e o fim dos autoritarismos.

Certamente, não há lugar para meias palavras na imprensa anarquista. Ela exorta à luta, cutuca, instiga – não há tempo a perder com eufemismos, deve-se dizer a que veio e o que prega. As imagens fazem sonhar – para usar um termo acertadamente escolhido por Ângela Martins<sup>29</sup>. É preciso lutar contra o militarismo, fazer entender que os trabalhadores devem estar irmanados num mesmo ideal emancipatório – as nações são ficções criadas para dividir o proletariado: “a nossa pátria é o mundo inteiro”, no dizer de Neno Vasco. Grupos de outros países da América Latina e da Europa povoam as páginas dos jornais libertários, e cada vitória conquistada além é motivo para comemorar e reforçar as batalhas por aqui, na certeza de que o mundo caminha rumo à revolução social.

Essa imprensa gesta os comitês de solidariedade, de articulações de lutas; propõe rifas, promove festivais. Tem como proposta a educação, o gosto pela leitura, para o conhecimento da “questão social”. Um aspecto interessante eram as indicações de leitura – no jornal *A Plebe*, vinham sempre na quarta página, divulgando os livros da Biblioteca A Inovadora, editados em português, italiano e espanhol. Além disso, a leitura de outros jornais também era indicada, indo do simples anúncio do jornal, contendo preço e local onde encontrar, a resenhas contando a história do periódico, quem o editava e as temáticas

---

<sup>27</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. P. 309.

<sup>28</sup> *A Plebe*, 12 abr. 1924. N. 233, p. 1.

<sup>29</sup> MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Imprensa Libertária: palavras e imagens que fazem sonhar*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. XXXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz. Londrina: Associação Nacional de História/Editorial MídiaA. v. Único. p. 01-580.

abordadas em determinado número, num convite veemente à leitura. Havia revistas e jornais da Itália, França, Espanha, Portugal, Argentina etc.

Além do caráter internacionalista e da preocupação com a formação, impressionam esses redes estabelecidas entre os jornais e a natureza da relação, com ausência de rivalidade entre as diferentes publicações, mas um vivo interesse em divulgar a obra libertária. Trago aqui a voz de Zeferino Oliva, ativo militante do grupo editor d'*A Plebe*, que tanto escreveu no jornal quanto atuou em questões administrativas relativas ao periódico: "A imprensa anarquista é um elemento poderoso de confraternização e é um jorro de luz diaphana a esclarecer os cerebros dos povos, orientando-os e enveredando-os pela senda de sua integral emancipação de todas as tyrannias..."<sup>30</sup>

Hardman utiliza o conceito de material ideológico, emprestado de Gramsci, para caracterizar a imprensa libertária de temática proletária. O processo de constituição dessa imprensa em material ideológico acontecia, segundo ele, por meio da troca regular de periódicos, correspondência internacional, bibliotecas e notas bibliográficas, traduções de artigos e obras, viagens de militantes etc. A imprensa libertária, assim, numa época em que inexistiam os grandes meios de comunicação de massa, possuía papel decisivo:

... como veículo social de informação e formação: a imprensa operária, em particular, destaca-se por sua função de articuladora de interesses históricos de classe, como fator de agitação e propaganda, na tentativa de aglutinar elementos de uma consciência operária comum.<sup>31</sup>

Para Toledo<sup>32</sup>, a imprensa libertária tinha caráter de propaganda dos princípios anarquistas e era o meio de maior alcance social. Os temas abordados faziam o proselitismo das ideias anarquistas, puramente, ou versavam sobre assuntos relativos às classes trabalhadoras, imprimindo na construção do texto a visão crítica amparada nos preceitos anárquicos. Entendo isso como uma espécie de recurso "didático", que facilitava uma leitura revolucionária da sociedade capitalista, com o objetivo de despertar os proletários, a partir de suas condições, para a necessidade da luta, estando o anarquismo apontado como a melhor via para a emancipação social. Sobre o papel aglutinador da imprensa, de que fala Foot Hardman,

---

<sup>30</sup> *Fragmentos. A Plebe*, 9 set. 1922. n. 190, p. 4.

<sup>31</sup> HARDMAN, Foot. *Op. Cit.* p. 311.

<sup>32</sup> TOLEDO, Edilene. *Op. Cit.*

citado anteriormente, Toledo complementa, tomando como exemplo o jornal *O Amigo do Povo*:

Ainda que formalmente desconectados, os pequenos grupos gravitavam em torno de um núcleo de atração. O grupo reunido em torno do jornal *O Amigo do Povo* foi o mais importante no período. A imprensa teve em quase toda a história do anarquismo um papel capital como agente de ligação.<sup>33</sup>

O primeiro jornal anarquista, no Brasil, teria sido *Gli Schiavi Bianchi*, em italiano, editado em São Paulo, em 1892. Edgar Rodrigues, no artigo *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*<sup>34</sup>, lista muitas publicações: em São Paulo, *Il Risveglio*, anarquista, de 1893 a 1899; *L'Asine Umane*, em italiano, anti-clerical, editado de 1893 a 1894; *L'Avvenire*, em 1893; *Il Lavatore e Il Diritto*, sob a orientação de Gigi Damiani. Em 1898, o advogado Benjamin Motta inicia a publicação da revista de sociologia *O Libertário* e do jornal *O Rebelde*.

O primeiro jornal comunista-anarquista do Rio de Janeiro, segundo Rodrigues, foi *O Despertar*, publicado de outubro a dezembro de 1898, pelo Grupo Angielillo, dirigido pelo operário chapeleiro José Sarmiento Marques. Depois foi lançado *O Protesto*, dirigido por J. Mota Assunção (que chegou a escrever alguns textos n'*A Plebe*), em 1898.

Rodrigues cita 25 jornais cuja publicação iniciou-se até a década de 20. Dentre eles, destaco o jornal *A Lanterna*, do qual *A Plebe* se diz continuação – tinha conteúdo anticlericalista e foi publicado de 1901 a 1916, com várias interrupções. Ressurgiu de 1933 a 1935, sob orientação de Edgard Leuenroth.

Em 1903, surge o jornal *O Amigo do Povo*, editado por Neno Vasco, que mais tarde, em 1905, publicaria *A Terra Livre*, com Manuel Moscoso e Edgard Leuenroth. Em 1904, Oresti Ristori, Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai publicam *La Bataglia*, que, a partir do número 367, passou a ser *La Barricata*. No mesmo ano, em São Paulo, Ernestina Lesina publica *Anima e Vita*, “para defender o socialismo e a mulher”; *A Guerra Social*, também em São Paulo, de 1907 a 1922, com interrupções. *Germinal-Barricata*, São Paulo, dirigido por

---

<sup>33</sup> TOLEDO, Edilene. *Op. Cit.*

<sup>34</sup> RODRIGUES, Edgar. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*. Disponível em: <[http://www.portalgens.com.br/comcom/pequena\\_historia\\_da\\_historia\\_da\\_imprensa\\_social\\_no\\_brasil.pdf](http://www.portalgens.com.br/comcom/pequena_historia_da_historia_da_imprensa_social_no_brasil.pdf)>. Acesso em mai, 2010.

Florentino de Carvalho, em 1913. *A Rebelião*, São Paulo, também editado por Florentino de Carvalho, 1914.

No Rio de Janeiro: publica-se *O Libertário*, com Carlos Dias e Manuel Moscoso; a *Revista Kultur*, com Elísio de Carvalho e outros companheiros, grupo que funda a Universidade Popular; o jornal anarquista *Novo Rumo*, dirigido por Joel e Maria de Oliveira; *A Vida*, revista dirigida por Francisco Viotti e José Oiticica. Mais tarde, em 1918, *Crônica Subversiva*, dirigida por Astrojildo Pereira que, um ano depois, ajuda Oiticica a publicar o jornal *Spartacus*. Além disso, o jornal *A Voz do Povo*, órgão da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, foi editado em 1920, chegando a ser diário.

A imprensa era entendida como estratégia. O Manifesto-Programma, publicado no jornal *A Plebe*, número 177, em 1922, "dispõe" sobre vários temas: critério econômico, critério político, método de ação, a nossa organização (ou seja, dos anarquistas), a nossa ação na organização do proletariado, as nossas relações com as demais facções politico-sociais, como devemos agir na vida do país, em face da Revolução Russa, sobre a ditadura do proletariado, como entendemos a Internacional e, dentre esses assuntos, "a nossa imprensa". Nesse ponto, concitam os companheiros a prestarem apoio permanente às publicações e discutem a necessidade de pensar essa imprensa de forma estratégica, "com o intuito de corresponderem tanto quanto possível às necessidades da nossa obra", colocando que não se deve lançar uma publicação que seja apenas mais uma, "às vezes com o sacrifício das já existentes". Há sempre esse reconhecimento da dificuldade em torno da manutenção de um periódico, o que constitui um motivo a mais para sua valorização, além da importância na "obra de conscientização", para usar um termo bastante recorrente:

Por isso, entendemos que na feitura de nossas publicações deve-se ter sempre em vista que ellas se destinam não apenas aos elementos já conquistados ás nossas ideias, mas muito principalmente aos que ainda não as conhecem.

Tendo esse objectivo em vista, julgamos que forçoso é dar-lhes uma feição variada, para que sejam interessantes, tratando dos factos culminantes da vida do país e de todo o mundo, noticiando e discutindo o que se passa nos meios proletários e populares, de maneira a attrahir a atenção das pessoas que não pertencem ao nosso meio e fazer que junctamente com a materia de actualidade possam ser lidos os escriptos de character doutrinário.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> *Os anarquistas no momento presente - definindo attitudes. A Plebe*, 18 mar. 1922. N. 177, p. 1 e 4.

### 2.3 “Ao que vimos - Rumor à Revolução Social”: o jornal *A Plebe*

Era um sábado, 9 de junho de 1917. Surgia o primeiro número do jornal anarquista que viria a ser considerado o mais importante. Obviamente, esse jornal se beneficiou da experiência dos militantes que nele escreveram – pessoas que já haviam passado por vários outros periódicos libertários.

*A Plebe* foi apresentada, em seu primeiro editorial, como continuação do jornal *A Lanterna*, “jornal de feição anti-clerical especializada”<sup>36</sup>, dirigido – não em um sentido autoritário, de quem tem a última palavra, mas no sentido de quem “compila os textos”, sendo esta expressão, inclusive, utilizada por vezes em substituição à “direção” – também por Edgard Leuenroth. Além disso, o novo periódico libertário se dizia fruto do “momento gravíssimo”, a greve geral de 1917, se propunha a ser “éco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa plebe imensa” e defender, em suma, os valores da liberdade, justiça e igualdade.

Penso que iniciar a apresentação do jornal com o primeiro editorial pode soar algo “clichê”, mas ainda assim fiz a escolha, por reconhecer esse texto como prenhe das aspirações presentes no momento em que *A Plebe* veio a público. *Ao que vimos – Rumor à Revolução Social* é riquíssimo em metáforas significativas, bem escrito e apresenta muitos dos fatores que vão ser constitutivos do periódico por toda a sua existência. Com a palavra, Edgard Leuenroth:

A Plebe, como facilmente se verifica, é uma continuação da A Lanterna, ou melhor dizendo, é a própria A Lanterna que, attendendo ás excepcionaes exigencias do momento gravissimo, com nova feição hoje resurge para desenvolver a sua luta emancipadora em uma esphera de acção mais vasta, de mais amplos horizontes, com um integral programma de desassombrado combate a todos os elementos de oppressão que sujeitam o povo deste paiz, como o de toda a terra, á odiosa sociedade vigente, alicerçada por toda a sorte de misérias e de violências.

É como reflexo vivo dessa convulsão apocalyptica que surge A Plebe, filha dos ardentes anceios de uma pleiade de moços combatentes da phalange libertaria.

(...)

Vem este jornal ser um éco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa plebe imensa que desde os seringaes da Amazonia aos pampas sulinos, em terra, no mar, nas escuras galerias do sub-solo, nos ergastulos industriaes ou nos invios sertões vive sempiternamente a mourejar, em

---

<sup>36</sup> *Ao que vimos – Rumor à Revolução Social. A Plebe*, 9 jun. 1917. N. 1, p. 1.

condições de escravos modernos, para manter na opulencia os ladrões legaes que aqui, em má hora, viram a luz do dia, ou, como aves de rapina, aportaram de outras paragens.

(...)

Liberdade, egualdade e fraternidade só existem como uma grosseira expressão rethorica rotulando muita miseria e oppressão.

Urge, portanto, proseguir na obra dos abnegados de outrora para que, quando além das fronteiras convencionaes ruir fragosamente o arcabouço apodrecido do regimen social dominante também o povo desta terra, no arrebol de um novo e sublime 13 de Maio, conquista a sua alforria derradeira, fazendo com que o Brazil, passando a pertencer todos os seus habitantes, a todos proporcione uma vida folgada e feliz que a exuberancia trabalhada de sua riquezas naturaes permite.

É com esse objectivo que vem lutar A Plebe.<sup>37</sup>

A folha libertária, que se auto-denominou, por vezes, “porta-voz dos opprimidos”, em 1919, “periodico comunista-libertario”, a partir de 1922 e “periódico libertário”, em 1927, tentou, em todos os momentos, seguir à risca o que apresentou nesse editorial. Os textos analisam a conjuntura por que atravessava a classe trabalhadora e pregam o anarquismo, a partir de diversas temáticas. O jornal tinha uma escrita inteligente, cheia de um humor sagaz, delicioso, irônico. O atrevimento e irreverência me pareceram marcantes, bem como a doçura de quem sonha com a nova aurora, de quem fala em amor entre todas as pessoas. As páginas transbordam fraternidade, solidariedade e disposição para a luta por um mundo livre e justo.

*A Plebe* foi editada em São Paulo, geralmente com quatro páginas, que, às vezes, por problemas financeiros ou relativos à ofensiva do Estado, se reduziam a duas. A tiragem oscilou entre 9 e 10 mil exemplares. O jornal tinha seis colunas e havia uma divisão mais ou menos perene no que diz respeito à organização dos textos: primeira e segunda páginas, textos sobre conjuntura e pensamento anarquista; terceira página, dedicada ao movimento operário, e durante 1919 também à seção italiana *La voce dell’A Plebe*; na quarta página, ou os mesmos temas da primeira e segunda páginas, ou notícias relativas à organização do jornal – questão financeira, locais de distribuição por todo o país, grupos de amigos d’*A Plebe* –, resenhas de livros recebidos ou que estão prestes a ser lançados, divulgação de outros jornais anarquistas, mundo afora, e o quadro da Biblioteca Inovadora, com indicações de livros sobre anarquismo e temas afins, em português, espanhol e italiano.

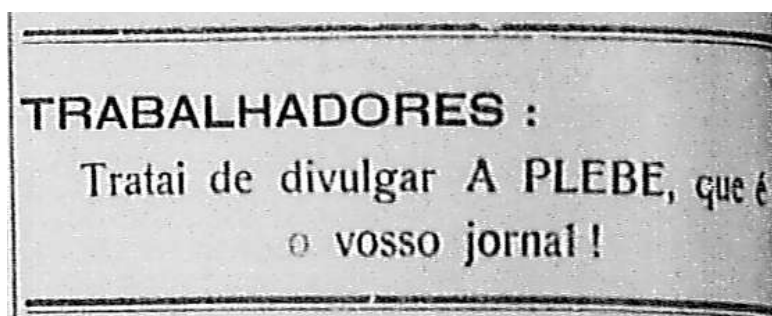
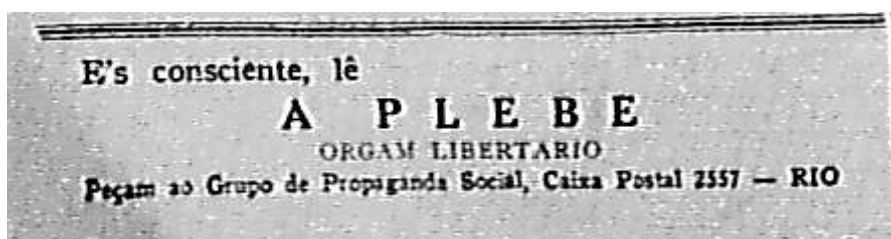
---

<sup>37</sup> *Idem.*

Ao lado do título do jornal – cuja fonte vez por outra mudava –, vinham epígrafes, uma ou duas, de diversos escritores ao longo dos anos, exprimindo uma opinião com a qual o jornal concordava. Não necessariamente eram anarquistas, embora estes fossem a maioria: havia frases de Darwin, Rousseau, Santo Ambrósio, dentre outros. Nas páginas do jornal também eram editadas frases curtas, soltas.

*A Plebe* era distribuída através de assinaturas, venda avulsa e pacotes do periódico a menores preços, para organizações sociais. O jornal estava presente em São Paulo, Estado do Rio, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Sergipe, Pernambuco, Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Pará, Ceará e outros estados, com o passar dos anos. Sempre havia uma relação dos "representantes" do jornal em cada estado – podiam ser pessoas, organizações ou simplesmente indicavam o local onde se encontraria o periódico. Certamente, quem distribuía o jornal na sua cidade ou estado de origem deveria ser, no mínimo, simpatizante da causa, então, o jornal, o cuidado com a manutenção dessa publicação, era uma maneira de os grupos estabelecerem contatos / relações entre si.

Em vários números havia um quadrinho aconselhando: “Depois de lerem ‘A Plebe’ os camaradas devem passal-a adiante, para maior divulgação das ideias libertárias.” Todos eram chamados a ler *A Plebe* e outros títulos da imprensa libertária. Apareciam quadrinhos convidando à leitura, como “Leiam A Plebe. Aparece aos sabbados. É dever de todos os operarios conscientes propagal-a.” E outros mais simples, somente “Leia A Plebe”.



Depois de lerem «A Plebe» os camaradas devem passal-a adiante, para maior divulgação das ideias libertarias.

DIVULGAE  
A PLEBE

A imprensa que se dizia dos trabalhadores e autônoma tinha dificuldades financeiras – além de outras, da ordem da organização do movimento e das ondas de repressão que a atingiam em cheio – para se manter, mas muito orgulho em dizer que era sustentada por trabalhadores, que ganhavam salários muitas vezes miseráveis e ainda assim compravam o periódico, iam aos festivais em benefício d’*A Plebe*. Essa questão, para mim, está ligada à preocupação dos anarquistas em manter coerência entre o discurso e a prática. Isso é dito várias vezes, com relação a diversas situações, dentre elas a imprensa. É constitutivo do jornal, deixando claro para quem ele vai se dirigir, ao lado de quem se coloca, e demonstrando que é possível desenvolver bons projetos sem precisar de patrões ou do Estado. Como era um projeto coletivo, sustentado pelos militantes que o liam, o jornal estava sempre prestando contas, num quadro denominado “Finanças” ou em “Munições para A Plebe” e chamando os leitores à ação: venda de assinaturas, indicação da leitura d’*A Plebe* a outros companheiros, rifas de objetos doados, visando sanar as dívidas do periódico, que infelizmente o acompanharam durante toda a trajetória.

Dentre as questões que mais destaque tiveram, estão as terríveis condições de trabalho – situação enfrentada por homens, mulheres e crianças –, a carestia da vida, incluindo aqui os altos preços dos gêneros alimentícios e do aluguel, a deportação dos militantes estrangeiros – o que rendeu várias campanhas de solidariedade –, questões relacionadas à “família proletária”, ao trabalho das mulheres e das crianças, à educação, à sexualidade, à prostituição. Como continuação do jornal *A Lanterna*, foram publicados diversos textos de conteúdo anticlerical – o que, aliás, foi promessa feita no editorial primeiro de *A Plebe*. Havia espaço para o cultivo da literatura social, teatro social – divulgação de peças teatrais de Neno Vasco, Pietro Gori, Gigi Damiani, dentre vários outros.

Era o cotidiano nas vilas operárias, as greves, as reuniões das diversas organizações de classe; fazer a crítica aos burgueses e seus costumes, tidos como bizarros e imorais, geralmente associados à uma vida fácil e de orgias, na medida em que esbanjavam dinheiro e tantas pessoas morriam de fome. Ironizavam bastante a ideia de “ordem” que a burguesia e a

imprensa conservadora tentavam contrapor a uma estereotipada “desordem” promovida pelos anarquistas. O contra-discurso era forte, os libertários mostravam as contradições da sociedade capitalista e deixavam claro que isso é que era a “ordem” burguesa.

Interessante observar o que foi dito sobre o próprio movimento anarquista. Havia espaço para auto-crítica no jornal e os libertários apontaram problemas, como a ausência de alguns companheiros nas lutas sociais (sem citar nomes), estando “encerrados na torre de marfim do anarquismo” – metáfora recorrente para os que se negavam ou se omitiam a uma atuação social –, ou como divergências entre teoria e prática, inclusive prática no sentido de postura como pessoa, com os colegas, com a família – ser autoritário nos ambientes onde está presente, oprimir outras pessoas era apontado como algo anti-anarquista e havia muito cuidado em tentar cultivar uma imagem do libertário integral, extremamente coerente, anarquista todas as horas do dia. Nessa mesma linha de pensar o anarquismo e os anarquistas, um dos temas mais importantes era a organização do movimento libertário, como deveriam se articular os grupos, como deveriam atuar junto às organizações de classe. *A Plebe* fazia questão de divulgar, com muito júbilo, notícias sobre o surgimento de vários grupos anarquistas durante o período que estudei, por todo o país. Houve preocupação com a situação no campo e com o Nordeste, lembrado pelas secas e o coronelismo, de início, mas depois pela ação dos grupos anarquistas e sindicatos surgidos.

O movimento internacional, os exemplos de luta vindos de fora também animaram as páginas d’*A Plebe*. A Revolução Russa – o que acontecia por lá, como prestar solidariedade, diferenças entre anarquismo e maximalismo / bolchevismo, ditadura do partido comunista da URSS – gerou inúmeros debates, que com certeza dariam, por si só, uma excelente pesquisa. Como internacionalistas, os libertários ainda dedicaram boas páginas à luta antimilitarista, partindo do ponto de vista de que os soldados são pessoas do povo que vão se matar em prol dos interesses das burguesias nacionais, quando deveriam estar unidos internacionalmente para construir a revolução social. Já na década de 1920, uma outra temática discutida vigorosamente era a forma de atuação anarquista no movimento sindical, e as dúvidas ficavam por conta da diferença entre anarcossindicalismo e sindicalismo revolucionário. Este último, de modo geral, parecia ter mais aceitação entre o grupo que editava e colaborava com *A Plebe*.

A repressão aos militantes anarquistas e/ou operários teve amplo destaque, e no último ano que observei, 1927, *A Plebe* chorava a triste história dos companheiros mandados à Clevelândia. Muitos foram os textos denunciando o horror sofrido ali; muitas as fotos lembrando os dedicados companheiros, acompanhadas de palavras que davam a conhecer seus feitos pelo anarquismo e pelo movimento operário.

Dentre os colaboradores do jornal, estiveram Edgard Leuenroth, que dizem ser dono do pseudônimo Demócrito, bastante atuante; Astrojildo Pereira usava ora o próprio nome, ora o pseudônimo Astper e manteve a coluna Guanabarinhas, com notícias do Rio e comentários bastante ferinos; o advogado Roberto Feijó manteve a coluna Gazetilha de Satã, na mesma linha de Guanabarinhas, mas sem se restringir ao Rio de Janeiro; o também advogado Benjamin Mota, veterano anarquista, que inclusive anunciava seus serviços no jornal, de vez em quando; Gigi Damiani, que desconfio ser também o Gigi Amor; Manuel Perdigão, Elmano de Andrade, Arsênio Bittencourt, José Oiticica, Fábio Luz, Everardo Dias, Evaristo Moraes, Angelina Soares, Antônia Soares, Isabel Cerruti, Maria Lacerda de Moura, Thereza Escobar, Andrade Cadete, Affonso Schmidt, Octavio Brandão, Florentino de Carvalho, Claudio de Azas, Antonio Trotte, Domingos Ribeiro Filho, Ricardo Mella, Adelino de Pinho, Zeferino Oliva, Domingos Braz, Marques da Costa, João Russo, Lírio de Rezende, Raymundo Reis, Rodolfo Felipe, Cecílio Martins, Manuel Campos e Pedro Augusto Mota<sup>38</sup>, estes últimos quatro tendo sido os redatores responsáveis pelo jornal, depois de Edgard Leuenroth. Houve muitos outros que escreveram mais espaçadamente e alguns pseudônimos bastante atuantes, como Simplício, Uranus, Osíris, Mano Chico e outros que apenas se diziam “um ferroviário”, “um maximalista”, “uma operária”. Além de tudo, muitos textos não eram assinados.

Havia textos do geógrafo e anarquista francês Elisée Reclus, do também geógrafo e anarquista, russo, Piotr Kropotkin, do teórico e militante anarquista italiano Errico Malatesta – provavelmente o mais publicado –, do anarquista russo, um dos fundadores da AIT, Mikhail Bakunin, do escritor russo Léon Tolstói, que não se considerava “anarquista”, mas era

---

<sup>38</sup> Pedro Augusto Motta, gráfico, escritor, poeta, militante anarquista. Tem uma trajetória de militância muito rica, conquanto efêmera, que inicia na década de 1910 e finda com sua morte, provavelmente em 1926. Militante na Associação Graphica do Ceará, na União Geral dos Trabalhadores e na Federação dos Trabalhadores do Ceará, para citar apenas alguns exemplos, foi um dos mais ativos escritores do jornal Voz do Graphico (jornal da Associação Graphica do Ceará), destacando-se como organizador do movimento Operário no estado do Ceará e em São Paulo. Devido a sua atuação como militante, Pedro Motta sofreu muitas perseguições por parte de patrões e da imprensa burguesa cearense. Acabou tendo que migrar para São Paulo, para sua própria subsistência, onde continuou sua militância como redator d'*A Plebe*.

bastante simpático às idéias de Joseph Proudhon e Kropotkin, sendo considerado por muitos como “anarquista cristão”; do pedagogo, jornalista e anarquista francês Sebastien Faure, da *communard* anarquista Louise Michel, do anarquista suíço, militante da AIT e fundador da Federação do Jura, James Gillaume e outros militantes internacionais menos conhecidos. Até 1921, havia textos de Vladimir Lenin (Lenine) e Léon (Leão) Trotski.

A parte gráfica da publicação era muito bem cuidada. Havia capricho nos títulos de colunas como a *Mundo Proletário*, da página três, ou em torno de poemas, e as imagens merecem destaque, pela força com que representam o ideal e alimentam o imaginário revolucionário.

As imagens d’*A Plebe* eram um texto, não eram ilustrações de artigos. Contavam uma história, flagrante do dia a dia de sofrimentos dos trabalhadores; incitavam à revolta e à ação; denunciavam Igreja, Estado e Capital, fosse associando-os a imagens horrendas ou utilizando-se de humor, sarcasmo e deboche; propagandeavam o ideal, a bela Anarchia, a Revolução Social, sempre em marcha, respaldada pela ação das massas, a força do Proletariado, unido e solidário. Vinham geralmente na primeira página.

No 1º de Maio de 1919, a capa do jornal especial, que saiu com duas páginas naquela edição, foi dedicada à imagem da Revolução Social. A alegoria era tão importante que *A Plebe* explica, na página do verso, que o jornal foi editado apenas com duas páginas, mas “os amigos e camaradas nada perdem, pois só a ilustração vale por todo um número”.

A Revolução Social<sup>39</sup>, uma mulher altiva e decidida, ao mesmo tempo serena, é gigante e marcha tranquilamente, foice aos ombros. Aos seus pés, o globo terrestre. Ela tem um pé na Rússia e outro na Hungria, e não para de avançar. Por trás, uma multidão, punhos erguidos. À sua frente, tentando detê-la, com semblantes atônitos e desesperados, homens e mulheres bem-vestidos segurando placas: caftens, moços bonitos, sociedade das carolas, imprensa reacionária, mentiras. Outros personagens trazem divisas às costas: capitalismo (um homem, o mais gordo de todos, como não podia deixar de ser, com uma cartola na cabeça e um enorme sobretudo), diplomacia, oligarchias, jesuítas, amigos da força, entre outros. Chamam a atenção os elementos que dizem respeito às mulheres, especificamente: carolas e caftens. Legenda: “A Revolução Social em marcha contra os seus inimigos”.

---

<sup>39</sup> *A Revolução Social Marcha contra seus inimigos. A Plebe*, 1º mai. 1919. n. 11, p. 1.

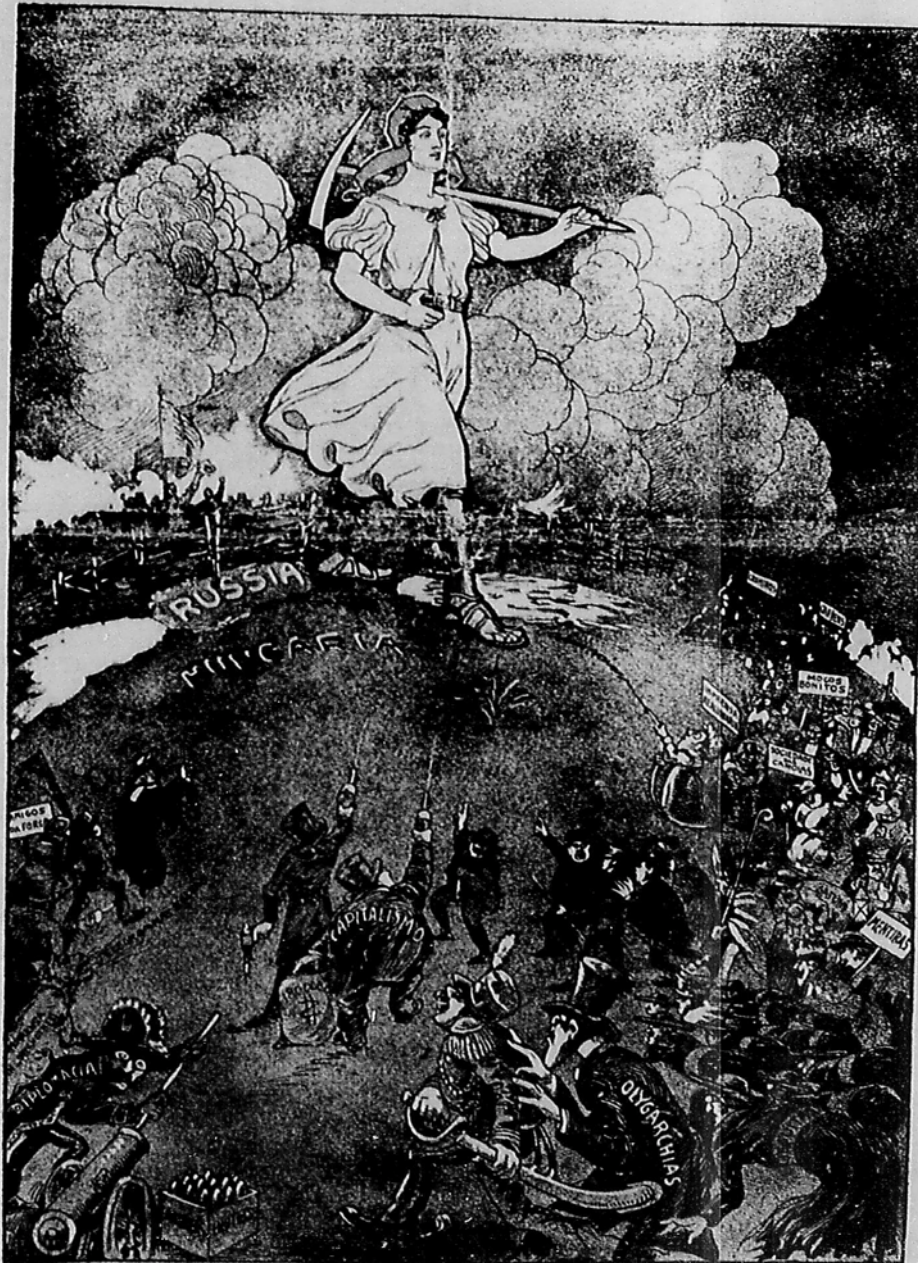
# A PLEBE

CÍRCULO ALFA DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS

ASSIGNATURAS  
ANNO 102000 — SEMESTRE 63000  
Número anual: De semana, 3100; sábado, 6200  
As assignaturas começam sempre no 1.º do mês em que são lançadas

Redação e Administração:  
Rua 15 de Novembro, 16 (Sobradão) — S. PAULO  
Endereço: Caixa Postal, 195

ANNO II — NUM. 11  
São Paulo, 1.º de Maio de 1919  
PUBLICA-SE AOS SÁBADOS



A Revolução Social em marcha contra os seus inimigos

Além disso, o jornal publicou, por vezes, fotos de manifestações, comícios, de companheiros mortos devido à luta social ou deportados, vítimas de perseguição, bem como fotos de grandes vultos do anarquismo e do socialismo de modo geral, como é o caso de Errico Malatesta e Piotr Kropotkin, com imagens dos dois em idades diferentes, Rosa Luxemburgo, Francisco Ferrer y Guardia, Louise Michel, Bakunin, Tolstói e escritores da literatura social, como Maximo Gorki e Emile Zola. Essas fotos aparecem no sentido de memoriar os momentos e militantes do movimento e impulsionar a continuidade da luta. Reproduzo algumas fotos: do enterro do sapateiro anarquista José Martinez e do próprio companheiro assassinado<sup>40</sup>; dos companheiros que passaram por Oyapoque<sup>41</sup>; dos teóricos do anarquismo e militantes internacionais, Errico Malatesta,<sup>42</sup> Piotr Kropotkin<sup>43</sup> e de Tolstói<sup>44</sup>.



---

<sup>40</sup> *A Plebe*, 21 jul. 1917. n. 6.

<sup>41</sup> *A Plebe*, 26 fev. 1927. N. 246

<sup>42</sup> *A Plebe*, 31 mai. 1919. n. 15.

<sup>43</sup> *A Plebe*, 4 set. 1920. n. 80.

<sup>44</sup> *A Plebe*, 10 set. 1919. n. 3.



José I. Martínez, o desventurado companheiro, membro do Grupo Jovens Incanaveis, assassinado durante a greve

### Um precursor da Russia de hoje



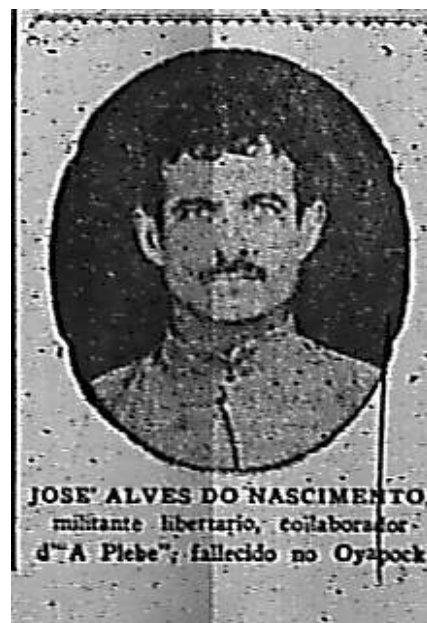
Leon Tolstói, o philosopho libertario, cercado por sua familia



*HENRIQUE MALATESTA, o in-  
ançavel propagandista libertário  
que, refugiado em Londres desde os  
acontecimentos revolucionários de An-  
cona, se prepara para regressar á  
Itália, assim de redactar o diário anar-  
chista "Umanità Nuova", despre-  
zando os riscos do processo com que  
o ameaça a justiça da burguezia ita-  
liana.*



PEDRO KROPOTKINE



Uma produção efervescente, que agrupava tantos militantes, despertou a ira dos setores dominantes e várias foram as tentativas de “esmagar” a publicação, fosse pela proibição da remessa através dos Correios ou das vendas avulsas, em bancas de jornais, ou pelo empastelamento e quebra das máquinas. Quando em época de repressão, o jornal era

impresso precariamente, chegando a sair mutilado, com espaços em branco, até como forma de denunciar a repressão<sup>45</sup>.

Em 1917, o jornal foi publicado de junho a novembro. Em outubro, Edgard Leuenroth foi preso, devido à participação na greve geral daquele ano. *A Plebe* ainda continuou por, mais ou menos, um mês, sendo impressa nas oficinas do jornal *O Combate*. Reapareceu em janeiro de 1919, semanalmente, até o fim de agosto. De 7 de setembro a 1º de novembro, foi publicada diariamente, com muita alegria e entusiasmo, até o empastelamento das oficinas por estudantes e a polícia, o que pôs o jornal em sérias dificuldades.

Em novembro de 1919, *A Plebe* volta a ser publicada semanalmente, permanecendo assim até dezembro de 1920, quando, devido à repressão, cinco números são publicados no Rio de Janeiro, embora o grupo responsável continuasse a ser o de São Paulo. De dezembro de 1920 a janeiro de 1921, houve duas edições por semana. O periódico volta a ser semanal, até maio de 1921. Cinco números são publicados sob a direção de companheiros do Rio, em formato menor. A edição volta a ser feita em São Paulo, no formato menor. Publicam três números, sem periodicidade certa, até 11 de novembro de 1921.

Em março de 1922, *A Plebe* volta a ser publicada, aparecendo quinzenalmente até abril de 1924, quando passa a semanal. O último número antes do estado de sítio é de 24 de julho de 1924, período da “Revolução Paulista”<sup>46</sup>. Foram três longos anos até a volta, em 1927, com publicação quinzenal. Nesse meio-tempo, o assíduo colaborador e redator auxiliar, Pedro Augusto Mota, foi mandado para a Clevelândia, onde faleceu, junto de outros militantes. Ocorre nova interrupção em agosto de 1927, mas, entre idas e vindas, *A Plebe*, “a phenix que sempre ressurgue das cinzas”<sup>47</sup>, ainda foi publicada até 1951, com várias interrupções.

Por outro lado, é bom lembrar as demonstrações de solidariedade, que foram o verdadeiro sustentáculo do periódico nos tempos de crise. Chegavam muitas cartas em apoio e diversos festivais foram organizados em benefício do jornal ao longo desses dez anos que pesquisei. Por todo o país havia grupos de Amigos d’*A Plebe*, criados para promover eventos

---

<sup>45</sup> É o caso de *A Plebe* de 1º de novembro de 1919. Sob o título *O empastellamento das oficinas d’A Plebe*, o agressivo espaço em branco, denunciando a repressão.

<sup>46</sup> ROMANI, Carlo. *A revolta de 1924 em São Paulo: uma história malcontada*. In: ADDOR, Carlos Augusto. DEMINICIS, Rafael (org.). *História do Anarquismo no Brasil vol. 2*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

<sup>47</sup> *A Plebe*, 1º nov. 1919. N. 42, p. 1.

sociais para propagandear o jornal. O próprio periódico não fazia uma abordagem “vítimizante” das suas desgraças, mas procurava sempre “positivar” o fato de o jornal continuar a resistir, mesmo com todas as adversidades, e isso acabava se transformando, quase sempre, numa interpelação a que se aderisse a essa empreitada de manter um jornal libertário, entendido como uma das trincheiras de luta pela revolução social:

Buscas, cercos, assaltos, empastelamento, incendio de suas sédes e officinas; perseguições, deportações, prisões, processos dos componentes do seu grupo; confisco de suas edições, interdição de sua circulação no Correio - tudo tem sido baldado, pois, rompendo o circulo de ferro em que a pretendem encerrar, a gazeta anarchica prosegue em sua obra de libertação humana, estigmatizando a acção odiosa dos potentados e concitando a phalange immensa dos opprimidos á luta sem treguas contra os tyrannos do capitalismo, esteios moraes e materiaes do regimen draconiano que enche a vida da massa laboriosa de penuria, de injustiça e de miseria para gaudio de uma minoria parasitaria e corrupta.

Camaradas! Com a vossa ajuda, com o vosso esforço permanente, com os mil réis arrancados ao vosso parco salario, viveu este vosso jornal sete annos de batalha em prol de nossa causa - a causa grandiosa, fulgurante da Anarchia redemptora.

Fazei-a viver ainda e sempre, pois a nossa luta será prolongada e cada vez mais activa, mais ardorosa, mais decisiva.

Tudo nos leva a crer que o regimen burguez está nos estertores de sua agonia e que o dia radiante da victoria libertaria não virá longe.<sup>48</sup>

A importância da imprensa anarquista era repetidamente afirmada e reafirmada. Seria interessante analisar os textos publicados pelo grupo editor do jornal durante a campanha pela *Plebe* diária, que durou de maio de 1919 a agosto do mesmo ano. Falou-se da relação desse jornal com os movimentos sociais, destacadamente o movimento operário, e buscou-se marcar as diferenças cruciais entre a imprensa rubro-negra e a imprensa conservadora, que serve aos interesses do capitalismo e se mantém apenas por motivação econômica – criticada e ironizada desde a abordagem das greves e outras problemáticas sociais ao *layout* “espalhafatoso”, chamado n’*A Plebe* de “bluff”<sup>49</sup>. Percebe-se que já no primeiro texto pela *Plebe* diária, de maio, eles dizem “mais do que nunca se evidenciou agora a necessidade

---

<sup>48</sup> *Anniversario de A Plebe. A Plebe*, 7 jun. 1924. n. 239, p. 1.

<sup>49</sup> *A Plebe*, 28 mai. 1921. N. 119. Coluna *Entre nós*. O texto marca as diferenças entre a imprensa dita burguesa e a imprensa operária. O jornal proletário, "por sua mesma natureza originaria e fatalistica, em nada poderá assemelhar-se ao jornal burguez. Nem mesmo na aparência. (...) Nossos jornais não têm nada com isso. Elles valem e devem valer pela seriedade das informações, e sobretudo pela substancia das idéas pregadas e defendidas. Si o gosto do povo está viciado e estragado, mais uma razão para reeducal-o convenientemente. Contribuir, com a nossa transigencia com os processos burguezes, para um maior viciamento, além de detestável, seria obra radicalmente contraria aos nossos fins."

premente de uma imprensa genuinamente nossa”. Esse “mais do que nunca” é devido à conjuntura de fortes agitações, de greves pipocando em todos os cantos. Era uma conjuntura animadora, e uma “imprensa genuinamente nossa” era entendida como mais um fator para fazer precipitar as agitações e fortalecer a caminhada pela revolução social. Deste dia até o início de setembro, quando o jornal passa a ser diário, todos os números falam da necessidade da *Plebe* diária:

É urgente, pois, que todos os grupos, e em todas as localidades, se interessem de modo positivo pela nossa iniciativa, organizando listas de assignantes certos, consultando os actuaes, avisando-nos dos exemplares que se perdem por não existirem mais na localidade as pessoas ás quaes A Plebe semanal é hoje enviada e, sobretudo, angariando dinheiro para o jornal, fazendo circular listas de subscrição entre os amigos e os sympathisantes, promovendo festas, emfim, juntando recursos da maneira que for mais praticavel.

(...)

O mundo não se conquista só com as armas. A burguesia internacional não teria convencido os proletarios de todos os paizes á chacina, sem o auxílio de toda a imprensa vendida e sem amordaçar a escassa imprensa independente e livre.

Quanta obra de propaganda não têm feito os nossos modestos jornaes semanaes?!... Calculai, portanto, o que pôde fazer o nosso jornal diario, cujo primeiro resultado será o de obrigar também os demais jornaes diarios a se preocuparem com a questão social e operaria por amor da... gaveta, para não perderem leitores, ou melhor, o tostão do leitor.<sup>50</sup>

A mesma importância que atribuíam ao jornal *A Plebe* era atribuída a toda a imprensa libertária, a outros periódicos, amplamente divulgados e saudados, formando uma espécie de rede de solidariedade entre as publicações libertárias. Há, inclusive, diversas campanhas em prol de outros jornais, e, provavelmente, se eu analisasse outros periódicos, encontraria campanhas pela *A Plebe*. A solidariedade era uma marca: em diversos períodos de repressão o jornal publicou notas dizendo que estava sendo impresso nas gráficas d’*O Combate*.

Fica muito claro que não havia “revanchismo” ou disputa entre as publicações, fossem do Brasil ou de Portugal, Espanha, Itália (o jornal *A Plebe* vendia exemplares do *Humanità Nuova*, editado por Malatesta), Argentina e outros países da América Latina.

Sob o título de *Mais um jornal nosso* ou *A nossa permuta*, falou-se sobre o surgimento de um novo periódico, seu caráter, quem o editava e até índices de conteúdo e resenhas foram publicadas. *A Plebe* recebia os jornais e divulgava endereço para contato e

---

<sup>50</sup> *A Plebe diária. A Plebe*, 24 de mai. 1919. N. 14.

orientação do informativo. Alguns dos títulos que aparecem: *Questão Sociale*, de São Paulo, *Alba Rossa*, da Itália, revista *O Debate*, *A Sementeira*, *La Protesta* e *La Antorcha*, da Argentina, *Avanti!*, da Itália, *Tierra y Libertad*, *La revista Blanca* e *Solidariedad Obrera*, espanhóis, *A Batalha*, diário português, *A Seara*, *Liberdade*, *Luta Social*, jornal *Revolução Social*, do Rio de Janeiro, *A Razão*, de Bauru, *Tribuna do Povo*, de Recife, *A Obra* (sob direção de Florentino de Carvalho), *A Vanguarda* (houve uma campanha para que fosse diário, o que aconteceu em 1921), *O Combate*, de Fortaleza, *Revista Liberal*, de Porto Alegre e *Fede!*, da Itália, editado por dois companheiros deportados do Brasil. São jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, capital e interior, Belo Horizonte, Recife, Paraná, Rio Grande do Sul, Alagoas, Pará. Eles chamam à leitura:

Os companheiros já leram o último número do 'Spártacus'?

Pois se ainda não tiveram essa felicidade, é ir procural-a por cem réis, á primeira esquina.

O ultimo numero do 'Spártacus' está um primor. Um artigo inédito de Sebastian Faure, collaboração de conhecidos intellectuaes, noticias sobre a reacção no Rio, etc.

Companheiros! Depressa! Antes que acabe! Comprae o Spartacus...<sup>51</sup>

É importante compreender a imprensa libertária dentro do esforço de formação dos militantes. Essa categoria também se estende aos livros, opúsculos, folhetos. Tudo o que foi publicado no período visava à formação de uma visão crítica de sociedade, que levaria à ação e construção da revolução social, da “Anarchia”:

'A Plebe' é um jornal que divulga os ideaes de regeneração humana. Por todas as partes deste paiz, os trabalhadores acham-se na mais profunda ignorancia de seu destino, mas agora reaparece este jornal, que lhe póde cultivar o cérebro com ideias novas, tornando-os homens livres, emancipados, aptos para lutar em defeza da liberdade e da justiça.

(...)

Não nos esqueçamos do valor educativo da imprensa proletaria, da bibliotheca, obras sociologicas, da propaganda emancipadora do proletariado por meio de livros, opusculos e conferencias, porque, assim, fazemos com que as novas ideias nos conduzam para a cidade do amor, da paz, da liberdade, da fraternidade e da justiça<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> *A Plebe*, 14 out. 1919. N. 32.

<sup>52</sup> *O nosso jornal. A Plebe*, 12 fev. 1927. N. 245, p. 2.

A propaganda, o esforço de divulgação dos “ideaes de regeneração humana” têm caráter anarquista e são voltados aos trabalhadores. Era um jornal anarquista, tinha um lado bem claro, uma intenção de estreita relação com o movimento operário, considerado importantíssimo. Como disse anteriormente, a página três de *A Plebe* era quase que completamente dedicada a questões da organização do movimento sindical – relatos das assembleias de classe, convite a reuniões, notícias de greves, “indicador operário”, seção que trazia uma lista de organizações de classe, com os respectivos endereços –, e as coberturas das greves eram muito ágeis, às vezes sendo a periodicidade do jornal aumentada, editando-se números especiais sobre o assunto, que davam conta da repressão, da resistência e mobilizavam a solidariedade, em torno de comitês e festivais em benefício dos companheiros e suas famílias.

<b>INDICADOR OPERARIO</b>	
UNIÃO DOS TRABALHADORES GRAFICOS — Rua da Quitanda, 4, 2.º andar;	DE TECIDOS — Sede principal: Rua Joly, 175, telephone, 1645 (B. S.);
UNIÃO GRAPHICA DOS LITHOGRAFICOS — Rua do Seminário, 31;	<i>Succursales:</i>
UNIÃO DAS COSTUREIRAS E ALFAIATES PARA SENHORAS — Rua da Quitanda, 6;	Belémzinho — Avenida Celso Garcia 408 telephone, 1220 (Bras);
UNIÃO DOS OFFICIAES DE BARBEIRO E CABELLEIRO — Rua da Quitanda, 4 2.º andar;	M. óca — Rua Borrea de Figueiredo 37 telephone, 1669 (Bras);
UNIÃO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS — Rua Marechal Deodoro, 6;	Cambuey — Largo do Cambuey, 24;
UNIÃO DOS CHAPELEIROS EM GERAL — Rua Xavier de Toledo, 56;	Ipiranga — Rua Filza Bueno 50;
UNIÃO DOS CANTEIROS EM PEDRA E GRANITO DO E. DE S. PAULO — Largo do Riachuelo, 56;	Bom Retiro — Rua José Paulino 93;
LIGA OPERARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL — Rua Florencio de Abreu, 45;	Ponte Grande — Rua Voluntarios da Pátria, 81;
A INTERNACIONAL (sociedade dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés etc. — Largo de S. Francisco, 5;	Lapa — Largo da Lapa, 14;
UNIÃO DOS OPERARIOS METALLURGICOS — Rua Senador Queiroz, 70;	S. Bernardo — Rua Coronel Oliveira Lima, 31.
UNIÃO DOS OPERARIOS DA CIA DO GAZ — Rua do Gazometro, 32;	UNIÃO GERAL DOS FERROVIARIOS — Sede principal: Rua José Paulino, 52;
LIGA DOS TRABALHADORES DA LIGHT — Rua do Gazometro, 32 (sede provisoria);	<i>Departamentos:</i>
UNIÃO DOS OPERARIOS EM FABRICAS DE VIDROS E CRISTALES — Rua S. Leopoldo, 70;	Santos — Rua do Rosario, 23 (sobrado).
UNIÃO DOS OPERARIOS EM FABRICAS DE DOCES E ANNEXOS — Rua Borges Figueiredo, 34 (sede provisoria);	Alto da Serra (Linha Inglesa);
LIGA DOS EMPREGADOS DE PADARIAS — Rua Marechal Deodoro, 6 (sala 10)	Sorocaba — Rua Ipinema, 16;
LIGA DOS ENSACADORES E TRABALHADORES DE ARMAZENS EM GERAL — Rua Senador Queiroz, 70 (sede provisoria);	S. Roque.
UNIÃO DOS OPERARIOS EM FABRICAS	UNIÃO DOS OPERARIOS CERMISTAS — Rua Curiel no 39 (Arma Branca);
	SYNDICATO OPERARIO DE S. CARTAÑO (Linha Inglesa);
	CENTRO OPERARIO DE S. BERNARDO (Linha Inglesa).
	<i>Taubaté:</i>
	LIGA OPERARIA — Rua 15 de Novembro 59.
	<i>Guaratinguetá:</i>
	UNIÃO DOS OPERARIOS DAS FABRICAS DE TECIDOS — (filial da U. dos T. F. T. de S. Paulo) — Rua Castro Santos, 23.
	Este indicador não está, certamente, completo. Pedimos, por isso, ás demais associações que nos comuniquem os seus endereços.
	<b>Boicote a Antarctica!</b>

Era na terceira página que havia mais textos escritos por pessoas que não faziam parte do núcleo editor do jornal, e geralmente assinavam como “um proletário”, “um ferroviário” etc, contribuindo com escritos que davam conta do cotidiano de opressão no espaço de trabalho. Também na página três surgiu a seção *La voce italiana dell’ “A Plebe”*, com temas relativos às movimentações dos trabalhadores na Itália.

Havia a tentativa de conscientização dos trabalhadores sobre a sua capacidade de transformar o sistema social, sobre a própria necessidade disso, e o esforço em forjar uma identidade de trabalhador e também de anarquista. Isso aparece muito nas imagens, nos poemas e em alguns textos que “aconselham” posturas que o anarquista e o trabalhador devem assumir em várias facetas da vida, no trabalho, na família, conclamando à luta pela emancipação social, de modo geral:

**Trabalhador, lembra-te!**

Tu semeias o bom trigo e comes pão negro.

Tu plantas a videira e bebes vinho ordinario.

Tu teces a fazenda e vestes trapos.

Tu edificas as casas e habitas possilgas.

Tu constrois as estradas de ferro e viajas a pé.

Tu sulcas os mares, enriqueces os armadores e és sempre pobre.

Tu rachas a lenha, dezenterras a hulha e tremes de frio.

Tudo embelezas, preparas os banhos, fabricas os ventiladores e arrebatas de calor.

\*

E comerás pão negro, beberás mau vinho, habitarás possilgas, viajarás a pé, tremerás de frio, arrebratarás de calor – sempre – enquanto estiveres inerte a esperar o maná do céu e da bondade dos patrões.

Serás sempre pobre - enquanto te não resolveres a estender a mão aos teus irmãos de trabalho e com eles te não desfizeres daqueles que te saqueiam.

\*

Tu tens direito ao fruto do teu trabalho, mas não gozarás esse direito nunca – enquanto não tiveres abolido os senhores, deixando de ser servo de uma vez por todas e fazendo-te verdadeiramente homem.

\*

Emquanto fores á igreja escutar a voz do padre e lhe sequires os conselhos; enquanto obediente dobrares a cerviz em frente dos senhores e te curvares ante as leis deles – serás sempre miseravel.

\*

Proletario, só em ti mesmo está a tua salvação<sup>53</sup>.

Os libertários procuraram construir uma cultura social, no sentido apontado por Foot Hardman<sup>54</sup>. *A Plebe* publicou diversos poemas e contos, chegando a existir uma seção intitulada *O conto do dia*. Esses contos versavam sobre temáticas relacionadas à questão social, às condições de vida da classe trabalhadora, enfim, estavam ligados às temáticas abordadas no jornal. Com relação à forma, às vezes representavam diálogos entre “o explorado” e “o explorador”, outras vezes o texto se assemelhava a uma fábula, com uma espécie de “moral da história”. Havia ainda diálogos em que alguém explicava a realidade, do ponto de vista libertário, a um interlocutor que fazia vários questionamentos.

Durante o período d'*A Plebe* diária foi editada a coluna *Palcos, telas e arenas*, voltada para o teatro, o cinema e os circos. Eram escritas resenhas curtas e críticas de arte. As produções comerciais eram abordadas, criticando-se o seu caráter pobre do ponto de vista do conteúdo e da forma. Também por esta época começou-se a publicar um folheto, *Como faremos a Revolução*, por Emilio Pataud e Emilio Pouget, com tradução de Adelino de Pinho. O teatro social e a literatura, bem como os festivais para toda a família, com bailes, quermesses e conferências, eram maneiras de construir essa cultura de resistência e propagandear os princípios libertários.

Os festivais eram motivados, além da propaganda, em si, por campanhas em solidariedade. O jornal se constituía em um núcleo aglutinador, conclamando todos a participar dos festivais e colocando a sede da redação como ponto de venda de bilhetes. Além do que, depois dos festivais, veladas, piqueniques, a prestação de contas se dava nas páginas d'*A Plebe*, muitas vezes. Outra forma de arrecadar fundos para alguma causa eram as rifas, também divulgadas através do periódico.

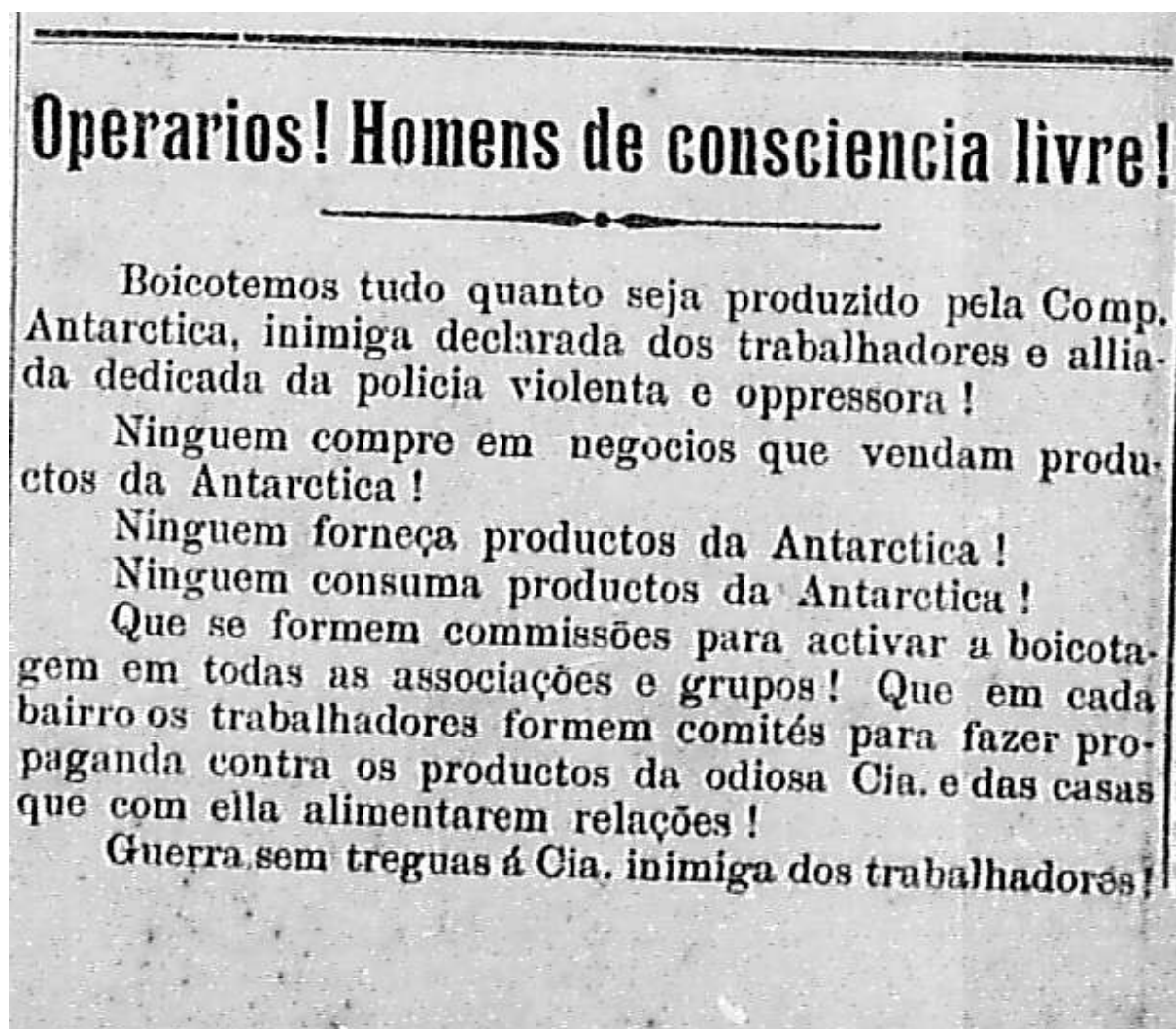
Dentre as muitas campanhas em solidariedade, posso citar o Comitê em Defesa do Proletariado, durante a greve de 1917; em defesa de Edgard Leuenroth, em fins de 1917; em prol dos Flagelados da Rússia; Comitê de apoio às famílias dos deportados; pela libertação dos anarquistas Sacco e Vanzetti; pela família do companheiro Ricardo Cipolla, sapateiro anarquista assassinado de maneira banal numa festa, entre várias outras. Outra forma de

---

<sup>53</sup> *Trabalhador, lembra-te! A Plebe*, 19 jun. 1920. N. 69, p. 4

<sup>54</sup> HARDMAN, Foot. *Op. Cit.*

demonstrar solidariedade eram as campanhas de boicote, quando os trabalhadores demonstrariam a reprovação aos atos de uma empresa/patrão. *A Plebe* desenvolveu forte campanha de boicote à Antarctica, durante mais de um ano, estendendo-se aos estabelecimentos que vendiam os produtos da empresa de bebidas<sup>55</sup>.



No mesmo sentido de formar uma identidade anarquista, do discurso sobre o “ser anarquista”, suas posturas, suas virtudes, seus sacrifícios, está a preocupação com a memória,

---

<sup>55</sup> A Antarctica, segundo denunciavam, colocava suas instalações à disposição da polícia em períodos de greve, receitou móveis que a polícia roubou de uma organização operária. A empresa mantinha uma relação estreita com a polícia, e se beneficiava disso para que fosse melhor “protegida” contra as greves operárias. Além de toda essa crítica, que motivou a boicotagem, há sempre a insistência em dizer que a Companhia “embebeda” os policiais, e o alcoolismo e seu efeito devastador nas famílias proletárias era um tema frequente nas páginas de *A Plebe*. Essa campanha de boicote continuou por um longo período, com listas denunciando os estabelecimentos que vendem produtos da Antarctica e com uma espécie de clichê (tipo gráfico/imagem que se repete) que aparecia em várias páginas: “Boicote a Antarctica”.

no tocante a companheiros e companheiras que tomaram lutando pelo ideal anárquico ou socialista, ou com relação a momentos de grande mobilização dos trabalhadores, lutas memoráveis, exemplares, como a Comuna de Paris, para citar um exemplo. Há muitos textos sobre o 1º de Maio, que, seguramente, nunca foi esquecido pelo jornal (aliás, sempre houve um número especial para a data), assim como nunca esqueceram Ferrer y Guardia. E há, no caso do 1º de Maio, orientações sobre a abordagem que esse dia deve ter, sempre se combatendo a coisa festiva puramente, que não recorde o sofrimento dos companheiros de Chicago<sup>56</sup> e sua luta. A orientação era de que esse fosse um dia de luta e luto, dia de ligar a luta da atualidade com a luta que teve início mais cedo, fortalecendo a consciência de classe e as bandeiras dos trabalhadores, entendendo que outras pessoas já empunharam esse ideal antes e se é parte/continuidade de uma história. Há textos belíssimos nesse sentido. Rosa Luxemburgo, Carlos Liebknecht<sup>57</sup> – interessante ressaltar que os anarquistas não tinham a intenção de “apagar” a memória dos comunistas; prova disso são as fotos e textos de militantes comunistas, como é o caso de Luxemburgo e Liebknecht, além da edição de livros de orientação comunista, divulgada na Biblioteca Social A Inovadora –, Louise Michel, o companheiro José Martinez, Neno Vasco e todos os companheiros assassinados no campo prisional da Clevelândia foram lembrados muitas vezes, com as homenagens que mereciam.

---

<sup>56</sup> 1º de Maio de 1886, Chicago (EUA): é deflagrada uma greve geral por reivindicações trabalhistas, principalmente a jornada de oito horas. Uma bomba arremessada por provocadores a serviço dos patrões explode na praça Haymarket durante um comício de apoio à greve, matando pessoas inocentes, inclusive crianças.

Os operários Adolf Fischer, Albert R. Parsons, August Spies, George Engel, Louis Lingg, Michael Schwab, Oscar Neebe e Samuel Fielden são presos e acusados injustamente do crime. Não por acaso, são anarquistas e líderes sindicais de peso. A greve é derrotada. Parsons, Engel, Fischer, Lingg e Spies foram condenados ao enforcamento, que aconteceu em novembro de 1887. Fielden e Schwab foram condenados à prisão perpétua; Neebe a quinze anos de prisão. Os protestos em escala mundial não conseguem salvar os companheiros.

Em sua memória, a Segunda Internacional decreta, em 1889, que, doravante, o dia do início da greve heróica será uma data de protesto, luto e solidariedade para os trabalhadores de todos os continentes.

Poucos anos mais tarde, em 1893, o novo governador de Illinois permitiu revisar o processo. O juiz Eberhardt provou que os testemunhos foram comprados, que o procurador havia escolhido o jurado a seu gosto e que a bomba havia sido arrojada por ordem do mesmo capitão de polícia.

<sup>57</sup> Nascido em Leipzig, em 1871, Karl Liebknecht foi um político e dirigente socialista alemão. Fundou, ao lado de Rosa Luxemburgo, em 1914, a Liga Espartaquista. Liderou o levante espartaquista, em janeiro de 1919, em Berlim, junto a Rosa Luxemburgo. Quando a revolta foi “esmagada”, milícias de direita composta por veteranos da Primeira Guerra que defendiam a República de Weimar no conflito, Luxemburgo, Liebknecht e centenas de revolucionários foram presos, espancados e assassinados sem direito a julgamento. Desde suas mortes, Luxemburgo e Liebknecht atingiram o status de mártires. As principais obras de Liebknecht são: *Instituições Militares e Sociedade de Classes*; *Acerca da Justiça de Classe* e *Estudos sobre as Leis do Movimento do Desenvolvimento Social*.

### **3. “Mulher libertária é a mulher libertada”: o projeto de emancipação feminina dos libertários**

Muito se fala sobre a participação feminina nos movimentos anarquista e operário. A tônica dessa abordagem não é uniforme, homogênea. Se, por um lado, reclama-se mais atividade por parte das mulheres, são abundantes os relatos da presença do “elemento feminino” nas manifestações grevistas ou de 1º de Maio, em diferentes cidades, na organização de festivais, participando fosse na venda dos bilhetes, no teatro social, a recitar poemas ou em sessões de canto. Houve greves sustentadas apenas por mulheres e crianças, em fábricas que só contratavam esses trabalhadores, por considerá-los, erroneamente, mais “obedientes”. Ora tidas como mulheres aguerridas e lutadoras, ora como ingênuas ou inconscientes, várias são as facetas dessa participação e da abordagem acerca disso.

A participação feminina é entendida como fruto de um processo de conscientização que seria parte da caminhada em busca de sua auto-emancipação. Nem sempre essa caminhada é tratada como algo que deveria ser conduzido pelas próprias interessadas, pois há posicionamentos “paternalistas”, “tutelares”. Por outro lado, afirma-se, diversas vezes, a necessidade de que as próprias mulheres tomem conta dos seus caminhos, sendo os homens “ajudantes”, “conselheiros” pois, em tese, teriam mais experiência. O anarquismo é abordado como um movimento/pensamento político que, por suas características, por ser socialista e estar preocupado com o desenvolvimento dos sujeitos, não poderia negligenciar a luta feminina. Isso está nos documentos que dizem da futura sociedade comunista libertária e nas decisões dos congressos operários com influência do sindicalismo revolucionário – 1906, 1913 e 1920.

Com relação ao ideal de emancipação feminina, há a concepção de que o importante é destruir as diferenças de sexo, para que todos tenham possibilidades de se desenvolver como seres humanos, como na frase de Ferrer, editada em formato de epígrafe<sup>58</sup>: “Procurar o meio de pôr os seres de acordo no amor e fraternidade, sem distincção de sexo, é a grande tarefa

---

<sup>58</sup> *A Plebe*, 30 jun. 1917. N. 4, p. 1

da humanidade”. Há um texto de Bakunin, *A Nossa Justiça*<sup>59</sup>, em que essa ressalva da igualdade entre os sexos também é feita num entre vírgulas:

**(...) Organizar a sociedade de tal modo que todos os indivíduos, homens e mulheres, ao começar a sua existência, encontrem meios iguais para o desenvolvimento de suas diferentes faculdades e de utilizar o seu trabalho;** organizar uma sociedade que, tornando impossível a cada indivíduo explorar o povo, seja quem for, não lhe impeça de gozar as riquezas sociais que na realidade contribuiu diretamente a produzir com o seu trabalho. (grifos do jornal)

É de se observar que, às vezes, a questão de gênero, como chamamos atualmente, não era o central no texto, mas a preocupação com isso está registrada, de alguma forma, reconhecendo-se que, na sociedade capitalista, existe desigualdade entre homens e mulheres e, na sociedade futura, não deve existir. Por outro lado, há concepções de que o homem e a mulher são seres que se completam, ou seja, são diferentes, mas há importância na existência dessa diferença. São dois posicionamentos que não entram em choque, ligando-se em alguns momentos.

*Mulher libertária é a mulher libertada*<sup>60</sup> é um texto de José Alves do Nascimento (deveria ter sido publicado n’*A Plebe* em 1924, mas só o foi em 1927), companheiro morto na Clevelândia. Dentre todos os textos que apresento sobre a emancipação feminina, escritos por homens – e chama a atenção a quantidade de textos escritos por homens e tendo como interlocutores também homens sobre a temática –, esse é um dos que com mais autonomia trata a “mulher”, inclusive dirigindo-se a ela, conferindo a ela própria a sua emancipação, e dizendo isso de forma bem clara: “mulher, tu serás o teu guia”. Em outros há, na tentativa de reconhecer as qualidades das companheiras, uma certa “divinização”, dizendo-se que são melhores do que os homens; a vitimização também perspassa alguns textos, bem como o reforço de estereótipos de que a mulher nasceu para ser mãe e dona de casa, sendo essa a sua “natural” ocupação.

O autor procurou não usar de tom que culpasse as mulheres pela sua condição de oprimidas, mas o texto sugere várias ações que as mulheres devem tomar, sem adotar um tom paternalista. Dentre os fatores de opressão estão o servilismo nas relações familiares, preconceitos, vícios, modas convencionais, dinheiro. Por fim, o que observo constante na

---

<sup>59</sup> *A Plebe*, 16 set. 1919. N. 8, p. 4.

<sup>60</sup> *A Plebe*, 26 fev. 1927. N. 246, p. 3

abordagem da emancipação feminina é um chamado à luta libertária, abordando uma miséria comum a mulheres e homens. Ou seja, há o reconhecimento de questões específicas às mulheres, que são mais oprimidas, sofrem dupla opressão, mas há uma preocupação com a luta que agrega todas as pessoas, o “gênero humano”, dito em outros momentos. A luta das mulheres, sua emancipação, é abordada como tendo eco e se potencializando na luta libertária:

É preciso trabalhar no sentido de despertar o gosto pelo estudo das causas, e das causas reais nos aproveitarmos do que for conveniente à felicidade pessoal em geral sem precisarmos curvar os nossos dorsos endurecidos no trabalho e nas duras fainas que os algozes nos impoem, pela vida e bem-estar cerceado pela injustiça reinante, á horda de charlatães, impostores, legistas artificiaes e mais seres que trazem acorrentadas as verdades puras e entulhadas as vias francas que nos guiaríam infalivelmente aos páramos da satisfação, se podessemos trilha-las.

Mulher! Tu que serás o teu guia, o medico e o juiz da sociedade futura, estuda melhor essas causas e a ti mesma.

Procura libertar também as tuas irmãs que arrastam ainda as pesadas cadeias do servilismo deprimente, das religiosidades inuteis, dos preconceitos absurdos, das honestidades incompreensíveis, das vaidades, vícios, modas convencionaes, venalizadas ao som metalico e humilhante.

Trabalha, estuda, sê livre, conquista o que necessitas e mereces e dá também aos que precisam o que te sobra, afim de que se estabeleça realmente a felicidade geral.

Vós, todas as que viveis ainda sob o guante dessas causas interruptoras da evolução, rebelai-vos e fugi para regiões mais amplas de luz, da sinceridade, de franqueza e de amor!

Engrossai as fileiras do exercito redemptor e libertario, composto de todos os infelizes, repudiados e perseguidos, que lutarão esforçadamente contra as suas proprias imperfeições, contra os conservadores da miseria e os mantenedores da infelicidade que nos opprime e abate.

Há um reconhecimento da necessidade de os anarquistas lançarem um olhar atencioso à questão feminina, à condição social das mulheres, que era diferente da condição dos homens. No texto *Revolta de Succubo*<sup>61</sup>, de João Russo, é abordada a formação de uma “nova mulher brasileira”. Seria constitutivo dessa nova mulher a vontade de se “livrar” da opressão imposta pelo marido, e João Russo atribui a isso crimes passionais cometidos por esposas oprimidas pelos companheiros. Entretanto, como revolucionário, o autor diz que é preciso canalizar essa força para outro tipo de ação, coletiva. Cita o sufragismo, que não seria tão forte no Brasil, e faz críticas às brasileiras que levantavam o movimento por aqui: “Por

---

<sup>61</sup> *A Plebe*, 24 mar. 1923. N. 205, p. 3.

espírito de imitação, por deficiência de cultura, por viver num meio social pobre de ensinamentos ella segue o mesmo trilho a nosso ver erroneo e infructifero, das suffragistas”.

De acordo com a posição anarquista sobre o movimento sufragista e com a análise desses movimentos em outros países, João Russo “prevê” que as mulheres vão se decepcionar, pois não vão atingir seus ideais pelo parlamentarismo, e, conseqüentemente, virá a “degenerescencia de character, motivada pela pratica eleitoral, por si só bastante para levar a um individuo a ultima das degradações”. A partir disso, haveria um “refluxo” do movimento e a “anulação” de todas as iniciativas em prol da libertação feminina. O autor defende, pois, que as mulheres precisam de orientação “mais profícua” por parte de

aquelles do sexo diferente que viram seus direitos proclamados na grande Revolução e conspurcados com o advento do capitalismo; se uma direcção segura lhe não for aventada por aquellos que conhecendo o materialismo historico, defendem, com sincero ardor e firme convicção, o admiravel corpo de theorias libertarias que é o anarchismo, doutrina que não reconhece superioridade de sexo, nem de raças. Se estes homens que conhecem, de experiencia, os males do parlamentarismo e os vicios altamente nocivos do suffragismo e que são os verdadeiros – e primeiros – propugnadores da emancipação da mulher, não accudirem, a tempo, com seus conselhos e alvitres, passarão pelo dissabor de ver a mulher brasileira, despertada para as conquistas do seculo, embrenhar-se pelo dedalo de vias tortuosas que levam o caminhante ao desanimo, quando o não fazem retroceder estiolado.

Para o autor, o anarquismo sempre defendeu a mulher e precisa fomentar, no momento, a emancipação feminina. Não é emancipar as mulheres, mas é mostrar-lhes um outro caminho de emancipação, mais radical que o propalado parlamentarismo. O autor reconhece que as mulheres tiveram papel destacado em outros momentos históricos e revoluções e acredita que, diante de um cenário de colapso social ora vivido, era preciso preparar a revolução, e a questão feminina parece fazer parte desse momento de preparação:

Que este phenomeno de insurreição da mulher brasileira que, por um lado, procura a libertação individual, eliminando o algoz mais proximo; e, por outro, se associa para a emancipação do sexo, buscando conspurcar-se na pratica da força eleitoral, não seja visto com indiferença pelos anarchistas.

O texto mostra a importância de os anarquistas pensarem a condição feminina – e até reivindica um certo pioneirismo dos anarquistas no pensar essa questão. Entretanto, é importante refletir sobre um ocultamento das próprias mulheres anarquistas, já que nenhum exemplo de resistência feminina advindo das tantas mulheres libertárias é citado e, ao se referir a ajuda que os anarquistas devem dar às mulheres, diz-se “aquelles do sexo diferente”,

como se só homens fossem anarquistas. É um texto que reconhece a força das mulheres, mas tem os homens numa posição superior, senão tutores da revolução feminina, seus "facilitadores", digamos.

No texto de Pedro Augusto Motta, *A emancipação da mulher*<sup>62</sup>, a emancipação feminina é entendida como fator que permitirá a revolução social e que deve ser "praticado" desde já.

(...) Assim, pois, entendo que para transformarmos em realidade esta aspiração de justiça, esta necessidade ao complemento e effectivação da estabilidade dos nossos ideaes, - a emancipação da mulher - não basta desejarmos a sua realização, mas, pelo esforço nosso, pela nossa persistente e permanente propaganda defensora e propugnadora de tal realização, queremos que a mulher se emancipe, se iguale e se apresente em todas as manifestações da vida humana, possuída e merecida a todos os direitos desfructados pelo homem. Precisamos preparal-a, precisamos ajudal-a, precisamos animá-la, precisamos encorajal-a, precisamos incentival-a, precisamos fornecer-lhe força, meios, coragem e acção para defender, com o calor de suas palavras, com a manifestação do seu sentir, com a vibração de sua consciencia renascida, com o amor e dedicação com que costuma sempre defender o que é seu, muito seu, a ponto de elevar-se às alturas de sacrificios os mais ingentes (...) precisamos fortalecel-a para a realização desta aspiração, desta necessidade, sem a qual a realização do nosso ideal, a nossa vontade por uma sociedade de iguaes para iguaes, de liberdade e felicidade jamais passará de uma utopia, de um sonho irrealizavel, de uma abstracção, de um metaphisico querer.

É urgente, pois, praticarmos entre o nosso meio a emancipação da mulher, emancipando, educando e ensinando as nossas irmãs, as nossas companheiras, as nossas filhas a defenderem, a propagarem, a se esforçarem no terreno da luta e da acção, pela sua emancipação, pela emancipação da mulher em geral.

Texto essencialmente dirigido a homens, pedindo a colaboração e o desejo/querer veemente de todos os companheiros para a emancipação feminina. Percebe-se que o papel dos homens estaria em dar um primeiro passo, em "ensinar" às mulheres a fazer a luta social pela sua emancipação, mas o protagonismo dessa luta caberia a elas. Interessante pensar que Pedro Motta coloca a questão como necessidade para a realização do ideal anárquico, ou seja, a emancipação feminina é "base" para o advento da sociedade libertária. Importante pensar ainda que ele cita as mulheres a partir de relações familiares – a "nossa mãe", a "nossa irmã", "nossa filha", "nossa companheira", o que acaba falando mais diretamente a cada um, aproxima a realidade do companheiro que está lendo à proposta de ação que o autor está defendendo.

---

<sup>62</sup> Postumamente publicado. *A Plebe*, 25 jun. 1927. n. 254, p. 3.

Outras vezes, muitas, as mulheres foram chamadas à organização feminina, um passo para a emancipação. O texto *Às operárias – Despertaes*<sup>63</sup>, de E. de A., pressupõe que as mulheres operárias não estariam ainda despertas. O escrito traça o panorama das desgraças daquelas mulheres: além da miséria e trabalho estafante, comum aos homens, as ameaças à “honra”, que as “aviltam e degradam, arremessando-vos muitas de vós, despudoradamente, ao atascadeiro mephytico dos prostibulos!”. As mulheres são conclamadas a reagirem, a se insurgirem. Cita-se as “bacanaes escandalosas” que os patrões fazem às custas delas e fala-se da luta como único caminho para paz, felicidade. Em suma, o texto chama-as a se organizarem, tanto em suas próprias organizações, femininas, como fortalecendo as já existentes, de modo a não se isolarem, a exercitar a solidariedade. Embora não se fale especificamente em “emancipação feminina”, nesses termos, a condição das mulheres é particularizada – opressão e pouca organização, pelo menos para o autor, que por isso escreveu um texto dirigido a elas. Percebe-se que o texto conclama as mulheres à luta e atribui-lhes um papel ativo de guerreiras, vingadoras, de quem vai dar aos patrões o que eles “merecem”. A mulher é reconhecida como vítima, mas só até o momento em que decidir reagir, e o autor é claro ao dizer-lhes que têm toda capacidade em reagir à altura das opressões que sofrem.

Moças! Operarias das fabricas e das officinas, ouvi-me! Attentae no que vou dizer-vos, e depois cumpri com os dictames da vossa consciencia desperta!

A vida de sacrificios e canceiras em que permaneceis, assemelha-se á daquelles irracionaes que auxiliam o homem no seu labor extenuante de todos os dias.

Como elles, vós não tendes, ó minhas pobres irmãs, senão a prepotencia patronal, sempre a tyrannia capitalista flagellando-vos com golpes traiçoeiros de bestas-feras humanisadas. Sois machinas productoras exploradas pela ganancia e pela ambição multiforme dos senhores. Sois escravas acorrentadas á exploração repulsiva dos poderosos. Escarnecem-vos como operarias. Abominam-vos na vossa pobreza. E, por cima de tudo isso, quantas vezes não vos aviltam e degradam, arremessando-vos muitas de vós, despudoradamente, ao atascadeiro mephytico dos prostibulos!

Mas, ó pobres e innocentes victimas! Não achais que é tempo de reagirdes contra os vossos oppressores, contra os bandidos que se cevam na vossa carne e no vosso sangue? Então erguei-vos, como Anjos da Vingança, e, de gladio justiceiro empunhado por vossas mãos callosas, correi, expulsae os torvos vendilhões do templo do trabalho. Sêde dignas, sêde altivas, sêde resolutas - e á corja que vive do que vós produzis, á cafila que accumula o pão que vos pertence, á recua que faz de vós os bódes expiatorios da sua libidinagem, dae o castigo que ella merece, dae a punição a que fazem jus todos os seus crimes!

Não consintaes, exploradas companheiras, não consitaes que vos paguem um esforço sobrehumano, que vai desde que o sol nasce até que surge a noite, com

---

<sup>63</sup> *A Plebe*, 7 jun. 1919. n. 16, p. 2.

um salario mesquinho e insufficiente, enquanto os parasitas ficam para si com a parte de leão, para poderem viver á larga e esbanjar em bacchanaes as mais escandalosas!

Não permittais, ó perseguidas creaturas, que vossa dignidade seja conspurcada, vossa honra deprimida, vossas virtudes emporcalhadas pela baba peçonhenta dos reptis endinheirados que a sociedade vos impõe como senhores omnipotentes!

Não; repelli-os do vosso contacto. Escarrae-lhes nas faces deslavadas o desprezo da vossa consciencia revoltada. Ponderae que a felicidade, o bem estar, a paz, a fraternidade, a harmonia, o amor – são o fructo da luta, da conquista, da guerra continua e sem quartel dos escravos contra os despotas.

Crêde-vos fracas para a reacção? Como vos enganaes! Como vos illudis! A força provém da solidariedade, da cooperação, da unidade de vistas e de aspirações. Irmanae-vos todas dentro desses principios e o vosso poder será illimitado. Não tendes associações proprias? Fundae-as e fortalecei as que existem! E para isso não é mister um grande sacrificio.

### 3. 1. “Assuntos Femininos”: uma coluna

É de se pensar num projeto de emancipação feminina dos libertários e as representações de gênero que estão implicadas nisso. Há um texto de Maria A. Soares, militante notável, ativa nos comitês de solidariedade, no Centro Feminino Jovens Idealistas, nos cuidados da Biblioteca Inovadora, em que ela “receita”, para a emancipação feminina, o “respeito entre os sexos”. Chama-se *O que é preciso*<sup>64</sup>, publicado na coluna *Assuntos Femininos*, editada em 1920, durante quatro números. A autora fala do surgimento das ideias de emancipação feminina – “reclamam-se direitos, exigem-se liberdades”. Diz que a mulher sofre muito, “moral e fisicamente”, e entende-se que não se deve prolongar esse estado de coisas e a humanidade ganharia muito com a emancipação feminina, necessária e para o que foram apontadas algumas saídas até aquele momento: o voto, a instrução, o governo, a igualdade de salários, a liberdade, a adoração da mulher pelo homem. Contrapõe-se a essas “saídas” e propõe o respeito entre os sexos, dentre de uma perspectiva de que masculino e feminino se completam, são partes de um todo e, por fim, homens e mulheres estão sujeitos à mesma opressão capitalista:

Mas não é não! A verdadeira emancipação da mulher não consiste nisso nem com isso apenas se consegue. Cada coisa dessas, separadamente, pouco vale (e algumas nada, como o voto, por exemplo) e o conjunto fica ainda imperfeito.

Alguns dos propugnadores da emancipação da mulher, pretendem que esta deve ser amimada como flôr delicada; outros, adorada como ser divino e outros ainda julgam que se a deva tratar com a paciencia com que se tratam os doentes e com a indulgencia que nos merece um ser fraco, impotente.

---

<sup>64</sup> *A Plebe*, 27 nov. 1920. N. 91, p. 3.

Nenhum desses processos é o indicado para elevar a mulher ao nível que se pretende.

O mal foi causado justamente por se ter estabelecido diferenças entre o homem e a mulher. É preciso que esta não se julgue nunca superior ou inferior áquele. E para isso, os homens que pretendem emancipar-nos só têm um meio: tratar-nos não com mimos e salamaleques, nem tampouco com desdém ou benevolência e sim, simplesmente, com respeito.

Não me refiro, note-se bem, a esse falso respeito fruto dos costumes burguezes em voga, respeito feito de mentira e hipocrisia, grotesca caricatura da veneração. Refiro-me ao verdadeiro respeito, espontâneo nas pessoas educadas, formado de delicadeza e consideração.

Respeitando-as os homens, elas, as mulheres, acabarão por respeitar-se a si próprias – que é o sintoma mais certo da formação da individualidade – e respeitarão também os seus semelhantes, coisa que até agora só têm feito em aparência.

Por outro lado o sexo masculino, acostumando-se a respeitar o feminino, fará desaparecer aos poucos, no seu íntimo, todos os resquícios dos vetustes preconceitos que o predispoem contra as suas companheiras e que tanto mal têm causado á humanidade: tola convicção de uma pretendida superioridade, com a qual não tem conseguido outra coisa que escravizar-se escravizando-nos.

Não sei o que pensarão as minhas companheiras sobre isto. Por mim digo que não discuto se um sexo é superior ao outro, nem me importo muito com isso; mas estou convencidíssima que ambos os sexos foram colocados no mundo de forma a terem que compartilhar a existência em comum, que ambos têm o mesmo direito à felicidade, e que é estúpido isso de pretender pôr barreiras onde a lógica e a natureza não as admitem e finalmente que todo o mal existente explica-se pelo fato de que, salvo raras exceções, os seres humanos não sabem respeitar-se mutuamente.

O respeito, o respeito entre nós, presos, afinal, à mesma algema, apesar da diferença de sexos é o que é preciso.

Interessante observar que há um diálogo crítico com outras correntes de pensamento, como as sufragistas, que, embora não estejam citadas explicitamente, aparecem através da proposição do voto feminino e participação nos governos. Os anarquistas combateram essa ideia vivamente, devido ao princípio do pensamento libertário de democracia direta. Há um outro texto de Maria A. Soares, *Triunfo efêmero*<sup>65</sup>, em que tece duras críticas às sufragistas da Inglaterra e cita os erros de Lady Astor<sup>66</sup>, recém-eleita na Inglaterra e já se colocando, àquela altura, contra os interesses das classes oprimidas. Maria A. Soares se considerava feminista, mas não uma “feminista política”, como os anarquistas denominavam as sufragistas. Em vários outros momentos n’*A Plebe* essa diferença entre os feminismos é marcada, atribuindo-se o complemento “político” à parcela do movimento que entendia a esfera político-partidária

<sup>65</sup> *A Plebe*, 27 mar. 1920. N. 58, p. 4

<sup>66</sup> Nancy Witcher Astor, a viscondessa Astor, nasceu em 1879 e foi a primeira mulher a fazer parte da Câmara dos Comuns no Reino Unido, eleita por Plymouth em 1919.

como portadora de transformações para as mulheres. A anarquista sugere em quem e em que as mulheres devem centrar suas atenções:

Felizmente, a nos essas coisas não nos surpreendem. A atitude dessa senhora não nos colheu de surpresa porque sabíamos de antemão que classe de mulher poderia subir ao poder e como procederia.

Estamos fartos de repetir que somente sobe ao poder o eleito do partido dominante. Este é quem indica os diversos governantes que se sucedem e as eleições não são outra coisa que uma ridícula farça que ninguém toma a sério.

(...)

Mais alto que a tosca figura de Lady Astor, para a figura simpática e radiosa de Rosa Luxemburgo.

Mais forte que as vagas aspirações das feministas-políticas, são os ideais modernos de redenção humana, defendidos por homens e mulheres de toda a parte, idealistas do mundo inteiro, que saberão fazer triunfar os seus nobres princípios de liberdade e justiça.

Lady Astor não melhorará a situação do povo inglês, nem salvará o governo da Inglaterra do tombo que a ameaça.

Será, simplesmente, mais um corpo destinado a cair.

Ao contrapor às vagas aspirações das “feministas políticas” os ideais modernos “defendidos por homens e mulheres”, Maria Antônia Soares mostra-se contrária à ideia estereotipada de que as feministas lutam “contra” os homens, ou de que desejam inverter a situação de opressão, transformando-se em opressoras. Os anarquistas entendem, na maioria das vezes, as revoluções de maneira indissociável: a feminina e a social. A revolução feminina parece fazer parte da revolução social ou até ser condição para que aconteça, como disse Pedro Motta. Fazem parte do “devir” libertário a nova família, o amor livre e a independência moral e econômica das mulheres. Em outros momentos, a revolução social tem preponderância sobre a revolução feminina e é entendida como o que vai possibilitar a emancipação das mulheres. Os discursos convivem.

Izabel Cerruti (ou Isabel Cerruti, Isa Ruti, Isa, as assinaturas mais utilizadas por ela), que escreve ativamente no jornal e tinha uma escrita, assim como a de Maria A. Soares, viva e forte, lia a *Revista Feminina*<sup>67</sup> e encontrou um texto dizendo que o anarquismo é contra a família, acusação comum, a qual o jornal se empenhou, em diversos momentos, a combater. A libertária escreveu então *A moral nos lares – Carta à empresa da “Revista Feminina”*<sup>68</sup>,

---

<sup>67</sup> A *Revista Feminina*, lançada, em 1914, por Virgínia de Souza Salles, foi a maior revista brasileira surgida até então, circulando até 1936 com uma tiragem em torno de 15 mil exemplares de 90 páginas.

<sup>68</sup> *A Plebe*, 20 nov. 1920. N. 90, p. 3

dizendo o que, de fato, o anarquismo queria para as mulheres e para as relações familiares: um projeto radical, além dos limites do capitalismo, pondo em cheque a concepção de emancipação feminina da revista, baseada no voto. Para Izabel, o anarquismo quer garantir, com bases seguras, a moral nos lares, consagrando a mulher na “alta missão que lhe deu a natureza”. Ela discorre sobre o que é emancipação feminina para os anarquistas e suas várias faces, desde o amor livre, o fim da prostituição, a instrução:

Ilustres patricias:

Chocou-me os sentimentos, ao lêr em a circular expedida pela redação da ‘Revista Feminina’, de que sou assídua leitora, a referencia que faz das teorias libertarias.

Não sei em que vos apoiaes para dizer que as correntes anarquicas pretendem fazer ruir a moral nos lares. Como mulher, protesto contra sua aberração de raciocínio. E como anarquista, o dever me impõe, não posso deixar passar em silencio essa alusão tão injusta a uma das mais nobres e galhardas aspirações do ideal que professo, que é justamente aquela que quer garantir, com bases seguras, a moral nos lares, ausolando a mulher redimida, consagrando-a na alta missão que lhe consagrou a natureza.

A ‘Revista Feminina’ em seu programa, propõe-se a propugnar pela emancipação da mulher conseguindo para ela o direito de empenhar-se em lutas eleitoraes. É só. A isso chamam pomposamente ‘emancipação feminina!’.

Como se a emancipação da mulher se resumisse em tão pouco...

O programa anarquista é mais vasto neste terreno; é vastíssimo: quer fazer compreender á mulher, na sua inteira concepção, o papel grandioso que ela deve desempenhar, como fatora histórica, para a sua inteira integralização na vida social.

Antes de tudo, e isso é o essencial, ela deve fazer uso do seu raciocínio para se despir dos vãos temores, dos tolos preconceitos e dos ridículos escrúpulos que lhe incutiui a falsa moral de Deus e da Pátria, para assim, obter o seu pensamento emancipado. Uma vez com o pensamento emancipado a mulher há de estudar, há de investigar a causa da sua escravidão social e há de, sem grande esforço, compreender que essa causa tem sua razão de ser nas cadeias do capitalismo que a prende ao homem constringindo-a a mover-se com ele num circulo vicioso, num ambiente saturado de dôr e imoralidade.

Neste regimen, onde impera o vil metal, despotico e sedutor, degradando o character masculino, tornando-o egoísta e perverso, a mulher jamais poderá ser emancipada.

Neste regimen em que a mulher é abandonada ao arbitrio da sorte, muitas vezes, vitima indefesa, arrastada no turbilhão da imoralidade infrene em que se chafurda esta sociedade, ela nunca será exaltada como merece.

Qualquer reforma nas leis vigentes que venha a conferir-lhe direitos politicos iguaes ao homem, não a põe a salvo das chacotas e humilhações, não a livra de ser espesinhada pelo sexo forte e prepotente, enquanto perdurar a moral social que constringe e protege a prostituição.

Enquanto existirem desgraçadas nossas semelhantes, a perecerem nos antros do mercado da carne, e os nossos olhos forem obrigados a contemplar o triste espetáculo desse cancro repugnante, necessario nesta sociedade, quando nos abismamos em nossos sentimentos, o pudor dá-nos uma sensação de angustia, tornamo-nos retraída, porque nos sentimos depreciada entre a especie humana.

A mulher virtuosa não recebe todo o acatamento, todo o respeito, todo o carinho que lhe é devido pela alta missão que lhe confiou a natureza.

Emquanto durar este estado de coisas, a moral no seu lar estará sempre em perigo. A mulher honesta nada teme por si, mas teme por seu esposo.

Como mãe o seu coração está sempre em sobressalto com cuidado pelos filhos.

A mãe que presa a honra nunca está tranquila em seu lar, quando os filhos estão ausentes, na escola ou no labor. O seu temor maior é pelas meninas, que podem ter uma 'má sina'. Quantas vezes quando morre uma jovem, ouvimos a mãe dizer entre lágrimas: si havia de ter má sorte, antes assim...

De facto quem ousar negar os perigos a que estão expostas as delicadas (*há um rasgo nessa parte*) que desabrocham neste ambiente de perversão e maldade, onde o unico estímulo que impulsiona a ação do homem é o dinheiro, as notas do banco, e onde há leis para intervir nos fatos consumados, mas que nada se faz para prevenir os males?

Oh! E é esta a moral que vos esforçaes por defender contra as correntes anarquistas?

Nós, os anarquistas, com clara noção da verdadeira e sã moral, esforçamo-nos para que um dia seja realidade uma organização social mais perfeita do que a atual, para que a honra das famílias seja assegurada no amor livre. Quer isto dizer que os jovens, atingindo a idade conveniente, possam escolher a sua companheira e, livremente, sem contar com as dificuldades economicas, que até hoje tem sido o grande entrave aos matrimonios, possam estabelecer o seu lar e formar a sua familia. Numa sociedade em que todos tenham esse direito assegurado não haverá imoralidade, e os nossos filhos não correrão perigo algum ao frequentarem as escolas e os atelieres.

É assim que entendemos a honra e a moral nos lares.

Por isso muito me desvaneece o ser anarquista. Além de tudo sou brasileira.

Salve a Anarquia! Ideal sacrossanto protetor da família, do amor, da honra e da moral.

Em *Ponderando*<sup>69</sup>, texto de 1923, Isabel Silva – um dos pseudônimos de Isabel Cerruti – volta a dizer do seu olhar anarquista sobre a emancipação feminina, contrapondo-se ao antigo posicionamento sufragista de Maria Lacerda de Moura:

(...) Entretanto, D. Maria Lacerda fazia longa e franca propaganda do suffragio feminino. E eu, como mulher, combatia essa campanha, pois aspiro a minha integralização nos direitos sociaes, mas a quero completa e de facto. E para isso é preciso antes que o sexo opposto se agite para obter a sua carta de alforria, da escravatura que junte os dois sexos ao tronco do capitalismo, para então proclamar-se a emancipação da mulher dominando no lar, donde a arrancou a burguezia para fazer della instrumento passivo da exploração do trabalho relegando o sexo forte á condição de seres amesquinados, miserrimos automatos destinados á arte de matar, martyres a serem immolados no altar da patria para a bachanal de sangue em que se embriagam, insaciaveis, os agraciados pelo deus dinheiro.

É importante observar que aqui surge o problema do trabalho feminino encarado como algo danoso, e, por isso, o lugar da mulher seria o lar. Isabel fala da emancipação

---

<sup>69</sup> *A Plebe*, 27 out. 1923. N. 221, p. 3.

feminina como algo que tem de vir depois de uma revolução social, mas essa revolução social deve ser feita pelo “sexo forte”, embora se reconheça que homens e mulheres sofrem as conseqüências da sociedade capitalista. São as ambiguidades próprias do período. Isabel era uma das mais ativas militantes, tendo escrito, como veremos no terceiro capítulo, vários textos sobre a questão social, para além do que toca às mulheres e, em muitas ocasiões, produziu escritos em que conclamava as companheiras a se unir aos homens na luta social.

Mais a frente, a anarquista fala de um processo de “masculinização” das mulheres, “como as quer a burguezia”, a partir do qual poderão alistar-se ao serviço militar. Essa era uma das preocupações da época, e havia mulheres que defendiam o alistamento obrigatório, enquanto os anarquistas buscaram denunciar essa proposta<sup>70</sup>. Por fim, ela cita uma crescente mudança de pensamento em Maria Lacerda, tendo reconhecido que “pretender a emancipação da mulher no regimen da exploração do braço productor, com a agravante da corrupção que envolve os caracteres vendaveis, é coisa bem risível”.

### 3. 2 Mulheres em movimento

Era em tom de orgulho e novidade que se dizia das mulheres presentes às assembleias, conferências e outras atividades militantes. Isso pode evidenciar a baixa participação feminina, que, por isso, quando verificada, digna de nota; era bastante desejada no seio da classe trabalhadora, por isso dar visibilidade – para estimular as outras mulheres a participarem e por júbilo em ver as companheiras presentes. Muitas vezes um parágrafo: “O grupo feminino, que seguia também a frente, durante todo o percurso não deixou de entoar as nossas canções, produzindo a mais salutar impressão na massa”<sup>71</sup>. Ou ainda dizia-se da participação de “ambos os sexos”. Em 8 de setembro de 1917, uma notícia sobre a greve geral em Pelotas dá uma ideia dessa participação<sup>72</sup>: “... Iniciando, para esse fim, uma energica e decidida agitação, promoveu um grandioso comicio de resultados muito salutaes, porquanto a concurrencia de trabalhadores pode ser orçada em mais de 5.000, entre os quaes avultava em grande numero o elemento feminino.” Algumas vezes o tom foi de surpresa com a participação feminina: “Também as operarias já concorrem àquela sede, dando com isso a

<sup>70</sup> Ver MOURA, Maria Lacerda de. *Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!* Guarujá/SP: Editora Opúsculo Libertário, 3º reedição, 1999.

<sup>71</sup> *Ecoss do 1º de maio. A Plebe*, 17 mai. 1919. N. 13, p. 2.

<sup>72</sup> *Em Pelotas - Como teve início a greve geral. A Plebe*, 8 set. 1917. N. 13, p. 3.

prova de que até as mulheres se vão interessando pela causa da libertação dos escravos modernos”.

É importante destacar que a questão feminina, n’*A Plebe*, está concentrada na terceira página, o espaço específico às organizações de resistência, o que não quer dizer que não aparecessem nas outras páginas. Se as mulheres não foram citadas em todas as notícias, não significa sua ausência em determinadas organizações – essa participação pode não ter sido percebida como algo novo, por ser pequena ou comum, há as duas hipóteses.

A situação de pobreza e injustiça, decorrentes da sociedade capitalista, é denunciada no jornal. Quando o olhar se volta às mulheres, a situação parece piorada com o espectro da prostituição e da falta de condições para sustentar a prole – aparecem textos sobre controle de natalidade e indicações de livros, mas a maternidade também era exaltada, algo sublime e motivador de metáforas para representar o advento próximo da revolução.

Os Congressos Operários (1906, 1913 e 1920) reivindicam melhorias nas condições de trabalho das mulheres: abolição do trabalho noturno feminino, “por um ambiente de respeito” no trabalho e equiparação dos salários masculinos e femininos. Os Congressos também deliberaram a necessidade de maior “organização” dentre o “elemento feminino”, entendendo-o como parcela representativa dos trabalhadores e que precisava participar mais das lutas. O 3º Congresso Operário Brasileiro resolveu, com relação às operárias:

O 3º Congresso Operário, confirmando as resoluções do 2º Congresso quanto á situação do elemento feminino no meio proletário, aconselha vivamente as associações obreiras a se esforçarem para interessar diretamente as operarias na vida sindical, preocupando-se com a sua educação social e intelectual e para que se estabeleça no trabalho um ambiente de respeito, repelindo as brutalidades dos patrões e encarregados de serviços, intensificando-se a campanha no sentido de que para elas seja abolido o trabalho noturno e os seus salários sejam equiparados aos dos homens.<sup>73</sup>

Já o 1º Congresso, na mesma linha, havia considerado que as mulheres estavam mais sujeitas do que os homens à exploração patronal e, por excesso de trabalho, sofriam mais com a tuberculose. A questão era de extrema importância, pois, a mulher “organizada em sindicatos, é o melhor elemento para a libertação do trabalho” e esse é o “melhor programa a inscrever na bandeira de combate de uma grande federação operária”<sup>74</sup>, tendo o Congresso

---

<sup>73</sup> *A Plebe*, 8 mai. 1920. N. 63, p. 4.

<sup>74</sup> *Para a orientação do operariado - Resoluções do tres Congressos Operarios realizados, respectivamente, em 1906, 1913 e 1920 - Trabalho de Organização. A Plebe*, 21 jun. 1924. N. 241, p. 4.

resolvido que o primeiro ato da Confederação Operária Brasileira seria “empregar todos os esforços para organizar o elemento feminino em sindicatos de resistencia, livremente unidos aos sindicatos congeneres do elemento masculino.”

E isso não só nos Congressos, mas nas greves. Durante a Greve Geral de 1917, quando nasceu *A Plebe*, essas reivindicações eram levantadas, e continuaram a ser pelos anos seguintes. No número 9, de 11 de agosto de 1917, tem destaque a reivindicação, por parte do Comité de Defeza Proletária, que exigia “por motivo de ordem moral e defeza physiologica seja abolido o trabalho nocturno das mulheres”. Houve ainda reivindicação de jornada de 6 horas para mulheres e crianças.

Entretanto, a inserção das mulheres no mercado de trabalho era encarada de maneira ambígua. Os Congressos reconheciam a necessidade de lutar para que os salários de homens e mulheres fossem iguais, porém, não raro, o discurso em alguns textos do jornal era de que as mulheres não deveriam trabalhar, mas apenas cuidar do lar, e que o trabalho feminino – e infantil – era uma forma de o patronato desvalorizar a mão de obra, na medida em que mulheres e crianças estabeleciam concorrência com os homens, que passavam a ganhar menos. Esse tipo de posicionamento está ancorado nas péssimas condições de trabalho e salários miseráveis recebidos pelas mulheres e crianças e, de fato, nas estratégias do patronato para obter mais lucros.

Mulheres e crianças foram consideradas “dóceis”. No entanto, o jornal traz vários exemplos de lutas travadas por mulheres nos seus espaços de trabalho. Um episódio que teve destaque foi a greve na Malharia Leão. As companheiras eram em número de 50 e tantas, trabalhavam cerca de 16 horas por dia, sofriam com o assédio do patrão e queriam 8 horas de trabalho, aumento de 30% nos salários, que ninguém fosse despedido por motivo de greve; reconhecimento da União dos Operários em Fábricas de Tecido e aprovação das comissões internas<sup>75</sup>. Já havia acontecido outra greve e o industrial prometera cumprir essas cláusulas. A notícia da *Plebe* diz:

Ingenuas e simples ellas fiaram-se no sujeito e continuaram a se deixar explorar. Agora, porém, abriram os olhos e o escravocrata vae pagar caro as suas villanias.

Na malharia Leão sómente trabalham moças e crianças menores. Pois apesar disso, o tal industrial pediu reforços á policial, allegando que lhe queriam assaltar a fabrica.

---

<sup>75</sup> *Companheiras em greve na Malharia Leão. A Plebe*, 2 out. 1919. n. 22, p. 3

O discurso das mulheres como ingênuas é intercalado com as notícias da resistência. No número seguinte<sup>76</sup>, elogiam as companheiras que lutam pela liberdade e pedem aos pais que não deixem suas filhas irem trabalhar naquela fábrica. Denunciam as mulheres que continuaram a trabalhar na fábrica, as “crumiras”, e pedem que os trabalhadores boicotem a empresa, não aceitando emprego no local, pois seria traição às trabalhadoras em greve<sup>77</sup>.

A pobreza que atinge as mulheres de forma mais aprofundada era outra faceta denunciada. Em *Echos da Roça – À imprensa honesta*<sup>78</sup>, o autor argumenta sobre a pobreza no Brasil – a contínua afirmação da existência da “questão social” – e se não há lutas como as da Europa é porque o povo ainda não estaria organizado. Em certa altura, fala sobre prostituição e a dificuldade da maternidade para mulheres pobres:

... o que significam todos estes infelizes de ambos os sexos (...) Como explicais e permittis, vós, gente honesta, essa horrorosa chaga que se chama a vossa prostituição, onde até as mães – oh! infâmia – por miséria vendem a honra das suas filhas em plena infância? – (...) – As suas mulheres, eguaes em tudo ás demais, mesmo ás da gente *honesto*, não sentindo outro desejo que o de beber aguardente e fumar, dão à luz naquelles covis, sem disporem do mais insignificante farrapo com que cubram o pequeno recém-nascido.

É superfluo dizer como vive esta gente. Conhecemos uma pobre mulher que teve 16 filhos. Quereis saber quantos são os sobreviventes? Nenhum. (grifo do jornal)

Há vários relatos de mulheres que tentaram se matar devido à falta de condições financeiras para se sustentar ou tratar problemas de saúde adquiridos no trabalho. Em *Mais uma vítima do capitalismo!*, publicado n’*A Plebe* em 28 de maio de 1927<sup>79</sup>, conta-se a história de Bernardina Amancia da Silva, órfã de pai e mãe, noiva do sapateiro Thomaz, mandado ao Oyapoque em 1924. A moça ficou triste com o destino do noivo e, tempos depois, descobriu estar muito doente e se matou. Sua vida era prenhe de desgraças e o texto a compara às moças burguesas da sua idade, as “melindrosas”:

Ainda na flor da idade, quando as melindrosas perdem o precioso tempo pintando e polindo unhas, nariz e faces já a Bernardina seguia, sob o rigoroso inverno de Florianópolis, para a fábrica, afim de ganhar o insuficiente para a sua escassa alimentação.

Embora haja colocações no sentido de que o homem deve ganhar mais para sustentar mulher e filhos sem que precisem trabalhar, há, em outros momentos, o reconhecimento de

---

<sup>76</sup> *A Plebe*, 5 out. 1919.

<sup>77</sup> *A Plebe*, 9 out. 1919. P. 3

<sup>78</sup> *A Plebe*, 25 ago. 1917. N. 11, p. 1.

<sup>79</sup> *Mais uma vítima do capitalismo! A Plebe*, 28 mai. 1927. N. 252, p. 2.

que as mulheres trabalham por necessidade, para sustentar a si e aos filhos. Interessante pensar também nas situações em que se liga o ambiente de trabalho à prostituição. Faz-se o discurso da mulher fraca, desprotegida, exposta a situações extremamente desagradáveis de assédio, tendo havido casos de “deshonra” e gravidez de operárias. Uma notícia de Petrópolis, *A greve da Petropolis Industrial – As proesas de um mestre D. Juan – Consta que o odioso tipo vem para S. Paulo*<sup>80</sup>, diz da situação das companheiras que conviviam com o superior no trabalho:

Nada tínhamos de reclamar pessoalmente da gerencia. Tratava-se de um facto de relevo moral extraordinario, qual fosse pôr a coberto de perseguições e violação nossas desgraçadas companheiras, que, á procura do pão de cada dia, encontram typos que se prevalecem de seus lugares para abusar das criatures ingenuas, fracas e desprotegidas.

De facto, João Bernardes que, qual gallo em poleiro, qual sultão em serralho, não admite fiscalização que lhe corte as azas, que lhe limite as attribuições, que lhe corte os desmedidos desejos lubricos, fiteiro sempre armado, typo autoritario e cobarde, que treme de medo e pede perdão de joelhos e deixa arrebatar o revólver das mãos, tramou com o gerente o despedimento de 5 companheiros, em vez de fugir para um lugar onde ninguem o conhecesse.

Ainda no sentido da mulher desprotegida, o poema *À Operária*<sup>81</sup>, de Raymundo Reis, traça um panorama desolador acerca das condições da mulher na sociedade capitalista, traz uma ideia de luta, de resistir contra o que faz mal, interpelando diretamente as mulheres. Há a metáfora da “flor a se definhar” e da mulher que “luta, trabalha e morre” e cujo suor, formando um mar de “fúria e indignação” vai construir um mundo justo. O discurso combina os dois eixos.

#### **A' Operária**

Flôr a se definhar nessa estufa doentia,  
Onde impera o Trabalho e reina a Tyrannia  
Onde a Fome voraz canta de sol a sol:  
E's pela Sociedade infame destinada  
A soffer, trabalhar e morrer estiolada  
Sem veres da Alegria o primeiro arrebol...

Nessa furna sem ar e sem luz – a Officina –  
A sociedade vil, corruptora, assassina,

<sup>80</sup> *A Plebe*, 27 mai. 1922. N. 182, p. 4.

<sup>81</sup> *A Plebe*, 21 mai. 1921. N. 118, p. 2.

Com ferozes grilhões p'ra sempre te prendeu.  
E o atroz Capitalismo o teu suor devora,  
Como a aguia do Caucaso estraçalhava outr'ora  
A carne, a robustez do heroico Prometheu...

Para o mundo actual tu és unicamente  
Fonte de exploração, machina inconsciente,  
Que trabalha e procria o infeliz que amanhã  
Irá minas cavar, servo do potentado,  
Frequentar as prisões e hospitaes... e embriagado  
Morrer no leito infiel de immundo barregã

O' mulher infeliz, luta, trabalha, morre!  
Mas o sangue, o suor que da tua fronte escorre  
vai formando esse mar de furia e indignação  
Em que há de submergir um dia o Despotismo,  
Que há de fazer nascer da lama deste abysmo  
Um mundo mais humano e sem falta de pão!...

Houve muito destaque aos maus tratos e à opressão sofridos no ambiente de trabalho ou em decorrência da militância. Observo ao longo de todo o jornal o quanto se fala nas investidas da polícia, durante greves, comícios, manifestações, contra crianças, mulheres, idosos e homens desarmados – mais uma “pista” de que as mulheres estavam presentes na luta. No texto *Na terra de Wilson – feroz perseguição aos elementos avançados*<sup>82</sup>, uma mulher e uma criança foram presas, dentre 11 pessoas, nos Estados Unidos. A mulher estava grávida e diz-se que os policiais abriram o seu ventre e retiraram o feto, jogando-o ao chão e pisando-o, um dos acontecimentos mais tristes que a folha deu a conhecer.

Um caso de repressão que mereceu forte campanha d'*A Plebe* foi o da companheira Sophia Garrido. O marido foi preso em Santos e, ao procurá-lo na delegacia, Sophia também foi presa, grávida. Maltratada e ameaçada de deportação para o Rio de Janeiro, Buenos Aires ou Mato Grosso, o jornal intensificou a campanha de solidariedade, com organização de festivais e listas de subscrição.

Miguel Garrido pede que solicitemos dos nossos companheiros do lugar em que Sophia venha a encontrar-se na mais intensa miseria, para lhe prestarem todo o

---

<sup>82</sup> *A Plebe*, 5 abr. 1919. N. 7, p. 3

socorro possível, communicando-lhe immediatamente por telegramma o seu apparecimento.

Sabemos que este pedido será inutil para os companheiros que nunca negaram o seu apoio ás victimas da crapulice policial, fazemol-o, no emtanto, para tranquilizar o nosso sobressaltado companheiro.<sup>83</sup>

Frequentes, em momentos de maior movimentação, de luta intensa, os relatos de invasão de casas de militantes ou sedes de organizações pela polícia. Em *Bellezas... policiaes*<sup>84</sup> cita-se que a casa de um operário foi invadida altas horas da noite, inclusive o quarto em que sua esposa e filha se preparavam para dormir. E isso merecia destaque, pois a invasão em si já é um desrespeito, ainda mais à intimidade das mulheres da casa. Já em 1921, a companheira Ignez Zanella foi presa, com duas filhas de colo, por ser anarquista e fazer propaganda anti-militarista<sup>85</sup>. O texto *Outra bravata da policia* ironiza a instituição, dizendo-se que dá provas de sua “bravura” ao prender uma mulher com duas filhinhas de colo.

O jornal é pródigo em exemplos de mulheres frágeis, “inconscientes”, anônimas, e também de mulheres que deveriam servir de exemplo pela militância, convicção em torno da causa libertária e de emancipação humana. Então, as mulheres eram opressoras, mestres de fábricas, “crumiras” (traidoras da greve), mas também companheiras de luta, participando dos movimentos, das organizações, conferências, festivais, campanhas em solidariedade. São duas faces do discurso.

Em destaque, a postura aguerrida de certas mulheres. Citei o caso da Malharia Leão, e o caso das costureiras é bastante parecido. Eram companheiras que vivenciavam períodos de desorganização e momentos de luta, assembleias, greves. Em *No Rio - As costureiras e chapeleiras defendem a sua causa*<sup>86</sup>, o jornal traz as reivindicações das mulheres:

Na Capital Federal está-se iniciando um movimento de reivindicação economica, por parte daquela laboriosa classe, que tem por base as seguintes reclamações: 'Entrada nunca antes das 8 horas, uma hora para almoço e sabida nunca depois das 18 horas, não sendo permittido nos domingos e feriados trabalho, sob pretexto algum, e tornando obrigatorias installações hygienicas em todos os 'atelieres' officinas, etc, cuja maior parte não possui cubagem de ar para o numero de moças que ahi trabalham.

Congratulamo-nos com o bom resultado dessa iniciativa, fazendo votos pela completa communhão de vistas das referidas companheiras.

---

<sup>83</sup> *A Plebe*, 5 out. 1919. N. 25, p. 3.

<sup>84</sup> *A Plebe*, 14 set. 1919. N. 7, p. 3

<sup>85</sup> *A Plebe*, 14 mai. 1921. n. 117, p. 1.

<sup>86</sup> *A Plebe*, 21 out. 1917. N. 18, p. 3.

Anos depois, essas trabalhadoras foram citadas como “Mulheres na verdadeira acepção do termo, e não manequins manejados pela vontade de seus algozes de ambos os sexos”, no texto *União das Costureiras*<sup>87</sup>, de 19 de abril de 1919. No mesmo escrito, há uma exortação aos homens para que se organizem, sendo motivo de vergonha as mulheres estarem “adiantando-se a vós na marcha para a emancipação” – de certa forma, um reforço dos estereótipos, como se os homens não pudessem estar menos organizados que as trabalhadoras:

Homens, operarios dissociados! Se acaso vos envergonhaes de vêr essas raparigas, irmãs nossas no soffrimento e na miseria, adiantando-se a vós na marcha para a emancipação, vinde também fundar, robustecer as vossas agrupações!

Apontava-se as contradições entre as madamas bem-vestidas e as costureiras. Em outro momento, diz-se que a União dos Alfaiates convidou-as a uma reunião, a qual compareceram inúmeras companheiras “cujos semblantes deixavam transluzir os traços de promissoras esperanças”. O encontro deu bons resultados: foi nomeada uma comissão encarregada de firmar as bases da União das Costureiras. O escrito diz de uma valorização da organização e da resistência coletiva, em contraposição à situação contraditória das trabalhadoras tão exploradas que fazem “todo o luxo com que as madamas se exibem”, explicitando-se a relação de subordinação entre mulheres de classes diferentes.

Finalmente as operarias da agulha estão se organizando para, com o esforço colectivo, poderem trabalhar pelo alevantamento moral e economico de sua classe, que, pela falta de um organismo defensor dos seus direitos, é uma das mais exploradas.

As costureiras, que são as factoras de todo o luxo com que as madamas se exibem nos theatros e cinemas, e nas praças e ruas mais centraes da cidade, vivem, no entanto, na mais complecta miseria, embora, pela educação viciosa e pelo ambiente em que trabalham, venham de apparentar, na sua maioria, o perfil de empoadas melindrosas e imitando as filhas dos papás graudos, quando, na realidade, não são nem mais nem menos que victimas sacrificadas pela exploração desmedida dos que alugam os braços, e á custa do seu esforço, chegam a gozar uma vida paradisiaca, circumdada de magnificencias que, atravez do ouro que lhes é expoliado, escarnece e sorri triumphante na certeza de tel-as sempre ás suas ordens...

A União dos Alfaiates despertou-as do marasmo em que se debatiam, convidando-as a uma reunião em que compareceram inumeras dellas, cujos semblantes deixavam transluzir os traços de promissoras esperanças.

Manifestada a necessidade de organização da classe, foi marcada uma nova reunião que esteve bastante animadora e na qual foi nomeada uma commissão encarregada de firmar as bases sobre as quaes ha de pousar o edificio da União das Costureiras.

---

<sup>87</sup> *A Plebe*, 19 abr. 1919. N. 9, p. 3.

Há textos no sentido de orientar trabalhadoras na ação contra o patronato. Em *As moças das fabricas de balas reclamam repouso*<sup>88</sup>, recomenda-se a elas que não contem com a imprensa burguesa, mas apenas consigo próprias. Chamam-nas “desprotegidas” e, contra isso, sugerem-lhes a organização própria:

Algumas moças empregadas nas casas de balas – ramo de negocio muito desenvolvido nesta capital de glutões e almofadinhas – dirigiram-se á imprensa burgueza implorando para que esta empregue os seus bons officios junto dos patrões no sentido de lhes ser concedido o descanso dominical.

Como não queremos que essas desprotegidas operarias permaneçam eternamente na ilusão e na utopia, dir-lhe-emos que a sua emancipação depende de si próprias e de mais ninguém.

Organisem-se, filiem-se á Liga dos Operarios em Fabricas de Doces e Annexos, ou fundem um novo baluarte da sua classe e depois, então, não peçam o que lhes pertence, - exijam-n’o e conquistem-n’o lutando sem desfalecimentos.

Interessante ressaltar que *A Plebe* costumava falar em “família proletária”, o que faz muito sentido, visto que homem, mulher e crianças trabalhavam e a família tinha importância nuclear no projeto anarquista. A participação feminina aparece bastante mediada pelas relações familiares – então são as esposas dos trabalhadores, as mães, as irmãs. Também há notícias de maus tratos a esposas e filhos de operários, em represália pela participação dos maridos no movimento. Noticia-se, por vezes, a participação feminina mediada pelas relações familiares, como em *Um apello aos trabalhadores da estrada de ferro*<sup>89</sup>: “...Milhares de esposas operárias unem suas vozes ás de seus maridos num gesto de desespero bradando contra os causadores da falta de pão para seus filhos famintos”.

Nos balancetes do Comité de Defeza Proletaria, que promoveu campanha de solidariedade em prol das famílias dos presos devido à participação na Greve Geral, constantemente aparecem nomes de mulheres como beneficiadas, respondendo, naquele momento, pela família. Mais a frente, vêm as campanhas pelas famílias dos deportados, por exemplo, e também o caso de Ricardo Cipolla, jovem sapateiro anarquista assassinado no início de 1923, por motivo banal – durante a festa de *réveillon*, houve uma briga e Ricardo, acorrendo para separar os dois homens que se desentendiam, foi ferido e faleceu –, quando *A Plebe* moveu campanha pela viúva e filha dele.

---

<sup>88</sup> *A Plebe*, 7 out. 1919. N. 26, p. 3

<sup>89</sup> *A Plebe*, 11 ago. 1917. N. 9, p. 3.

Por esse sentimento de solidariedade ter sido tão cultivado entre os anarquistas, além da valorização da família, pensando-se sempre na possibilidade e necessidade de estabelecer relações diversas das da família burguesa, era muito forte a preocupação com as mulheres e filhos dos companheiros presos. Em *Irmãos, solidariedade!*<sup>90</sup>, Isa Ruti se coloca como mulher, como força argumentativa de seu apelo em prol dos companheiros e suas famílias:

Fazendo essas considerações, foi que resolvi escrever estas linhas; eu que sou mulher, dona de casa sei quanta agrura há na vida dum lar, quando falta o concurso do extremoso chefe.

(...)

Como a symbolica mulher da Rajada Reinvidicadora, do camarada Joaquim Maujor, do Rio de Janeiro, eu grito também neste momento:

- “Irmãos, solidariedade!”

Outra faceta da participação feminina, merecedora de destaque, são as campanhas em solidariedade, nas quais estiveram fortemente presentes as mulheres, articulando os comitês. Aparecem notas em solidariedade escritas por Isabel Cerruti e seu companheiro, Nina Altieri, Eduardo e Mercedes Corrêa, Emma Ballerini, bem como anônimas, como “uma companheira”, e muitas outras mulheres que apareciam esporadicamente ou como apoiadoras do jornal em outros estados.

Ligados à solidariedade, estavam, em sua maioria, os festivais. Era comum a participação das mulheres na cultura social, propaganda e exercício de solidariedade. No texto *O festival da “A Plebe”*<sup>91</sup> há uma reflexão sobre o fato de as mulheres participarem do movimento independentemente dos homens, já que o convite havia passado a ser individual.

A noitada de propaganda organizada pelo C.L. Terra Livre, L dos A. da A Plebe (*Legião dos Amigos da A Plebe*) e Theatro Social, foi concorridíssima.

O salão encheu-se de companheiros e sympathizantes, notando-se muitas companheiras apesar da entrada ser pessoal e de não haver baile e nem kermesse.

Este facto é animador, por vir patentear que já é possível ser organizados espetáculos de propaganda, sem o chamariz do baile que, na melhor das hipóteses, só tem servido para neutralizar a acção moral e instructiva que as peças theatrais e a conferencia poderiam exercer sobre os assistentes.

---

<sup>90</sup> *A Plebe*, 21 out. 1917. N. 18, p. 3.

<sup>91</sup> *A Plebe*, 12 mai. 1923. N. 209, p. 3.

No texto *As nossas festas*<sup>92</sup>, fala-se do caráter das festas sociais, e diz-se da importância da mudança da venda do ingresso com acompanhante, em que um homem comprava e “levava” uma mulher, para a venda de ingressos individuais, em que as companheiras podem ir às festas sem se preocupar se alguém vai convidá-las. Discute-se a participação das mulheres nas festas:

(...) O que nos impressionou agradavelmente foi o facto de vermos no salão numerosas companheiras de diferentes idades, apesar de ter-se rompido nos ultimos festivaes com o costume de ingresso familiar, substituindo-o com o ingresso pessoal, igualando, por tanto, os sexos nos seus direitos e deveres.

Essa facto vem demonstrar que as mulheres já começam a ter gosto pelas cousas que são ditas e representadas nas festas sociaes.

### 3.2.1 “Filhas do povo” – palavra e ação

Como parte do projeto de emancipação feminina libertário está, num lugar destacado, a organização feminina. *A Plebe* divulgou, com muito gosto, grupos surgidos no meio libertário e operário: Centro Feminino Jovens Idealistas, Federação Internacional Feminina, Comité Feminino de Educação e Centro Feminino de Educação. Havia todo um esforço de educação das mulheres, de discussão da questão social, com sessões de propaganda sobre temas como o anticlericalismo, ou os “pensamentos avançados”, como “As doutrinas de Cristo, Comte, Marx, Lassalle e de Bakunine”, abordadas numa conferência proferida por Florentino de Carvalho, ou participando de campanhas em solidariedade, como no caso da Campanha Pró-Presos e Deportados, ocorrida em 1920. Há vários textos reforçando a importância desse tipo de organização que agregava o “elemento feminino” e desenvolvia atividades junto às classes trabalhadoras, junto aos homens, e se dizia abertamente contra um tipo de atuação apartada do sexo oposto. Isso parece ser da própria concepção de emancipação feminina, ligada a uma “conjuntura”, situação mais ampla, em que homens também são explorados e devem ser companheiros na luta pela revolução social. Essas organizações não eram anarquistas, não se diziam anarquistas-feministas, como outras na América Latina e na Europa, mas havia influência dos princípios libertários, fica claro nos textos-manifestos que

---

<sup>92</sup> *A Plebe*, 12 abr. 1924. n. 233, p. 2.

lançaram e nas bases de acordo do Centro Feminino Jovens Idealistas, de que trato mais a frente.

O *Manifesto do Centro Feminino “Jovens Idealistas” – ao povo trabalhador de S. Paulo*<sup>93</sup>, é exemplo da preocupação dessas organizações com a luta dos trabalhadores – o que se explica pelo fato de serem elas mesmas trabalhadoras e participarem do movimento operário, como no caso de Maria A. Soares. Colocam-se contra a repressão policial e patronal e da necessidade de que o povo se mantenha organizado. Dizem-se “filhas do povo”, numa posição bem demarcada de mulher, porém não quaisquer mulheres: “filhas do povo”.

(...) O que se torna necessario agora é que o operariado, consciente de seus direitos e deveres, saiba demonstrar a essa catorva de barbaros, que os ideaes de um povo não se suffocam com açções covardes; que não há força capaz de as suffocar.

Nós que, como filhas do povo, não temos maior aspiração que a de ver esse mesmo povo, livre de todos os jugos que o aviltam, alçar-se altivo, demonstrando não ser um miseravel rebanho, disposto sempre a deixar-se tosquiar; fazemos um caloroso appello aos trabalhadores de S. Paulo, afim de que permaneçam unidos, continuando nas ligas ou syndicatos a que pertencem, redobrando de actividade, no sentido de attrahir á organização os operarios ainda não organizados, desbaratando desta fôrma os planos machiavelicos dos industriaes e da policia e salvando a sua dignidade de homens de brio. (...) Fazemos tambem constar o nosso vehemente protesto contra as arbitrariedades da policia que em sua sanha bestial desconhece até o respeito devido ao pudor natural de mulheres honradas a quem a policia insultou, penetrando altas horas da noite em seus aposentos e arrancando-lhes a roupa com que se cobriam.

A açção da policia, praticando essas monstruosidades, foi tão covarde, tão infame, tão suja que não achamos palavras capazes de exprimir a nossa indignação.

Mas nós confiamos no povo. Sabemos que tanta infamia não lhe pode ser indifferente, posto que a elle se visou ferir, com esses actos mesquinhos.

O Centro Feminino Jovens Idealistas do qual fazem parte algumas parentas dos operarios presos e escolhidos pela policia, para servirem de victimas, aos quaes possa saciar o odio que contra o povo nutre, só pede aos trabalhadores de S. Paulo, por emquanto, uma coisa: que permaneçam unidos e firmes no seu proposito de fazer imperar a Liberdade e a Justiça, e de estarem attentos á primeira voz de alarme.

*A Plebe* trazia notícias do Centro Feminino Jovens Idealistas, reafirmando a sua importância e impulsionando as companheiras a prosseguir na empreitada. A comissão executiva já havia sido constituída, e dela faziam parte Maria A. Soares, secretaria; Maria Alves, tesoureira; e Margarida Pílon, Luíza Cipito, Cilatina Bersin como auxiliares.

Núcleos da Vanguarda

Centro Feminino Jovens Idealistas

---

<sup>93</sup> *A Plebe*, 22 set. 1917. N. 14, p. 2.

É um facto a constituição deste núcleo de ação social, que muito poderá fazer em prol da nossa propaganda no seio do proletariado feminino tão numeroso nesta capital e ao mesmo tempo tão escravo dos preconceitos e da exploração capitalista.

Os trabalhos do C.F.J.I. está despertando interesse entre as operárias, como prova a concorrida e animada assembleia realizada no domingo passado, na qual foram tomadas importantes resoluções.

Entre outras coisas, ficou assentado tratar-se da fundação de uma escola dominical destinada às operárias em geral e realizar um festival em 1º de maio. – A sua comissão executiva ficou assim constituída: secretaria Maria A. Soares; tezuoureira, Maria Alves; auxiliares, Margarida Pilón, Luíza Cipito, Cilatina Bersin.

Na sexta-feira, o Centro efetuou uma outra reunião<sup>94</sup>.

No documento das *Bases de Acordo do Centro Feminino Jovens Idealistas*<sup>95</sup>, a emancipação feminina é entendida como “uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrução racional e científica e pela luta consciente em prol dos seus direitos e reivindicações”. O Centro se propõe a “reunir em seu seio o maior número de pessoas de sexo feminino”; “manter as mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as instituições cujos fins tendam á emancipação da Humanidade”, instruir as mulheres para “elevar-lhes o carater e tornal-as aptas a conquistar a sua emancipação”, por meio de escolas gratuitas, fundação de bibliotecas, edição de publicações de “propaganda de educação e regeneração social”, organização de conferências, festivais instrutivos e “recreativos” – pouco tempo depois foi instalada uma escola para operárias, gerida pelo Centro; combater todos os males sociais e as causas que os originam.

No tocante ao funcionamento do Centro, diz-se que não obedece a nenhuma seita religiosa nem tem tendências políticas, mas se baseia nos princípios dos “ideais modernos, tendentes a regenerar e educar a Humanidade”. Destaca-se que não há distinções honoríficas entre as sócias, consideradas iguais entre si e a organização não tinha uma diretoria “com poderes autoritários”. Havia comissões eleitas em assembleias para realizar tarefas executivas, de representação ou administrativas, sendo eleitas de acordo com as necessidades do momento. Como já foi apontado, as bases de acordo, no 9º ponto, reforçam a idéia de não “separar” os sexos, discussão presente nos textos sobre emancipação feminina:

Como os fins deste Centro não tendem a separar os sexos e sim fazer que melhor se compreendam e se respeitem, o que equivale a unil-os com laços mais solidos que os

---

<sup>94</sup> *A Plebe*, 28 fev. 1920. n. 54, p. 2

<sup>95</sup> *A Plebe*, 13 mar. 1920. N. 56, p. 4.

existentes, embora não aceite como sócios a pessoas do sexo masculino, não recusará o concurso que este possa e queira prestar-lhe. Pelo contrario, deseja-o até, ficando grato a quantos o ajudarem na obra que pretende realizar (...)

Já em 1922, *A Plebe* dá a conhecer a Federação Internacional Feminina, que pretendia “canalizar todas as energias femininas dispersas, no sentido de cultura philosophica, sociologica, psychologica, ethnica, esthetica – para o advento de uma sociedade melhor”<sup>96</sup>. Sua fundadora, Maria Lacerda de Moura, era escritora e, segundo o jornal, realizava conferências no sentido de “propagar o ideal da emancipação da mulher”. Vez por outra há notas elogiando o trabalho da Federação, ressaltando-se a figura de Maria Lacerda.

No mesmo ano, o Comitê Feminino de Educação promoveu uma conferência social, “Com o fim de difundir no seio do povo e especialmente entre o elemento feminino a educação social”<sup>97</sup>. A conferência de Florentino de Carvalho teve por tema: “O povo – a família – A mulher e a sociedade – Os direitos da mulher no regimen bolchevista da Russia – Humanidade livre”. É de se observar que temas eram escolhidos para ser abordados nessas conferências: a questão da família, sempre valorizada; o exemplo da Rússia, ainda citado à época; e o fechamento da conferência com o tema “Humanidade Livre”, já que geralmente se falava em emancipação feminina com o horizonte de emancipação humana.

Em 21 de outubro de 1922, *A Plebe* divulga a fundação do Centro Feminino de Educação. Houve uma primeira conferência da companheira Isabel Cerruti. De importância sua transcrição, como evidência de uma concepção de emancipação feminina:

Centro Feminino de Educação – Depois de ter passado pelo seu período de desorganização como todo o elemento da vanguarda social, um grupo de companheiras de denotada boa vontade, trabalha, e tem-se esforçado para reunir em uma associação todas as suas camaradas e amigas para bem unidas poderem desenvolver um trabalho de educação e de emancipação social do elemento feminino do Brasil.

No dia 17, terça-feira, effectuou-se a primeira sessão de propaganda no salão da rua Brigadeiro Machado, onde a companheira Izabel Cerrutti leu uma excellente conferencia, estudando a emancipação da mulher sobre o prisma libertario e demonstrando com efficiencia de argumentos que a emancipação da mulher não está na igualdade desta perante o homem nas prerrogativas politicas e de mando, mas sim na emancipação da humanidade da tutela politica e na igualdade economica e social de todo genero humano.

Demonstrou, e com solidos argumentos, que a mulher não é a escrava do homem, mas sim escrava juntamente com o homem de mil preconceitos, e victima como elle

---

<sup>96</sup> *A Plebe*, 15 abr. 1922. N. 179, p. 4

<sup>97</sup> *A Plebe*, 9 set. 1922. N. 190, p. 3.

da exploração e da opressão exercida pelos potentados de ambos os sexos, tanto sobre o homem como sobre a mulher.

Igualal-a aos homens, diz, é ficar onde estamos, pois que o homem é escravo e explorado; que devemos é lutar ao lado e junto aos homens para que a emancipação seja um facto, não para a mulher ou para o homem, pois que os dois sexos se entegram e se completam.

Ao terminar deu por fundado o ‘Centro Feminino de Educação’.

A sessão esteve bastante concorrida, vendo-se no salão um bom cento de companheiras e simpatizantes dos ideais libertarios.

Falou tambem um companheiro sobre o processo Sacco e Vanzetti, demonstrando aos presentes a justiça da campanha pró-libertação desses dois camaradas, e outros fizeram uso da palavra para exteriorizar os seus sentimentos rebeldes vergastando os opressores da classe trabalhadora.

Que reuniões como essa se repitam seguidamente é o nosso desejo.

Posteriormente, em 1924, *A Plebe* diz do anseio de algumas companheiras em criar o Centro Feminino, para reunir “todas as mulheres que se interessam pela questão social em suas variadas manifestações”. O jornal apóia:

Não é essa a primeira tentativa. Outras iniciativas já foram tomadas nesse sentido, tendo, infelizmente, todas ellas naufragado. Nem por isso devem desencorajar-se as companheiras de levar avante, desta vez, com entusiasmo e boa vontade a obra que pretendem iniciar, da qual poderá surgir um organismo que venha preencher uma das lacunas de que se ressentem a obra de propaganda e divulgação dos sãos princípios de emancipação humana.

A existência do Grupo de Emancipação Feminina, no Rio, é noticiada em 1923<sup>98</sup>, por Maria e Angelina Soares, irmãs anarquistas. Elas declaram que o Grupo de Emancipação Feminina não existia mais e por isso não poderia aceitar uma quantia doada em seu favor para a publicação de um jornal. A doação havia sido remetida para o jornal *Nuestra Tribuna*, que se publicava na Republica Argentina, segundo o texto, com a mesma diretriz que deveria ter o jornal que tencionavam publicar no Rio.

### **3.3 Uma Pedagogia Social na tessitura da emancipação feminina**

O projeto de emancipação feminina anarquista passa pela educação, não como mera instrução, mas o debate acerca da questão social; tomar conhecimento da sua situação de

---

<sup>98</sup> *A Plebe*, 21 jul. 1923. N. 214, p. 3.

oprimidas é o primeiro passo para a libertação; a mudança passa pela organização feminina e participação na luta social, como vimos, e pela sexualidade, novas relações na família, negação dos valores burgueses, por uma outra relação com a maternidade e até pela negação do exemplo das burguesas, afirmando-se mais ainda o exemplo libertário. A emancipação da mulher é abordada dentre as grandes bandeiras de luta social e todas essas questões citadas compõem a tessitura do projeto de emancipação feminina anarquista.

A educação mereceu atenção nuclear no projeto anarquista. Com as mulheres não foi diferente, ligando-se diretamente a necessidade de educação à possibilidade de transformação social de sua situação de oprimidas. Na seção anterior, conhecemos as organizações femininas apontando a educação como questão central – carregando-a inclusive no nome, como o Comité Feminino de Educação e o Centro Feminino de Educação. Além dessas iniciativas, houve outras, ligadas a Sindicatos, bem como o fato de as Escolas Modernas serem “para ambos os sexos”. Houve, na Escola Moderna, cursos “manuaes” para as alunas: costura, bordado, etc., demonstrando também uma certa divisão homem/mulher com relação à profissão.

A União das Costureiras promovia encontros e uma escola dominical para as operárias, com aulas de Português, Aritmética, Geometria, Geografia e Corte. A justificativa para as ações era de que “Instruir a mulher é elevar-a, enaltecer-a, dignificar-a e encaminhá-la para a sua emancipação!”<sup>99</sup>.

Já no texto *Pedagogia Social*<sup>100</sup>, de Berenice, professora, como ficou implícito que é a sua profissão, propaga a missão revolucionária da educação:

Até hoje, inegavelmente, a pedagogia não tem passado dum termo sem sentido, deturpado e desfigurado pelas necessidades dos governantes em manterem o seu perpetuo dominio e por isso em conservar o professorado publico e privado adstrito aos programas de ensino governativo, organizados por pessoal muitas vezes estranho ás questões educativas e sempre subservientes ás ordens de cima, para que o status quo permaneça indefinidamente imobilizado, impedindo todas as evoluções e transformações de mentalidade e de instituições sociais.

Ela conta de um encontro entre professores do Brasil e de Portugal na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Reproduz a fala do também professor Álvaro Palmeira sobre o ideal da profissão: “(...) o papel nobre e humano de dirigir as infantis inteligencias para o

<sup>99</sup> *Pela Instrução da Classe Operaria Feminina - Ao publico em geral. A Plebe*, 25 jun. 1921. N. 123, p. 4.

<sup>100</sup> *A Plebe*, 19 jun. 1920. N. 69, p. 3.

caminho da paz, do bem e da felicidade universal, inculcando em suas juvenis mentezinhas ideias generosas de fraternidade e de solidariedade, como fizeram Ferrer e Savigni”. Entretanto, o discurso de Álvaro Palmeira, tão bonito para Berenice, foi recebido com críticas pela imprensa burguesa, a qual a professora denuncia, exortando os professores a participarem ativamente da transformação social, através da educação que oferece aos seus alunos, devendo ensinar-lhes um profundo senso de Justiça e Solidariedade. É importante pensar que boa parte do professorado das escolas primárias era composto de mulheres e *A Plebe* publicou textos, por vezes, criticando o caráter dessa educação, nacionalista ou religiosa que, algumas mulheres, devido a suas crenças, posturas pessoais, passavam aos alunos.

A educação também foi abordada em sua conexão ao universo feminino a partir da maternidade. Mais a frente trago outros exemplos, mas o texto *Primeiro de Maio (apello às mulheres*<sup>101</sup>, de Theresa Escobar, interpela as mães a ensinar aos filhos os nomes de Engel, Fischer, Lingg, Parson, Spies<sup>102</sup> e “(...) demais martyres do Ideal sublime, para os venerarem como os verdadeiros redemptores da Humanidade, e não ao Christo nú e esqualido pregado no ignominioso madeiro!”.

Theresa, que muito escreveu sobre anticlericalismo, propõe uma espécie de educação “militante” por parte das mães, pautada na questão social e no reconhecimento da memória exemplar:

Quizera que a mulher operaria e redimida pela vossa expiação, corresse apressada e lepida ao posto do dever e com suas mãos puras e delicadas principiasse a tecer a corôa de saudades para a depositar sobre o Calvario onde as vossas cinzas veneradas, ó martyres de Chicago, jazem sepultadas!

### 3.3.1 “Emancipação da família obreira” – Sujeito coletivo da luta social

A família operária era argumento recorrente n’*A Plebe*, já que homem, mulher e crianças trabalhavam para o sustento do lar. Entretanto, aparece mais a figura do homem provedor, que tem mulher e filhos a criar, estando a família ligada aos protestos contra a carestia dos alimentos, os altos preços dos aluguéis, bem como as habitações “anti-higiênicas”, onde casal e filhos de ambos os sexos dormiam juntos.

---

<sup>101</sup> *A Plebe*, 1º mai. 1919. N. 11, p. 2.

<sup>102</sup> Os mártires de Chicago.

A “emancipação da família obreira” e a emancipação da mulher dependem diretamente de um novo modelo familiar, possibilitado por mudanças econômicas, religiosas, e pela própria participação das mulheres na tessitura de uma revolução social. Havia o reconhecimento de que a mulher enfrenta mais dificuldades em se sustentar financeiramente na organização social capitalista, o que a levaria a se submeter a um casamento por interesse. A família comunista seria um espaço que, pela sua estrutura de independência econômica entre os membros e por ser baseada no amor – diferentemente da estrutura tradicional de família, apontada pelos anarquistas como embasadas em interesses econômicos –, mudaria a condição das mulheres. E aqui surge um dos temas mais controversos do pensamento anarquista: o amor livre.

### 3.3.2 O amor livre como “amor libertado”

O amor livre se confunde com essa nova ideia de família, pois é o que mudaria as relações familiares, poria fim ao atrelamento família/interesses econômicos/religião. Essa discussão veio à tona inúmeras vezes, e, em muitas, a mulher era o foco, reconhecendo-se o impacto da mudança em sua condição social. O casamento burguês era abordado como “prostituição legalizada”, o divórcio como saída imediata e o casamento baseado no amor como a melhor opção. Importante ressaltar, no entanto, que o amor livre vinha atrelado a uma “pré-condição”: outro sistema econômico, em que todos e todas tivessem a subsistência assegurada, a revolução social. Como bem resume José Oiticica, numa entrevista concedida ao jornal<sup>103</sup>: “(...) verdadeira família, onde filhos e filhas estejam garantidos contra a miséria, a prostituição, os vícios, a falta de higiene e os casamentos interesseiros. Queremos, em summa o ‘amor libertado’.”

Essa nova família era uma das grandes utopias anarquistas. Durante os anos de 1919 e 1920 repetiu-se uma espécie de quadro, n’*A Plebe*, que procurava sintetizar a alegoria da família comunista-libertária. É intitulado “A família no comunismo”<sup>104</sup>:

A família no regimen burguez organiza-se tendo como base o interesse e as conveniencias e se conserva unida por liames artificiaes, compromissos

---

<sup>103</sup> Uma entrevista do camarada Oiticica. *A Plebe*, 28 jun. 1919. N. 19, p. 1.

<sup>104</sup> *A Plebe*, 11 out. 1919. N. 30, p. 2.

vergonhosos, traições mal encobertas, litígios, ofensas pessoais, transações e violências.

E quando nas classes pobres se dissolve, os filhos são abandonados à caridade pública e, faltando esta, são atirados à rua...

Ao lado da família burguesa prospera o infanticídio, a prostituição, o proxenetismo e o crime...

No regime comunista anárquico a base única da família é o amor e mantém-se pela amizade, pelo respeito mútuo, livre de preocupações econômicas.

E se o amor que determinou a união vem a desaparecer e o convênio se transforma em opressão recíproca, dissolvendo-se a família, os filhos ficam amparados pela comunidade.

As uniões sexuais fundadas no amor foram apontadas como medida para solucionar o problema social. O texto *Como deve ser solucionado o problema social*<sup>105</sup>, no item 9, apresenta: “As uniões sexuais devem fundar-se no amor. A mulher deve ser, econômica e moralmente, independente.” Em *Federalismo Anarquista*<sup>106</sup>, o militante e teórico russo, Miguel Bakunin explica o conceito de federalismo tomando como exemplo uma relação de amor livre entre um casal:

Assim como estamos convencidos de que abolindo o matrimônio religioso e o matrimônio civil, jurídico, restituímos a vida, a realidade, a moralidade ao matrimônio natural unicamente fundado sobre o respeito humano e a liberdade dos dois indivíduos homem e mulher que se amam; que reconhecendo a cada um a liberdade de se separar do outro quando quiser e sem necessidade de pedir licença seja a quem for negando igualmente a necessidade desta licença para se unirem os dois, e repelindo em geral toda intervenção de qualquer autoridade em sua união, nós os tornaremos mais estreitamente unidos, bem mais fieis e leais um para o outro assim também estamos convencidos de que quando deixar de existir o maldito poder do Estado para obrigar os indivíduos, as associações, as comunas, as províncias, as regiões, de viver juntos, eles se ligarão muito mais frequentemente e constituirão entre si uma unidade muito mais viva, mais real, mais poderosa do que aquela que têm hoje de armar, sob a pressão para todos igualmente esmagadora, do Estado.

Já em *Amor Livre*<sup>107</sup>, de Antonio C. Altavila, o autor discorre sobre o amor livre e seus “benefícios” para homens e mulheres, diz da procura de uma pessoa para dividir a vida, da importância de construir esse tipo de relacionamento de amor e solidariedade, respeito. Ao fim do texto, como que reconhecendo a situação de desigualdade entre os sexos, deixa uma mensagem de rebeldia às mulheres. Trago o escrito na íntegra:

---

<sup>105</sup> *A Plebe*, 24 jan. 1920. N. 49, p. 3.

<sup>106</sup> *A Plebe*, 15 jan. 1921. N. 102, p. 1.

<sup>107</sup> *A Plebe*, 4 dez. 1920. N. 92, p. 2.

Amor Livre não é, como alguns pretendem e outros julgam, as relações sexuais havidas de momento em praça pública, ou num andar registrado sob um numero da policia.

Amor livre não é a necessidade de satisfazer um desejo natural, cumprindo uma exigência simplesmente fisiológica, aproveitando-se uma oportunidade que o acaso dispõe no meio falso em que a sociedade vive.

Amor livre não é a união vulgar que por aí se faz, quando da parte do homem existe o preconceito de não dar o “seu nome” á companheira, porque entende que não é digna dele.

Amor livre é o mais belo sentimento de assimilação da vontade e do pensamento que se reúne em dois indivíduos de sexo diferente. É um todo formado pelo homem e pela mulher que se completam, que buscam a vida em comum, sem dependencias de codigos ou leis que determinem as suas funções, juntando-os ou apartando-os por simples convenção social.

Vivem juntos por que se querem, se estimam no mais puro, belo e desinteressado sentimento de amor; vivem juntos porque é essa a sua vontade, e não estão ligados por determinação alheia nem por interesses que a um digam respeito.

Tão pouco se estremecem pelo unico desejo de copula, que é naturalmente uma consequencia de aproximação e da afinidade de sentimentos.

Quando existem incompatibilidades, quando por qualquer circunstancia um caia no desagrado do outro, nada os força a viverem juntos, e não buscam leis de separação porque as não tiveram de junção.

Amor livre é o mais vivo testemunho da sinceridade do amor que existe entre o homem e a mulher; no amor livre cessa em absoluto qualquer desconfiança que na atualidade existe, muitas vezes, entre casais.

A dúvida, a desconfiança, a incerteza nunca poderão existir no amor livre porque o homem ou a mulher não necessitam de recorrer, como agora, á dissimulação, á mentira, ao engano para encobrir muitas vezes no mais íntimo do seu ser, qualquer novo sentimento afetuoso que alguém lhe possa ter merecido.

Amor livre é a plena liberdade de amar e não a forma hipocrita do casamento em que o homem e a mulher ligados indissolúvelmente pelo casamento civil ou religioso são obrigados pelo preconceito a suportarem-se com enjôo, beijando-se em publico com o fel nos labios e a mentira no coração, e ferindo-se por todas as fórmulas e feitos na alcova conjugal.

E ponham nisto os olhos as mulheres que aceitam o poder despotico dos pais que as submetem pelo casamento a este ou aquele de seu agrado, ou as que se entregam ao poder de um marido, que, conforme a lei o declara, será o seu dono e o seu tirano, embora seja muitas vezes um amigo sincero e até dedicado.

A maior parte dos textos sobre amor livre foi escrita por homens e fala a homens e mulheres, geralmente às mulheres no tocante à emancipação feminina, a uma ruptura necessária e desejada. Sempre há a crítica ao casamento religioso, civil e indissolúvel da sociedade burguesa – a questão da sexualidade e da família perpassa as críticas à Igreja, ao Estado e à sociedade capitalista, ou seja, a “trindade” tão combatida pelos anarquistas. O amor livre foi abordado muitas vezes sob esse viés da libertação das mulheres e, durante alguns anos, até mais ou menos 1921, o jornal trazia o exemplo da Rússia, desmistificando a

propalada “socialização das mulheres”<sup>108</sup> e apontando um horizonte de mudança da condição feminina com o advento de uma revolução social. Em *A moral dos moralistas*<sup>109</sup>, Everardo Dias conta a história de uma mulher enganada por um deputado, que havia lhe prometido casamento. A partir do acontecido, o autor fala de amor livre e dos direitos das mulheres com relação a sexualidade. Cita o exemplo da Rússia e diz que o deputado combate o bolchevismo que:

(...) equipara os direitos dos dois sexos, transforma a mulher de simples objecto de luxo ou escrava de prazer num ser consciente e digno, com o direito de amar e de ser amada, sem sanções nem preconceitos de classe, côr ou posição.

Ainda sobre a Rússia, mas não somente, o texto *A propósito da socialização das mulheres – um caso curioso de requisição - quem é que quer a escravidão da mulher?*<sup>110</sup>, não assinado, diz-se que os anarquistas dão especial atenção à emancipação feminina. O texto é um dos muitos que visa desmentir a história de que houve um decreto na Rússia socializando as mulheres. Teriam dito, na Inglaterra, que o grupo que publicou tal decreto era anarquista, ao que *A Plebe* responde:

E muito menos os fariam (*os anarquistas*) para escravizar a mulher e o amor – elles que se distinguem entre todos os demais socialistas pelo ardor com que, como simples corolario das suas doutrinas, reivindicam para a mulher a plena disposição de si propria e para o amor a libertação de todas as peias economicas e politicas.

Porque, se para bem da prole, para bem da humanidade, convem que a união sexual seja duradoura, é nesse mesmo interesse e para esse mesmo resultado que é necessário que a não provoque uma necessidade economica ou qualquer coacção ou motivo alheio a uma atracção sincera; e que a não mantenha e prolongue outro laço senao o amor reciproco e o amor da prole, a comunidade de intimos sentimentos, e a consciencia profunda do fim educativo do lar.

A prostituição, em todas as suas formas, só tem por inimigos os anarchistas, todos os socialistas em geral. Na Russia, com ser bem incompleta a revolução, já essa chaga da sociedade burgueza soffreu uma sensível reduccão.

Toda essa discussão sobre amor livre, sobre um “prazer consciente”, abre caminho para uma outra questão, também presente nas críticas à Igreja, da vivência da sexualidade

---

<sup>108</sup> A “lenda” da socialização das mulheres foi uma brincadeira de Máximo Gorki que, antes de apoiar os bolcheviques, fazia-lhes várias críticas. Ele teria dito que os revolucionários baixaram um decreto para socializar as mulheres. A imprensa internacional divulgou a história. Numa coletiva, Lênin foi perguntado sobre o assunto, mas, acreditando tratar-se de uma piada de mau-gosto, não respondeu, o que aumentou a polêmica em torno da história. Tempos depois o mal-entendido foi esclarecido. Ver *Como se formam as lendas - A tal socialização das mulheres. A Plebe*, 30 ago. 1919. N. 28, p. 3.

<sup>109</sup> *A Plebe*, 30 ago. 1919. N. 28, p. 2.

<sup>110</sup> *A Plebe*, 19 set. 1919. N. 11, p. 2.

como algo natural. No poema *Amor Livre*<sup>111</sup>, de Coriolano Leite, diz-se que “a virgindade é quase um crime” e conclama-se as “virgens” a abandonar o “o frio sepulchral da casa de Jesus”. Diz-se do amor com muita naturalidade e beleza, associando-o ao bem-viver e liberdade, contrapondo-se às concepções pecaminosas da religião. Além de tudo, há exaltação da maternidade, associada à vida. A poesia causa um “choque” e quebra tabus:

Amor Livre

I

Virgens: erguei o olhar que as sombras do convento  
acostumou a andar cerrado para a luz.  
Deixae um instante só os extasis de crus,  
e enchei-vos deste sol que brilha turbulento.

Virgens: deixae o altar e o solo poeirento  
e o frio sepulchral da casa de Jesus,  
e vinde, erguida a fronte e os lindos seios nus,  
para que o sol vos beije e vos abrace o vento.

Deixae na cella austera a timidez do olhar  
e vinde para a vida a rir e a cantar  
os canticos do amor, de força e de belleza.

Vinde gosar a vida em toda a plenitude  
e não faneis assim a vossa juventude  
com sonhos infantis duma banal pureza.

II

A virgindade é quasi um crime. Cada seio  
deve florir num ser tal como a terra em flores.  
Vencei o preconceito e os falsos vãos pudores  
em que vos abysmaes num subitaneo enleio.

Dae-vos altivamente aos beijos, sem receio.  
Vida, gerar a vida e procrear amores.  
Gloria ao túrgido peito! Honra às maternas dores!  
Honra ao ventre da mãe abençoado e cheio!

---

<sup>111</sup> *A Plebe*, 21 out. 1917. N. 18, p. 2.

Como na antiga Grecia estheta, rediviva,  
ó virgens, desnudae a vossa carne altiva  
e fecundae, após, num sopro de energia.

E vós, homens de amor, e vós que a desejaes,  
arrancae-lhe da frente as c'rôas virginaes,  
beijae-as livremente á grande luz do dia.

Por outro lado, havia posicionamentos conservadores, moralizantes com relação à sexualidade, e as críticas recaíam sobre as mulheres, geralmente as burguesas, retratadas a partir de práticas luxuosas, escandalosas e ligadas ao adultério. Um dos fatos sociais mais criticados era o Carnaval, onde a sensualidade estaria a florada. Entretanto, é importante ressaltar que a crítica ao Carnaval não é meramente do ponto de vista da sexualidade, mas é da questão de classe, de algo tido como “distração” do objetivo finalista, da revolução, e tido como “válvula de escape”, na medida em que as classes dominantes dariam essa “folga” aos trabalhadores para “acalmá-los” da luta por uma vida melhor.

*A Plebe* deu destaque, por vezes, à união de casais, editando notinhas sobre e desejando felicidades aos dois, por vezes na coluna *O Lar Proletário*, editada durante alguns anos. Em *Bilhetes de Petropolis - União Livre*<sup>112</sup>, de Domingos Braz, cita-se a aliança entre duas pessoas e a “cerimônia” realizada à margem da Igreja e do Estado:

Quinta-feira, 28 de fevereiro p.p., realizou-se em Petropolis a união livre do camarada Vicente Llorca com a companheira Maria Garcia.

A assistencia ao acto foi – sem favor – numerosa, predominando o elemento feminino.

Na ocasião, diversos camaradas usaram da palavra, dizendo do alto significado libertario do acto que se praticava.

Oxalá que a numerosa assistencia saiba interpretar integralmente, até ao amago da sua essencia, o que presenciaram, testemunharam e applaudiram. Que esta livre união seja a porta aberta por onde passarão triumphantes todos os presentes e, especialmente, as companheiras – são os votos que formulamos ao redigir estas linhas.

Constituir a familia libertariamente, será o inicio da sociedade futura, da sociedade comunista-anarchista!

---

<sup>112</sup> *A Plebe*, 29 mar. 1924. N. 232, p. 2.

A família era a unidade revolucionária. Há diversas conclamações a que se mudasse a estrutura familiar desde já, que não houvesse autoritarismo nas famílias anarquistas, posto que não se podia pregar a revolução social e ser autoritário com esposa e filhos – um apelo aos homens. A família era tratada ainda como espécie de “porto-seguro”, o que aparece muito relacionado ao homem, que retornaria à casa cansado, depois de um dia de trabalho, e encontraria ali o conforto.

Muitas das campanhas de solidariedade dirigiam-se às famílias dos trabalhadores militantes presos, deportados ou desempregados devido ao posicionamento político. Com relação ao episódio das deportações, ao qual *A Plebe* deu amplo destaque, destaca-se a separação das famílias e tem-se, com a perda, os discursos acerca da dimensão da importância da família, da educação que os pais devem prover conjuntamente aos seus filhos, do amor entre os companheiros, ou seja, uma valorização da família como um “direito” do sujeito – chegou a aparecer esse termo, de fato – e como um espaço de afetividade verdadeira, diferente da família burguesa, onde tudo seriam interesses pecuniários.

Outra temática em que se privilegiou os discursos acerca da família é o antimilitarismo. As guerras traziam orfandade e a viuvez estaria diretamente ligada à prostituição, naquela linha de pensar o homem como provedor e, portanto, sem ele, a mulher precisaria se prostituir para sustentar a família.

O jornal discute ainda as relações no interior da família. Aparece um caso de violência doméstica, que culminou com o assassinato da companheira pelo homem. Há textos que falam contra as violências e autoritarismos, apregoando uma mudança nas relações familiares como base da revolução anarquista e como questão de coerência com o pensamento libertário, textos que orientam a divisão das tarefas do lar, o cuidado conjunto com os filhos, a importância da educação destinada às crianças pelos pais.

Outros materiais dizem contra o alcoolismo – direcionado a homens –, que tem efeitos negativos na família, companheira e filhos, no orçamento da casa. Alguns citam diretamente a mulher como beneficiada com essas mudanças, outros citam os dois, homem e mulher, além das crianças. Tenta-se forjar uma imagem dos libertários como homens que cuidam de sua família (filhos e companheira) e não vão à taberna.

Nessa questão do “direito” à família, já citada, são denunciadas as miseráveis condições de vida, que impedem os sujeitos de constituírem suas famílias e as sustentarem de maneira saudável, “higiênica”, ou seja, provendo alimentação, moradia, educação e lazer.

Há, em alguns momentos, uma “naturalização” da família, tida como destino inescapável. E nessa esteira vem a naturalização dos “papéis” femininos, como o de mãe e dona-de-casa. Isso se liga à crítica à participação feminina no trabalho, o que ganha força e racionalidade com três argumentos: o trabalho adoce e prostitui as mulheres; o trabalho das mulheres tira o dos homens; o trabalho assalariado não seria o natural para as mulheres, ao contrário da maternidade e dos cuidados da casa. Sobre isso, é interessante observar o texto *O Congresso têxtil do Rio*<sup>113</sup>, que aborda questões relativas à saúde dos operários e, em determinado momento, centra-se nas condições ingratas a que as mulheres que resolvem ser mães estão submetidas no espaço de trabalho e, embora traga uma visão tradicional de mãe e dona de casa, há valorização do papel feminino e, sobretudo, a crítica às condições de trabalho na sociedade capitalista:

(...) E, no que se refere as operarias parturientes, ainda e sempre o mesmo erro e desorientação.

As mães não tem direito a um mez de ferias ou repouso antes e a outro depois do parto. As mães pelo facto de ser mães, tendo de amamentar os seus filhinhos, e de cuidar e zelar pelos interesses de o lar de que devem ser as inspiradoras e ornadoras mais salientes e talvez unicas, tem o direito de ficar em casa tratando dos afazeres domesticos, e cumprindo zelosamente e conscienciosamente esses deveres, ja não é pequena a tarefa, o sacrificio, o trabalho.

O que os trabalhadores deveriam pedir, reclamar, exigir, conquistar, era um salario que fosse suficiente para a manutenção honesta do seu lar, sem necessidade do trabalho da mãe e das crianças. A função de mãe está acima de todas as cousas, de todos os interesses vis e mesquinhos. O seu lugar não é degradando-se physica e moralmente na fabrica, mas embalando o berço, preparando o alimento, costurando a roupa do seu marido e filhos.

### 3.3.3 Um apelo às mulheres: Ao Antimilitarismo!

Provavelmente o tema que mais invocou o papel de mãe foi a luta antimilitarista. Em *As mães*<sup>114</sup>, de Isaac Ninive, faz-se um apelo às mulheres para que não deixem seus filhos irem à guerra e aconselhem a rebelião. Há um conto intitulado *Contos da Guerra – O Filho*<sup>115</sup>

<sup>113</sup> *A Plebe*, 21 jul. 1923. N. 214, p. 1.

<sup>114</sup> *A Plebe*, 16 jun. 1917. N. 2, p. 2.

<sup>115</sup> *A Plebe*, 16 jun. 1917. N. 2, p. 4.

que narra a história de uma “velha” e seu filho, que foi à guerra e morreu, deixando a mãe abandonada, sem amparo. Esse apelo é muito forte, porque, de fato, as famílias proletárias sofriam com a perda dos homens, maridos ou filhos, tanto na questão afetiva, a mais enfatizada, quanto na questão econômica, dita a partir dos fantasmas da prostituição para as mulheres que precisariam sustentar uma família sozinhas. O tema antimilitarismo, abordado sob o viés da família, rendeu textos muitos bonitos, que uniam delicadeza à revolta.

Ainda sobre as condições difíceis enfrentadas pelas mães, houve textos abordando o aborto e o infanticídio por um viés da pobreza. O tom era de tristeza com o fato de mulheres praticarem os dois atos, entretanto, essa prática era entendida dentro de um contexto social nada favorável à maternidade e, a partir disso, o jornal buscou reafirmar a necessidade de uma nova estrutura familiar, do amor livre e de uma organização social que garantisse a todos e todas o necessário para viver.

Há textos aconselhando medidas de controle da natalidade e maternidade consciente. Em *O movimento revolucionário – estamos preparados? – um belo estudo do camarada Sebastião Faure*<sup>116</sup> há um tópico *Fazer filhos?*, sobre controle da natalidade, dirigido às mulheres. Faure pede que as mulheres se privem das alegrias maternas até terem certeza de que terão condições econômicas para isso e de que querem realmente ser mães. O motivo eram as dificuldades que os proletários tinham em criar seus filhos e o autor cita os interesses dos governos da Europa em que as famílias fossem numerosas, tendo a França constituído o Conselho Superior de Natalidade:

(...) como se póde conciliar o conselho de aumentar a natalidade com o de consumir menos? (...) Trabalhadores! Não deis ouvidos a semelhantes exortações. Os que vos dão estes conselhos procedem em contrario deles, porque partem deste principio - olhai para o que vos dizemos, mas não olheis para o que nós fazemos.

Durante o ano de 1917, quando o jornal aceitava anúncios, havia o reclame de uma espécie de anticoncepcional, “Philagina, preparado que evita a gravidez sem causar estragos à saúde. Vende-se em todas as drograrias do Rio e de S. Paulo. Caixa para cerca de 15 dias: 7\$000”. Apareceu durante um bom tempo, em 1917, quando o jornal ainda aceitava anúncios. Interessante discutir isso, porque havia uma valorização da maternidade, mas havia espaço

---

<sup>116</sup> *A Plebe*, 4 set. 1920. N. 80, p. 3.

para a vivência de uma outra sexualidade, não atrelada ao fim reprodutivo, como a religião prescreve.

Ligando-se à preocupação com a maternidade, um tema recorrente aos anarquistas era a infância, geralmente associado ao trabalho das crianças, bastante combatido pelos libertários a partir de comitês, manifestações, decisões de congressos, reivindicação de greves, notícias na imprensa libertária. No ano de 1917, em São Paulo, articulava-se o Comitê Popular de Agitação contra a Exploração dos Menores Operários<sup>117</sup>, com inúmeros apelos a que os pais dessem uma educação crítica e libertária aos filhos, munindo-os de argumentos, por exemplo, contra o militarismo. Muitas vezes as mães foram as mais interpeladas como educadoras, assumindo-se um posicionamento tradicional, pois, como afirmado no jornal, as mulheres também trabalhavam fora de casa, tinham outros afazeres além dos cuidados do lar. Em *Prophylaxia Racional*<sup>118</sup>, o autor J. Carlos Boscolo discorre sobre educação e o “papel” das mães nisso, desenvolvendo um conceito ideal de mãe operária:

Em que abysmos, em que barathros crueis as mães atiram seus filhos: nas Escolas do Estado, no ensino burguez ou nos collegios de jesuitas?...

(...)

A verdadeira mãe e especialmente a mãe operaria, tem o dever, a obrigação, de controlar o que seu filho nessas escolas aprende, porque nada ali elle concebe de util, de intelligente, de humano. Não se formam homens ali – fazem-se soldados; não se burilam intelligencias – abafam-se provaveis irradiações; não se libertam individuos – escravizam-se gerações para o beneplacito de uma insignificante minoria de homens de Estado e ordens religiosas.

### 3.3.4 Prostituição – “A corrupção social” da mulher

A prostituição é tema muito recorrente, seja da ótica da exploração das mulheres, seja da ótica de uma prática odiosa dos ricos, a qual geralmente se soma a questão dos jogos, vícios e, em geral, o parasitismo. O amor livre muitas vezes foi abordado em contraposição à prostituição, considerada uma vergonha, provocada pelo modelo de casamento burguês, hipócrita e interesseiro. Sempre dentre os problemas sociais citaram a prostituição, bem como, algumas vezes, dentre as bandeiras sociais, citaram a emancipação da mulher.

---

<sup>117</sup> *A Plebe*, 9 jun. 1917. N. 1, p. 1.

<sup>118</sup> *A Plebe*, 26 ago. 1927. N. 257, p. 3.

Era uma questão que feria as mulheres profundamente, empecilho à emancipação feminina. Em *A moral nos lares – Carta à empresa da ‘Revista Feminina’*, texto de Isabel Cerruti já citado no início do capítulo, a autora explica o que é amor livre, e contrapõe a isso a prostituição, tida como um desrespeito a todas as mulheres, que não seriam real e inteiramente livres enquanto houvesse tal prática. Ou seja, o fim da prostituição é também condição para a emancipação feminina:

Enquanto existirem desgraçadas nossas semelhantes, a perecerem nos antros do mercado da carne, e os nossos olhos forem obrigados a contemplar o triste espetáculo desse cancro repugnante, necessario nesta sociedade, quando nos abismamos em nossos sentimentos, o pudor dá-nos uma sensação de angústia, tornamo-nos retraída, porque nos sentimos depreciada entre a especie humana.

A prostituição era advinda das desigualdades sociais, da organização social burguesa e, algumas vezes, de um certo fascínio que a vida luxuosa de determinadas “meretrizes” poderia exercer sobre as moças operárias. No texto *As tragédias da corrupção social – o crime de hontem – a sociedade burguesa no banco dos réos*<sup>119</sup>, fala-se de um capitalista/patrão que abusou da sua criada. Além da notícia do fato, um texto reflexivo. Diz-se, entre outras questões, que a “corrupção” atinge sedutores e seduzidas e é fruto da sociedade atual:

A verdade é que não há mais innocencia, que não há mais pudor. O trabalho degenerado em castigo atira as moças a pedir ao vicio o supposto bem-estar que parece circumdar a vida das decahidas. E não sómente o atelier se afigura como um inferno, mas tambem o lar domestico. De outro lado há a inclinação ao goso, ás orgias, á devassidão, porque há tambem possibilidade de tudo comprar; o corpo de uma donzella virgem, e a carcassa de uma marafona desavergonhada – a lei.

Assim como no tocante ao amor livre, a extinção da prostituição era um exemplo constantemente evocado da Rússia. Seria um problema já resolvido, como relata um delegado da Rússia ao Brasil:

A prostituição também é problema já resolvido na Rússia. Ella vae desaparecer rápida e completamente. A mulher já não necessita alugar o seu corpo para viver nem vender a honra aos argentários para amparar a família. A egualdade econômica deu-lhe o logar que ella sempre devia ter occupado na Terra, restituindo-lhe a dignidade e a independência que a tornam senhora do seu próprio destino. Estão-lhe confiados, alem dos serviços domésticos, sua occupação natural e normal, todos os demais trabalhos que pela sua delicadeza e suavidade ella comporta não só sem esforços, mas com verdadeiro e legitimo prazer.

---

<sup>119</sup> *A Plebe*, 21 set. 1919. N. 13, p. 2.

A questão da prostituição está sempre contemplada no amanhã, após a revolução, embora apontada como mal social e *A Plebe* tenha publicado textos com intenção de sensibilizar para as condições difíceis em que viviam as mulheres que se prostituíam, como quando criticaram a lei que obrigava-as a visitar semanalmente o Serviço Sanitário. Diz-se que seria mais humano se as visitas fossem domiciliárias e que, se as mulheres transmitem a infecção, certamente foram contaminadas por homens – uma observação que vai contra a estigmatização que essas mulheres sofriam. Propõe-se medidas para amenizar os sofrimentos decorrentes da prostituição e contra a medicalização do corpo.

O que os anarquistas defendem, de fato, é a abolição da prostituição<sup>120</sup>, que viria com a revolução social, no amanhã libertário. No texto *A avalanche maximista*<sup>121</sup>, mais uma associação com a Rússia, de B. Ibiraty, anuncia-se que “(...) O alcoolismo, a prostituição e a miséria, que são os fructos do mundo burguez, desaparecerão como que por encanto, com a abolição do direito de propriedade e com a supressão do dinheiro”. De mesma opinião é Anarkus, pseudônimo, em *Um dia virá...*<sup>122</sup>, quando dedica um parágrafo à questão, que, em todo um cenário de mudança radical da sociedade, de utopia, teria um fim:

Um dia virá que, abolida a propriedade privada e consequentemente inaugurada a igualdade economica pela posse em commum de toda a riqueza social, desaparecerão os prostibulos, antros de infamia e depravação cheios de desgraçadas que vendem a sua carne, o corpo syphilitico e tuberculoso, em troca do vil metal dado pelos amantes do deboche, desejosos do seu sensualismo bestial e do seu falso amor.

Por outro lado, é importante pensar as representações acerca das prostitutas de luxo, associadas aos patrões. Há o contraste entre a abordagem da mulher pobre, que prostitui-se induzida pelo patrão, ou porque a guerra tirou-lhe o marido e ela precisa dar conta de uma família, com filhos pequenos, e a mulher que é um apetrecho de luxo do burguês gordo, de charuto na mão, ou tendo-a sentada sobre seu colo. Essa mulher é repudiada, é fútil, cheia de hábitos caros, tem “vida fácil”, é sustentada pelo suor dos trabalhadores explorados pelo

---

<sup>120</sup> Ver RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1991. O livro traz, dentre outros tópicos, o debate sobre regulamentação ou abolição da prostituição no Brasil.

<sup>121</sup> *A Plebe*, 1º mar. 1919. N. 2, p. 1.

<sup>122</sup> *A Plebe*, 1º mai. 1924. N. 234, p. 4.

amante. Inúmeras imagens denunciam isso, embora o foco não fosse exatamente a mulher que se prostitui, mas a atitude de esbanjamento dos patrões.

### 3.3.5 “Arrancar o rosário da mão feminina” – A propaganda anti-clerical

A emancipação feminina, para os libertários do jornal *A Plebe*, articula-se à liberdade com relação à Igreja, por alguns motivos: a alienação ideológica provocada pela Igreja – a ideia de mulher recatada e alheia às lutas sociais, a própria visão nada crítica acerca do mundo, já que a Igreja várias vezes estava ao lado dos patrões, das classes dominantes e os anarquistas propunham o contrário, participação nas lutas sociais, outra visão de mundo e sociedade, inclusive com relação às próprias mulheres – e pelas diversas situações relatadas de assédio sexual dos padres. A Igreja impunha um modelo de vida a ser adotado e dispunha mais sobre o modelo feminino. Os textos procuravam denunciar as alianças clero/burguesia, as ações de caridade, tidas como vergonhosas, pois eram “esmolos” atiradas aos pobres para evitar um colapso da sociedade injusta, desigual, e, ato contínuo, denunciavam as mulheres da burguesia, as mulheres dos patrões, que tinham muito orgulho em praticar essas ações de caridade como forma de exibicionismo. Dizia-se muito mal também da Congregação das Filhas de Maria e das organizações operárias ligadas à Igreja, e é interessante notar que, muitas vezes, o tom utilizado ao se falar desses temas é de humor, visando ridicularizar a instituição religiosa, em vários momentos associando à figura dos padres a uma orientação homossexual, o que, para a época, em que não encontrei debate sobre o tema, era motivo de escárnio inclusive no meio libertário.

Theresa Escobar, no texto *Eis o ideal almejado!*<sup>123</sup>, traça um contexto de luta e sacrifícios pela revolução social, dirigindo-se às mulheres para dizer-lhes contra a religiosidade e pedir-lhes que se juntem aos seus irmãos na luta por uma vida nova.

Jovens patricias: coadjuvemos os nossos irmãos de ideaes, sacrifiquemos mutuamente um minuto para gosarmos uma vida!

Arranquemos o rosario da mão da mulher, apresentemos a lampada vivificante do livre pensamento e ahi, então, veremos quão beneficos serão os resultados e os progressos conquistados.

Nobres patricias: elevemos o nosso character, lutemos em prol dum ideal elevadissimo, que é a liberdade de consciencia.

---

<sup>123</sup> *A Plebe*, 22 mar. 1919. N. 5, p. 2.

Transformemos a sociedade, desprezando a praga clerical, onde só os vícios e a hipocrisia imperam.

Estirpemos esse cancro da consciencia feminina e veremos então uma sociedade viril capaz de elevar e crear os mais elevados sentimentos que a imaginação sã poderia idealisar.

Transformemos os conventos e templos em officinas profissionaes e atiremos essa corja de criminosos (padres e freiras), esses assassinos da liberdade de consciencia para qualquer ponto onde não possam fazer mal e em troca sejam uteis a seus semelhantes.

Basta de infamias, basta de tolerancias. Chegou o momento de arrancarmos a mulher da escravidão imposta pelo egoismo nefasto dos verdadeiros vampiros sociaes.

Dia virá em que ser christão será tão ridiculo quanto opprobioso é possuir a fama de ladrão!

Não está muito longe, amigos; basta só um pouco de audacia e mais constancia e muita coadjuvação das patricias conscientes.

Viva a liberdade e morra o clero!

Para a autora, as mulheres ainda não cumprem o seu papel na luta social devido à influência da Igreja. Ela não cita os homens religiosos, que também sofrem a influência do clero, mas coloca as mulheres como portadoras de um papel decisivo para o triunfo da causa libertária. Entretanto, outras vezes desenvolveu-se um discurso que punha a responsabilidade pela influência da Igreja no universo feminino majoritariamente, segundo afirmavam, nas próprias mulheres. Então passa-se da mulher ingênua, “presa fácil” dos desmandos dos padres, à mulher reacionária, que acata os sermões da Igreja. Em *A ‘chantage’ clerical*<sup>124</sup>, não assinado, fala-se das mulheres como disseminadoras do pensamento da igreja e agentes desmobilizadoras do movimento operário.

E a grande arma do padre para dominar o povo é a grande fraqueza da mulher. É por meio della que elle leva ao seio das famílias a discórdia e o descontentamento; é por meio della que faz do operário em greve um crumiro, e é por meio della que o padre pode fornecer á policia informações verídicas e, ás vezes, mentirosas.

Há uma associação negativa entre as mulheres e o clero. Diz-se que as mulheres utilizam-se de seu papel na família para influenciar os membros de acordo com a orientação da Igreja; reconhece-se um poder de influência das mulheres e fala-se no seu papel como educadora dos filhos, a partir do qual incutiria valores religiosos. Algumas vezes esse discurso descambou para uma ideia preconceituosa, que, de certa forma, “naturalizava” as mulheres como essencialmente oblíquas, influenciáveis, bobas:

---

<sup>124</sup> *A Plebe*, 8 out. 1919. N. 27, p. 1.

O lastimável é haver ainda homens que, embora em numero reduzido, acreditam na 'santidade' dos padres, cousa que só pode dominar no 'espírito' das mulheres velhas e caducas e nas crianças em embrião de consciência<sup>125</sup>.

As mulheres eram consideradas “presas fáceis” para a Igreja, por isso havia uma propaganda anticlerical, em alguns momentos, direcionada a elas. Em outros, propõe-se que o operário proíba sua esposa e filhas de “ajoelhar-se ao pé de um sotaina”, que apóia, assegura a divisão em classes.

Por outro lado, há textos de mulheres com conteúdo anticlerical, como o de Theresa Escobar, posicionando-se contra a influência dos padres e entendendo isso como maléfico ao pleno desenvolvimento das mulheres como pessoas. São ainda cenas da resistência feminina, de operárias hostilizadas nas fábricas por não participarem das missas, por terem enfrentado os sacerdotes. Vê-se que nem todas as mulheres eram “bobas”, e o jornal, como parte de uma ação pedagógica militante, com muito gosto traz esses exemplos, sob títulos como *Bello gesto*, *Que boa lição!*, dentre outros.

Outra crítica recorrente dizia respeito à maneira hipócrita como a Igreja tratava a sexualidade. Havia textos associando sexualidade, num sentido amplo, à naturalidade e denunciava-se a insistência da Igreja em negar isso, em abordar essa questão como pecado. Por outro lado, havia inúmeras denúncias de abusos sexuais, “sedução”, cometidos por padres, que nunca sofriam nenhuma sanção, além de “casos” amorosos entre os sacerdotes e as “beatas”. Em *Clero e operário*<sup>126</sup>, texto de Mário Brazil, afirma-se: “... O padre não tem mulher própria, no entanto, é um homem como os outros, e pior que os outros, porque deshonra virgens e mulheres casadas.” Essas denúncias foram recorrentes. O jornal ironiza a sexualidade dos padres e o pudor falso e exagerado.

Em *Alliados*<sup>127</sup>, Otávio Brandão denuncia o celibato como “crime de lesa-natureza”, ironiza as posições do Vaticano contrárias a Moda, e diz que a Igreja “odeia a Mulher”, descrita com sensualidade em contraposição à freira, “ex-Mulher”:

Há mil e novecentos anos que a religião católica, com o piedoso fim de nos levar para o céu, vem guerreando a Vida em tudo o que ela tem de humano e belo. O beijo é um crime. É um pecado o Amor. Nessa estranha religião, o homem ideal é o

---

<sup>125</sup> *Revelações. A Plebe*, 15 set. 1923. N. 218, p. 4.

<sup>126</sup> *A Plebe*, 14 fev. 1920. N. 52, p. 3.

<sup>127</sup> *A Plebe*, 28 fev. 1920. N. 54, p. 2.

beato; a mulher ideal, a fanática. (...) O celibato, esse monstruoso crime de lesa-natureza, é a maior glória da Igreja, na frase seráfica de Benedictus XV.

(...)

Como é público e notório, a santa religião católica tem um ódio mortal a Mulher, porque é ela a própria encarnação da beleza e da vida. E, odiando-a, procura todos os meios de enfeial-a, de torná-la abjecta, indesejável, repugnante aos olhos dos homens. E é por isso que em lugar de uma jovem sadia, corada, de seios redondos e duros como frutos verdes, de curvas musicais, de olhos pestanudos e aveludados, de cabelos sedosos e longos, dá-nos essa religião de água benta e velas de sebo, como ideal feminino, essa ex-Mulher, produto monstruoso do fanatismo, que se chama freira, á qual arranca os próprios cabelos, como suprema mutilação.

Ainda sobre a Igreja, com sua forma de oprimir, encarcerar e apartar dos mundos, sem direito a viver intensamente, Raymundo Reis publicou um poema intitulado *A uma freira suicida*<sup>128</sup> em que diz da vida triste de uma religiosa e de como devia ser boa antes, quando criança. Então, se no texto de Otávio Brandão há críticas às freiras, em alguns outros posicionamentos as freiras são apresentadas como vítimas da instituição igreja.

A uma freira suicida

Eras, monja, decerto, linda creança,  
Entre os carinhos de teu lar vivendo,  
Peito cheio de amor e de esperança,  
Para os gosos da vida florescendo.

Quando a igreja, esse monstro que não cança  
No triste afan de a tudo ir pervertendo –  
Vem extinguir-te a bem-aventurança,  
Prender-te a alma num carcere tremendo!

Para escapar desse antro terrível, onde  
Não entra a luz, onde se abriga e esconde  
Dos vícios todos a feroz legião;

Para fugir, com alma elevada e pura,  
Só a porta da morte, fria e escura...  
E abriste a porta, pela tua mão!

---

<sup>128</sup> *A Plebe*, 22 fev. 1919. N. 1, p. 2.

### 3.3.6 O discurso modelar

Outro ponto de importância é o que diz respeito ao que as mulheres não deveriam ser. Sobre as mulheres burguesas, há desde textos desmoralizantes a abordagens que as entendiam como sujeitos que tinham seu desenvolvimento prejudicado pela sociedade burguesa. Essas mulheres eram o contrário de Louise Michel, por exemplo, apontada como “modelo” de mulher libertária, de espírito desenvolvido e solidário.

Em *Ultra-refinamento*<sup>129</sup> aponta-se a contradição entre as mulheres parisienses que tomam banho de leite, a futilidade das mulheres da “alta prostituição”, e a fome das crianças:

Pois sabem qual a última moda, a última novidade, a última extravagância que as peregrinas mundanas de Paris, ‘muito bonitas por fora, muitoocas por dentro’ adotaram para dar viço às suas carnes murchas já pelo excesso de prazer, pela fadiga da mandriice, pelo tédio do divertimento? Banhos de leite concentrado!...

Elas eram fúteis, “escandalosas”, sem pudores, falsas, “depravadas”, pouco ou nada inteligentes; excessivamente preocupadas com a aparência, gastavam rios de dinheiro com a pele; religiosas, dadas a fazer caridade para exercitar a vaidade, o exibicionismo. Além de serem as mulheres dos patrões, eram nacionalistas, queriam aprender a atirar para defender a pátria: “Mas não deixo de afirmar que há de ser da gente rebentar de riso ao deparar com as melindrosas senhoritas de... ‘pau furado’ em punho”. É o que diz Andrade Cadete na coluna *Farpas de Fogo*, no texto *Pau Furado*<sup>130</sup>. Ele conta o caso de mulheres da burguesia que estão aprendendo a atirar e ironiza o fato, dizendo que só têm tempo para tal porque não precisam trabalhar, já que maridos e parentes as sustentam com o dinheiro tirado aos trabalhadores. O autor ainda diz que isso é uma deturpação do discurso sobre a emancipação feminina, concluindo que a tarefa da mulher deve ser cuidar dos filhos e da casa, posto que a função militar para as mulheres seria a “inversão dos sexos”. Esses discursos são recorrentes no jornal – o que é “papal” de mulher, o que é “natural” à mulher. Por outro lado, o militarismo era combatido pelo fato de ser a guerra uma contenda entre senhores, estando os homens do povo “matando-se” por algo que não lhes trará nenhum benefício, ao invés de unirem-se internacionalmente contra o capitalismo.

---

<sup>129</sup> *A Plebe*, 10 abr. 1920. N. 60, p. 3.

<sup>130</sup> *A Plebe*, 19 jul. 1919. N. 22, p.3.

Também associado às mulheres burguesas era o já tão denunciado “feminismo político”, “feminismo constitucional” ou, mais comumente, “feminismo burguês”. Uma certa professora Daltro iria se candidatar a uma vaga no governo. Ironizam:

Rio, 1 - O assumpto do dia entre os vadios elegantes da Avenida é o levantamento da candidatura da professora Daltro a uma vaga no Conselho Municipal pelo 1º districto.

Os seus amigos e ex-alumnos, sabendo disso, solicitaram-lhe que transferisse a sua apresentação para o 2º districto, onde contaria com elementos mais valiosos.

Muitos meetings serão realizados nos subúrbios, o primeiros dos quaes será na estação Marechal Hermes, facto esse que se affirma ser de mau agouro, compromettendo sobre modo a victoria de irrequieta senhora.

Acredita-se que desta vez os sentimentos politiqueiros da velha feminista constitucional soffram.<sup>131</sup>

Já no texto *A fallencia burgueza! IX*<sup>132</sup>, o autor fala da concentração da terra, das fábricas, dos imóveis, de tudo, por parte da burguesia. Diz que os animais de estimação têm melhor trato que as crianças pobres e considera as mulheres burguesas um “adorno”. Entretanto, esse texto tem uma particularidade na abordagem: é uma crítica contundente e procura apontar o que há de prejudicial, na posição de mulheres da classe dominante, para o desenvolvimento como sujeito pensante e agente no mundo. Eu o inscreveria em alguns discursos que costumam afirmar o quanto a organização social burguesa é danosa inclusive para as próprias elites. A descrição de tanta “passividade” é sufocante:

E se fossem precisas provas mais abundantes e convincentes da imprestabilidade, inutilidade e nocividade da burguezia bastava observar a vida da mulher burgueza, da perfeita burgueza. Não faz absolutamente nada. É uma perfeita inutilidade, um puro objecto de adorno. Nem dos cuidados pessoaes se preocupa. Para tudo tem criada, serventuaria. Tem criada que lhe dá o banho, que a veste, que a calça. Não se pentea: tem a penteadeira. Não cuida das unhas: tem a ‘manicure’. Não costura a sua roupa: tem a modista. Não sae a pé: tem sempre o carro ou o automóvel á sua disposição. Não sobe uma escada: tem o elevador. Não cozinha, não lava a casa, não engomma, não põe a meza, não espana o pó: lá tem o cozinheiro, a engommadeira e o copeiro, a criadagem. Se tem filhos, não os amamenta: entrega-os a uma ama mercenaria. Para passear com elles chama uma pagem. Para os educar fecha-os num collegio. E, se por indolencia, deixasse de procrear seria o maior favor que nos faria. Era a maneira suave de nos livrarmos dessa gente sugadora e madraça. Já viram inutilidade maior e mais requintada. Mas isto é a própria mutilação do sêr, leva ao aniquilamento das faculdades e atrophiamiento dos orgãos com que a natureza nos dotou. Riem-se depois das chinezas que amarram os pés ás meninas para os não deixar desenvolver e depois fazel-as andar aos saltinhos dum ridiculo incomparavel. Serão as burguezas mais sensatas? Não atrophiam o corpo inteiro, ao contrario das chinezas que só ligam os pés? E a degradação produzida por esta incuria? São conhecidas as consequencias a que leva o habito prolongado da madraçaria.

<sup>131</sup> *A Plebe*, 2 out. 1919. N. 22, p. 2.

<sup>132</sup> *A Plebe*, 23 jun. 1923. N. 212, p. 3.

Há um outro texto, publicado na coluna *Assuntos Femininos* por Maria Antônia Soares, *A formozura da mulher*<sup>133</sup>, sobre beleza e diferença de classe entre as mulheres. Ela discorre acerca das mulheres burguesas, tão preocupadas com a beleza, e, assim como o escrito anterior, não adota uma abordagem dessas mulheres somente como seres “maldosos”, “egoístas”. Maria A. Soares as trata como “instrumentos de prazer”, mulheres que só sentem a vontade alheia, não são autônomas, não conseguem realizar nada por si, enfim, uma crítica mordaz e que aponta, por contraposição, quem é a mulher libertária/libertada. Basta dizer que o exemplo dado é Louise Michel:

(...) Tudo na vida, educação, costumes, prejuízos, tendem a destruir na mulher a vontade.

Para onde quer que dirija os passos, encontra sempre o fatídico:

Non-plus-ultra! E assim vai pouco a pouco perdendo o imperio de si mesma, amesquinhando-se, até ficar reduzidas a um ser que somente pensa e sinta por vontade alheia.

Às vezes, ou por ser de uma natureza especial, ou porque os seus preceptores não sejam demasiado tradicionalistas, ela consegue reagir; e assim obtem-se essa classe de mulheres que, apesar de tudo, são capazes ainda de qualquer iniciativa, algumas até, embora poucas, de levar a efeito grandes empresas.

A maioria, porem, compoe-se dessa legião de seres sem vontade alguma, incapazes de tomar a mais simples iniciativa, que sucumbem de inanição no dia em que lhes falta o apoio habitual, isto é, as pessoas encarregadas de pensar e agir por elas.

...

Em vão procurareis na mulher a beleza sublime, dom supremo da Natureza concedida aos seres humanos para gaudio da especie. Não tenteis nunca procural-a, enquanto as condições da vida humana não mudarem, porque a desilusão será atroz.

Ainda há mulheres belas, é verdade. Mas os olhos perspicazes sabem, atravessando a assetinada epidermes desses formosos corpos descobrir a hedionda podridão das almas insensíveis, almas encharcadas, degradadas.

Eu não direi como Ovídio: ‘A mulher tem o dever de ser bela’. Eu direi sempre, em nome da estetica e da justiça: a mulher tem o direito de ser bela.

E quando digo bela, não me refiro apenas á beleza fisica, que essa isolada, pouco vale. Eu reclamo para a mulher o direito de conservar a sua juventude e a sua beleza, sem estiolal-a numa vida de trabalhos, privações e mortificações de toda a classe, tendo a iluminar-lhe a face e aformozear-lhe a expressão, o brilho de uma inteligencia despertada, o reflexo de uma alma sã, grande, nobre.

É para mim, imensamente mais formozza, apesar dos traços fisionomicos pouco delicados – uma Luiza Michel que cura enfermos, consola aflitos e defende um povo oprimido, do que a Divina Popea que, para conservar a celestial beleza de

---

<sup>133</sup> *A Plebe*, 4 dez. 1920. N. 92, p. 2.

seu corpo, esbanjava milhões, para conseguir os quae era preciso que em muitos lares faltasse o pão, que muitos inocentes morressem de fome.

Inutilmente buscaremos na atual sociedade, um remedio para esse mal. Somente uma sociedade mais justa e mais igualitaria, dignificando a mulher, elevando-lhe o moral e assegurando-lhe a subsistencia, pode criar o verdadeiro tipo da mulher formosa.

E só então, também, se compreenderá que a beleza feminina possa ser um premio e um consolo para as dores e sacrificios humanos: porque a beleza será real, pura, sem podridões que repugnam e sem lamentos de vítimas a amaldiçoalo. E a formozura d'alma ofuscando todas as outras formozuras, porá sobre as altivas fronte femininas, o diadema da estima e do respeito que darão a mulher o império mais desejável, o império dos corações.

Em todo o texto, talvez o mais importante, além das críticas às mulheres burguesas, seja esse projeto para as mulheres: inteligência, alma sã, grande, nobre. E a comparação com Louise Michel reforça bastante isso, ou seja, toma-se como exemplo de mulher emancipada, “bela”, uma anarquista, conhecida pela vida dedicada à luta social e pela ação destacada na esfera pública como revolucionária. Essa prática de dar exemplos positivos e negativos deriva do papel pedagógico que a imprensa anarquista desenvolve e da forma como se lida com a memória dos seus “grandes vultos”, para citar um termo utilizado vez por outra.

## 4. “A geração futura te bemdirá”: *A Plebe* reverencia as mulheres notáveis

A memória, o respeito pelas/os lutadores anarquistas tem um lugar especial na imprensa libertária. Está ligada ao reconhecimento da militância, à construção de uma história do movimento e tem uma abordagem pedagógica, na medida em que exalta os exemplos e fornece “forças” para que se continue a luta.

As mulheres anarquistas ou socialistas – como é o caso de Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin –, são apresentadas pela suas trajetórias notáveis, personalidades de “fé inquebrantável” (como se falou de Maria A. Soares), com uma capacidade admirável de resistência. Narra-se as dificuldades que suportaram e isso enriquece sua história, valoriza-as como revolucionárias; são mulheres libertárias e libertadas, emancipadas.

Tidas como a interseção entre “suave e forte”, venceram muitas barreiras, antes e depois de tornaram-se anarquistas; algumas viajaram o mundo proferindo conferências, lançaram livros, outras não alcançaram tanta projeção, deixaram escritos esparsos, mas nutriam a mesma convicção na revolução social libertária. Maria Lacerda, Clara Zetkin, Emma Goldman, Rosa Luxemburgo, Lucia Parsons, Germaine Berton, Luiza Michel, Maria Antônia Soares e outras menos conhecidas, cujos nomes ficaram gravados nas listas de “subscrição”, nas chamadas para festivais, onde participavam do teatro ou recitavam poemas, dando uma contribuição valorosa ao anarquismo.

Provavelmente, a mulher libertária mais citada, n’*A Plebe*, é Maria Lacerda de Moura. Nascida em Minas Gerais, em maio de 1887, desde jovem se interessou pelo pensamento social e pelas idéias anticlericais. Formou-se na Escola Normal de Barbacena, em 1904, começando logo a lecionar nessa mesma escola. Inicia então um trabalho junto às mulheres da região, incentivando um mutirão de construção de casas populares para a população carente da cidade. Participou da fundação da Liga Contra o Analfabetismo. Como educadora, adotou a pedagogia libertária de Francisco Ferrer y Guardia. Após se mudar para São Paulo, começou a dar aulas particulares e a colaborar na imprensa operária e anarquista

brasileira e internacional. Veio a falecer em 1945, no Rio de Janeiro<sup>134</sup>. Maria Lacerda era convidada para proferir conferências e lançou vários livros, dentre eles *Em torno da educação* (1918); *A mulher hodierna e o seu papel na sociedade atual* (1923); *Amai e não vos multipliqueis* (1932); *Han Ryner e o amor plural* (1928) e *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital* (s/d), escreveu textos n’*A Plebe*, principalmente ligados à Pedagogia, como ua série *Sciencias basicas e auxiliares da Pedagogia*. Além disso, editou uma revista, *Renascença*, a qual mereceu bastante destaque e entusiasmo por parte dos companheiros do jornal *A Plebe*.

No número 242, de 1924<sup>135</sup>, a notícia *A Conferencia de D. Maria Lacerda de Moura na União dos Artífices em Calçados* relata o evento em que a autora divulgou as ideias de seu livro *A mulher é uma degenerada?*, obra de 1924, em que Maria Lacerda rebate a opinião da médica Gina Lombroso, que, partindo de preconceitos embasados na biologia, afirma que a mulher seria um ser degenerado, imperfeito. Segundo *A Plebe*, Lacerda analisa a situação da mulher em geral

(...) mostrando não só o egoismo do homem para com a mulher, como tambem lamentou o conceito que as proprias mulheres fazem do seu estado e que, como Gina Lombroso affirmou, faltando á mulher a espinha dorçal que só o homem possui, o papel della deve resumir-se em amar e ser amada, em achar a sua situação actual mais logica e normal, tirando della o maior partido possivel, a maior somma de beneficios e de garantias, acabando por dizer que para escrever um livro tão banal, piegas e sentimental não precisava Gina Lombroso ter estudado para medica.

O texto preocupa-se em relatar a boa assistência, “em que se via largamente representado o sexo feminino”, e dar uma idéia da força argumentativa de Maria Lacerda, que leu “com uma dicção admiravel, num timbre de voz sonoro, vibrante, persuasivo”, o último capítulo de seu livro. A conclusão do texto aponta para a defesa feminista de Maria Lacerda e a sua lamentação sobre a pouca participação das mulheres na própria causa:

Não podemos sequer, infelizmente, dar um pállido resumo do que foi essa leitura em que a sua autora, criticando mordazmente a situação do sexo a que pertence, protestou energicamente contra essa condição deprimente incompativel com seus principios de libertação moral e social que agita todos os espiritos sensatos, mas aos quaes as mulheres permanecem alheias e hostis, terminando por affirmar as suas profundas convicções de transformação social muito próxima e o seu desprezo pelas

---

<sup>134</sup> GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge. Maria Lacerda de Moura - Uma Anarquista Individualista Brasileira. Disponível em: <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda.htm>. Acesso: maio, 2010.

<sup>135</sup> *A Plebe*, 28 jun. 1924. N. 242, p. 2.

criticas e insultos que a sua attitude possa provocar nos arraiaes burguezes, conservadores e jesuiticos.

Já a edição do número 191<sup>136</sup>, traz, na página 3, a notícia sobre *A festa dos Graphics*, que contou com a participação da “brilhante escriptora d. Maria Lacerda de Moura”, que realizou uma “explendida conferencia, toda ella cheia de acertados conceitos sociaes, deixando na assistencia numerosa profunda impressão”. A notícia não especifica o tema da conferência e também não entra em detalhes sobre o desenrolar da exposição. Na festa, aconteceram ainda um “acto de variedades”, o sorteio de uma tombola e um baile. Em homenagem a Maria Lacerda, foi oferecida uma mesa de doces pela U.T.G. (União dos Trabalhadores Graphics) a representantes das agremiações presentes. Na ocasião, a “distinta conferencista” foi saudada por um dos representantes da Loja Maçonica e pelo camarada Edgard Leuenroth.

Em outro momento, no número 201<sup>137</sup>, *A Plebe* noticia a passada realização de uma conferência, por Maria Lacerda de Moura – “consagrada escriptora (...) que na sua acção de educadora e de propagandista tem tantos pontos de contacto com a obra libertaria” – com o tema “A mulher em face do alcoolismo”. Houve várias outras conferências sobre alcoolismo que tinham como subtema algo nesse sentido de “o papel da mulher”. A notinha conclui: “Como era de se esperar, a apreciada conferencista desenvolveu a thema com a sua peculiar proficiência, despertando grande interesse na assistencia.”

A edição 215<sup>138</sup> d’*A Plebe* traz o anúncio do festival da União dos Artífices em Calçados, pelos cofres da organização e do jornal *A Plebe*. Haverá conferência de Maria Lacerda de Moura, com o tema: *Os conformados e os rebeldes*. Fica clara a proximidade da escritora anarquista com as organizações operárias e com a imprensa libertária.

---

<sup>136</sup> *A Plebe*, 23 set. 1922. N. 191, p. 3.

<sup>137</sup> *Conferencia contra o alcoolismo. A Plebe*, 27 jan. 1923. N. 201, p. 1.

<sup>138</sup> *A Plebe*, 4 ago. 1923. N. 215, p. 2.



No número 217<sup>139</sup>, relata-se o festival de 25 de agosto e há elogios à Maria Lacerda, entretanto, há também críticas a suas posições com relação aos bolchevistas, atribuídas a “informações duvidosas, improcedentes e falhas da verdade verdadeira”, não restando, portanto, qualquer mal-estar com a conferencista, que continuará a freqüentar as páginas do jornal:

Em seguida, foi dada a palavra á conferencista da noite, sra. d. Maria Lacerda de Moura, que, por uma meia hora mais ou menos, suggestionou a assistencia com a empolgancia de suas idéas repassadas de um vivo rubro de rebeldia, cujas scintillações vermelhas se irradiavam de cada vocabulo que de seus labios se desprendia e, espreado-se pelo ambiente que nos rodeava, enchia-o do mais vibrante entusiasmo.

Mas, quando tudo parecia demonstrar o triumpho da conferencista, quando tudo estava a indicar ter ella attingido mais um degrau na marcha assencional e evolutiva do seu espirito clarividente e rebelde, uma nuvem, uma sombra veio toldar,

<sup>139</sup> *A Plebe*, 1º set. 1923. N. 215, p. 2.

empallidecer o brilho do seu trabalho, a ponto de reflectir na assistencia e esta sentir-se perturbada pelo choque inesperado que acabava de receber.

O livro *A mulher hodierna e o seu papel na sociedade actual e na formação da civilização*, de 1923, mereceu uma conferência também pela União dos Trabalhadores Graphicos, divulgada no número 216<sup>140</sup> de *A Plebe*. A *Revista Renascença*, “dirigida” por Maria Lacerda, inspirou alegria aos libertários, que não perderam a oportunidade de divulgá-la. Destacou-se, sempre, a figura de Maria Lacerda como editora da revista.

“Renascença”

Apparecerá em fevereiro de 1923, nesta capital, magnifica revista de arte e pensamento – RENASCENÇA – cujo objectivo, como indica o proprio nome, se define na collaboração consciente com as energias novas da geração fórte dos idealistas - em proveito de sociedade mais pura.

A direcção de RENASCENÇA será entregue á conhecida escriptora Maria Lacerda de Moura, cuja dedicação ás grandes causas são patentes na sua vida e nos seus livros ‘Em torno da Educação’ e ‘Renovação’ e nas suas innumeradas conferencias.

Entre os collaboradores de RENASCENÇA estão representantes da nossa mais culta mentalidade.

Paginas de pensamento, de educação, questões internacionaes, notas scientificas, as reivindicções modernas, reportagem, sports, poesias, Arte, modas e trabalhos femininos, pagina infantil, sociaes, movimento operario, movimento associativo, etc., eis o summario de cada numero, assignado por nomes que honram as letras patrias.

RENASCENÇA é revista moderna e interessa a toda gente – pela sua feitura original, pela variedade dos assumptos, pela nobreza dos seus intuitos, pelos ensinamentos obtidos nas pennas dos seus collaboradores illustres.

E assim *A Plebe* vai acompanhando a vida da revista recém-criada. Na edição 203<sup>141</sup>, deixa-se claro que a revista não é essencialmente feminina ou feminista, visando discutir “Arte e Pensamento”. Mais a frente, resalta-se o papel de Maria Lacerda para o sucesso da empreitada: “Como é dirigida por mulher, certo, vae despertar enorme interesse em todos os estados da União.” Já no número seguinte, edição 204<sup>142</sup>, o jornal noticia o sucesso da primeira edição da revista, já esgotada. Dentre as razões para tal, concorreriam os “olhares perscrutadores e inteligentes de sua illustrada directora, d. Maria Lacerda de Moura, cujo

---

<sup>140</sup> *A Plebe*, 18 ago. 1923. N. 216, p. 3.

<sup>141</sup> *A Plebe*, 24 fev. 1923. N. 203, p. 1.

<sup>142</sup> *A Plebe*, 10 mar. 1923. N. 204, p. 3.

espírito crítico se alia a mais bella e nobre das intenções humanas: educar e instruir o povo, para livral-o da escravidão e do oprobrio”.

A produção literária de Maria Lacerda também foi elogiada pelo jornal. Na edição número 16, de 1919<sup>143</sup>, a coluna *O que se imprime e recebemos*, de Demócrito (acredita-se ser um pseudônimo de Edgard Leuenroth), apresenta o livro *Porque vence o porvir?*, fruto de uma conferência que Maria Lacerda realizou na Liga dos Homens do Trabalho de Barbacena a realizar uma conferência com este tema. Posteriormente, no número 198<sup>144</sup>, *A Plebe* comenta o livro *A Mulher e a Maçonaria*, também de Maria Lacerda, na coluna *Livros Recebidos*:

O espírito luminoso, a alma anciosa de saber, de conhecer e de comprehender de D. Maria Lacerda levou-a até á Maçonaria, onde fez uma brilhante conferencia percorrendo, com conhecimento de causa, a vida um tanto acidentada, mysteriosa e ritualistica da Maçonaria, cujas raizes millenarias se encontram na India, no Egypto, na Grecia antigas, e onde a mulher tomando parte nos trabalhos gozava de iguaes direitos e deveres iguaes, até que foi affastada desse meio para ser deprimida e humilhada pela igreja catholica. Depois dignificada pela Cavallaria, eis que a Mulher volta a occupar o seu lugar com a criação da Maçonaria Mixta, onde especialmente dá largas ao seu espírito de caridade.

E D. Maria mostra que esse papel é muito restricto, demasiado acanhado para corações emancipados, que desejam trabalhar e devem trabalhar pela emancipação social, internacional, pelo Direito Humano, enfim.

Ella insurge-se contra as desgraçadas condições em que milhões de operarios, mulheres e crianças vegetam soterrados nas minas, sem ar e sem luz, numa noite perpetua, comendo as migalhas que sobram dos ricos e envenenando seus organismos na fabricação de tantos objectos que outra utilidade não têm a não ser satisfazer a vaidade, a exterioridade e o luxo dos parasitas. E appella para a Maçonaria para que faça interessar as mulheres nesta obra de emancipação e libertação social, desviando-as dos sectarismos, das superstições e das rotinas, que as não deixam pensar e agir racionalmente e sãmente.

É um trabalho superior, cheio de ideias superiores, mas que naturalmente não terão o condão de commover a maioria dos maçons, essencialmente commodistas.

No número seguinte, 199<sup>145</sup>, a mesma coluna, *Livros Recebidos*, apresenta a obra *A Fraternidade e a Escola*, também de autoria da escritora anarquista. A edição é da União dos Trabalhadores Graphics de São Paulo. *A Plebe* usa um tom de alegria com o desenvolvimento de Maria Lacerda, pois consideram este livro uma descida às “camadas mais ínfimas, mais desprezadas e desdenhadas pelas classes de alto cothurno”:

---

<sup>143</sup> *A Plebe*, 7 jun. 1919. N. 16, p. 3.

<sup>144</sup> *A Plebe*, 19 dez. 1922. N. 198, p. 2.

<sup>145</sup> *A Plebe*, 30 dez. 1922. N. 199, p. 4.

Falou da "Fraternidade" e da "Escola" a humildes e modestos trabalhadores da imprensa com aquella franqueza e simplicidade que lhe são características e cujas palavras naturalmente deviam causar impressão por serem a expressão da verdade e por serem exprimidas com tanta abundancia de coração e com tanta elegancia e poesia de dicção.

E nada diremos de seu elevado conteúdo. Não queremos tirar aos leitores o gosto e o prazer ineditos da surpresa de sua leitura. Diremos sómente que a illustre escriptora, após hesitações naturaes, achou o caminho firme e seguro da total emancipação social que está trilhando. As suas afirmações são perfeitamente coerentes, não há mais contradicções entre o pensamento e as palavras; o espirito da logica, da verdade e do ideal, a par duma erudição muito vasta, serve-a maravilhosamente, compenetrada como está das ideias a defender.

Felicitamol-a muito cordialmente e esperamos que nunca esmoreça em dar o bom combate a todos os sophismas e mentiras convencionaes da actual civilisação.

Outra mulher sempre presente nas páginas d'*A Plebe* é a russa Emma Goldman. Nascida em 1869, na Lituânia, então sob o domínio do império Russo, chega aos Estados Unidos em 1886, onde trabalha na indústria e toma os primeiros contatos com o anarquismo. Em 1906, Goldman fundou a revista anarquista *Mother Earth* (Mãe Terra). Em 1919, foi deportada para a Rússia, mas em dezembro de 1921 teve de abandonar o país por discordar do que denominava a evolução autoritária da Revolução Soviética. Viveu em vários países e teve um importante papel no apoio à Revolução Espanhola de 1936. Faleceu no Canadá, em 1940.

Emma era lembrada por sua luta antimilitarista, que lhe rendeu dois anos de prisão nos EUA junto ao companheiro, Alexander Berkman, e, principalmente, pelos escritos sobre a Rússia, divulgando uma visão libertária daquele processo revolucionário. A edição número 15<sup>146</sup>, de 1917, de *A Plebe*, publica um texto retirado do jornal *O Cosmopolita: A democracia yanki – A civilização contra a barbárie*, sobre a prisão de Goldman e Berkman devido a suas atividades antimilitaristas. Os dois militantes deveriam pagar uma multa, mas como não tinham a quantia, seriam submetidos a cinco anos de prisão. *A Plebe* lembra a trajetória de vida da anarquista:

Emma Goldman, a conhecida propagandistica de ideas anarchistas, tem uma vida repleta de episodios emocionantes. Varias vezes tem sido condemnada pelos

---

<sup>146</sup> *A Plebe*, 30 set. 1917. N. 15, p. 2.

tribunaes americanos, escapando das garras dos seus verdugos pela pressão da opinião publica. Há alguns annos, numa excursão que realizava nos arredores de S. Francisco de California, foi inopinadamente agredida por elementos clericas, sahindo incolume da agressão graças ao gesto da abnegação de um companheiro, o qual, para evitar a consumação do attentado, collocou-se (...) á sua frente. Tão heroico gesto custou a vida do seu autor.

Ainda no mesmo texto, junta-se outra notícia de um jornal do Uruguay, *El Hombre*. Consta que Emma declarou, sobre a prisão: “Nós – disse Goldman – somos condemnados pelo preconceito e pela tyrannia. Porque não abandonamos os opprimidos, fustigando com as nossas verdades as faces dos oppressores, nos eliminarão”. Emma, com o “atrevimento” que era característico à mulher considerada, pelo governo dos Estados Unidos, “a mais perigosa das Américas” ou o principal agitador político<sup>147</sup>, declarou que voltariam, ela e seu companheiro, a militar, tão logo saíssem da prisão:

‘Dois annos e trinta dias – disse Emma Goldman é um prazo um pouco largo, sairemos, porém, um dia e fustigaremos mais cruelmente esta ordem de coisas. Temos esperanças no povo norte-americano, em todos os povos do mundo aos quaes deve chegar essa terrivel condemnação. Ella convencerá o povo do valor da nossa luta. Somos anarchistas e o seremos sempre. Os ideaes nobres não se olvidam; arraigam-se mais na soledade da prisão, porque são uma necessidade do pensamento.

(...)

Christo, era o anarchista de seus dias; - disse Goldman – entre o seu caso e o nosso há pouca diferença. Há 27 annos que propago minhas ideas, e tenho ganho prisões e miserias.’

E *A Plebe*, em sua missão de solidariedade, princípio caro ao anarquismo, esteve sempre a noticiar as dificuldades e lutas do casal libertário, Goldman e Berkman. Desde a prisão à deportação para a Rússia, solicitando sempre a pena de Emma com sua visão crítica e lúcida acerca da Revolução Russa, como veremos mais tarde, ou o próprio exemplo da militante que, em face de Lênin, ousou contestar sua postura.

Por ocasião da prisão de Maria Antônia Soares, em 1921, *A Plebe* publicou, na edição 109<sup>148</sup>, o texto *À Maria A. Soares*, assinado por I. R., que, provavelmente, é Isabel Cerruti – Isa Ruti. Maria Antônia Soares, militante bastante envolvida, tendo escrito diversos textos no jornal e sendo a responsável, durante certo período, pelo espaço da Biblioteca Social

---

<sup>147</sup> *A deportação dos revolucionários russos nos Estados Unidos, A Plebe*, 21 fev. 1920. n. 53, p. 1.

<sup>148</sup> *A Plebe*, 12 mar. 1921. N. 109, p. 2.

A Inovadora e pela venda de livros divulgada na *Plebe*, além de ter participado do Centro Feminino Jovens Idealistas; irmã de Florentino de Carvalho e companheira de Domingos Braz. No número 104<sup>149</sup>, em 1921, fala-se da prisão de vários companheiros, dentre eles Affonso Schmidt, João Leonardi, Paulo de Castro e Maria Antônia Soares, que “apesar do seu delicado estado de saúde” teve a casa invadida e foi obrigada a ir à delegacia do Bras. O texto, bastante emocionado, dedica-se a enaltecer a anarquista em seu caráter de lutadora, pelo exemplo de resistência e abnegação, comparando-a a Luiza Michel (mulher já apontada, pela própria Maria A. Soares, como exemplo de pessoa emancipada) e Pedro Gori. Apresento-o na íntegra:

Trilhando a senda do ideal redemptor já passaste pela dura prova dos vexames do carcere.

Eis enumerados os teus ‘crimes’:

Abnegada lutadora pela emancipação dos humildes, anima-te o excessivo amor aos teus semelhantes e empolga-te a innabalavel fé na sciencia que determina a evolução social, preparando a revolução infallível para dar a passagem ao novo estadio onde se irá distendendo todas as aspirações tendentes ao progresso.

Sentes-te revoltada ante a prepotencia dos fortes contra os fracos. Pedes justiça.

Almejas uma organização do trabalho util e salutar, inspirada no bom senso e na razão, para que todos possam gosar os encantos da vida com todas as bellezas de que é prodiga a Natureza.

Reclamas para o homem a nobilitação no trabalho e os prazeres da vida na equidade.

Para a mulher aspira o que de mais alto e mais nobre podem conceber os corações bem formados: a poesia da existencia, tranquilla no lar escudada no amor purificado na complexidade do regimen novo.

Acalentas o sonho de, para as crianças, os deleites de uma vida sã, risonha, despreocupada, nos brincos propios e imprescindível ao desenvolvimento infantil.

Para os velhos, o direito ao repouso com todos os confortos sem o vexame da aviltante e iniqua caridade.

Queres, enfim, para todos os sêres humanos a VIDA na sua verdadeira concepção.

São tudo isso crimes...

Os accusados desses crimes estão sujeitos á horriveis odysseias.

Já Luiza Michel por haver encorrido nelles, certa vez, descontou dois annos de prisão com o labéo de ladra!

Outros ainda, muitos outros como Pedro Gori, tiveram morte prematura por haverem soffrido as penas contra esses crimes.

E tu, heroina do ideal, unica até hoje nos annaes da historia do Brasil, enquanto toda te entregas a pugna para conseguir a vida, aos teus semelhantes, descuras da tua propria.

---

<sup>149</sup> *A Plebe*, 29 jan. 1921. N. 104, p.2.

Indiferente ao teu ‘eu’, com que olhos fitos no radioso porvir que já se esboça no horizonte, palmilhas a trilha do teu destino com o coração transbordando de amor pelos oprimidos, arrostando toda a sorte de vicissitudes.

Segue-te a indiferença e a ingratidão...

Bem sei, a tua fé é inabalável.

Nem as asperezas da luta, nem os vexames do carcere, nem a torpe calúnia, expressa em baixo calão burguez, serão capazes de aquebrantal-a.

A tua vida, não te pertence, consagraste-a á causa da humanidade.

A geração futura te bemdirá.

No número n. 29<sup>150</sup> de *A Plebe*, em 1919, divulga-se a vinda de Belem Sárraga, ou Belén de Sárraga, “a conhecida divulgadora dos ideaes liberaes”, ao Brasil, realizando conferências em Curitiba e São Paulo. O jornal deu ampla divulgação a esta visita e à série de conferências, editando dia a dia alguma nota sobre Belem Sárraga: “Conforme noticiamos, é esperada em São Paulo, ás 10 e meia horas da manhã, a popular conferencista hespanhola Belém Sárraga que tanto se tem feito applaudir nas cidades que tem percorrido do Estado do Paraná”<sup>151</sup>.

Belén nasceu em 1873, em Porto Rico, e faleceu em 1951, no México. Feminista e livrepensadora, dedicou-se à causa anticlerical. O historiador chileno Rafael Gumucio Rivas, no artigo *Belén de Sárraga, librepensadora, anarquista y feminista*<sup>152</sup>, evidencia a centralidade do anticlericalismo na produção de Belén:

No século XX, as melhores páginas de Bélen de Sárraga estão destinadas a denunciar a hipocrisia jesuítica, que pretendia adequar o cristianismo à ciência e mostrar-se compassivo com a situação dos pobres. (...) Segundo Belén, o catolicismo se valia dos homens e mulheres pobres para eleger deputados e senadores conservadores que defendiam os interesses dos ricos.

A edição de número 36<sup>153</sup>, de *A Plebe*, divulga a conferência *A situação actual do liberalismo no mundo*, realizada no Theatro Apollo, com o acolhimento da maçonaria de São Paulo, que estava preparando “uma carinhosa manifestação de sympathia.” Já no número

---

<sup>150</sup> *A Plebe*, 10 out. 1919. N. 29, p. 2.

<sup>151</sup> *A Plebe*, 12 out. 1919. N. 31, p. 2.

<sup>152</sup> RIVAS, Rafael Gumucio. Belén de Sárraga, librepensadora, anarquista y feminista. Polis, Revista de la Universidad Bolivariana. v. 3, n. 9. 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/305/30500902/30500902.html>>. Acesso: mai. 2010.

<sup>153</sup> *A Plebe*, 18 out. 1919. N. 36, p. 2.

38<sup>154</sup>, a conferência de Belem Sárraga seria sobre *O perigo feminino*, no mesmo Theatro. Não há registro das ideias expostas por Belem Sárraga, do desenrolar dos temas abordados nas conferências.

Dentre os “gênios admiráveis” do anarquismo sempre está uma mulher, a *communard* Louise Michel que, devido ao costume de aporuguesar os nomes, aparece na *Plebe* como Luiza Michel. Louise nasceu em 1830, na França. Em 1856 vai à Paris; à época, já lecionava. Foi uma das principais militantes da Comuna de Paris, o que lhe rendeu o exílio na Nova Caledônia, de onde retornou em 1880. Segundo Ana Barradas, em *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*<sup>155</sup>, Louise tornou-se “a encarnação popular da Revolução”, tendo se dedicado incansavelmente à causa libertária, dando conferências, escrevendo artigos e livros e enfrentando a polícia - foi presa mais três vezes.

Em *Destruição e Reconstrução*, texto de Pedro Augusto Motta, editado no número 206 e reeditado no número 247<sup>156</sup> d’*A Plebe*, Luiza é lembrada, junto a outros anarquistas, como alguém “admirável” e cuja memória não se apagará:

(...) Semelhantemente a um pintor realista que apresentasse aos olhos estupefactos da multidão, em suas telas com as côres mais sombrias, os quadros, as scenas da vida social com tudo que ellas têm de ridiculo, de baixo, de repugnante e repellente, um pugilo de anarchistas audazes, sinceros e cultos procuraram na historia e especialmente observando a vida quotidiana dos povos, das nações e das instituições que as regem, a mentira que as mantinha de pé e apontaram ao povo a estrada alegre do futuro e da liberdade, com a condição de derrubar e destruir a engrenagem que nos esmaga com seus dentes de aço, sugeitando-nos a uma escravidão forçada e hedionda.

Pelo que respeita pois ao passado e ao presente foram artistas admiraveis, criticos superiores, genios incomparaveis e um Krapotkine, um Bakunine, um Reclus, uma Luiza Michel, para só fallar em alguns já desaparecidos, poderão atravessar toda a vastidão dos tempos sem que a sua memoria se apague das paginas da Historia e do coração dos pioneiros de todas as liberdades e de todos os homens de bôa vontade.

Da edição de 1º de maio de 1927<sup>157</sup>, data de celebração, momento de rememorar os lutadores do povo e se renovar para as batalhas pela Revolução Social, apresento a imagem bonita e forte, prenhe dos ideais anarquistas, para marcar o dia especial. Ocupando toda a contracapa da referida edição, há uma espécie de mosaico com os grandes vultos do

---

<sup>154</sup> *A Plebe*, 21 out. 1919. N. 38, p. 2.

<sup>155</sup> BARRADAS, Ana. *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*. Lisboa: Antígona, 1998.

<sup>156</sup> *A Plebe*, 7 abr. 1923 e *A Plebe*, 12 mar. 1927.

<sup>157</sup> *A Plebe*, 1º mai. 1927. N. 250, p. 4.

pensamento libertário, e, dentre eles, de mulher, apenas Luiza. Ao centro, uma imagem recorrente da Anarchia, figura feminina, sobre os escombros do velho mundo, a iluminar a Nova Era. Há, também, algumas das consignas mais citadas pelo jornal: “A emancipação dos trabalhadores hade ser obra da acção directa dos proprios trabalhadores”, “Trabalhadores! Sois pequenos porque estais de joelhos, levantai-vos, pois!”, “Bem Estar e Liberdade para todos” e “O homem livre sobre a terra livre”.

Estas alegorias participam do projeto editorial de *A Plebe*, combinando vários elementos: da Pedagogia exemplar, da fixação dos nomes caros à trajetória e à circulação do pensamento; das palavras-chave do ideário anarquista (Evolução, Revolução), das consignas, algumas de pensadores – Goethe, Kropotkine, entre outros. Os nomes, esforço de registro e projeção de memória exemplar, disseminando conteúdos da pedagogia do exemplo e ocupando um repertório de memória do movimento. Também o sentido de homenagem aos camaradas que se destacam no plano da divulgação do ideário – importante destacar que não é um recurso do culto à personalidade ou de heroitização, mito.



Anarchico é o pensamento e para a Anarchia caminha a Historia.

GIOVANNI BOVIO



Lucy Parsons, a militante operária e anarquista norte-americana, nascida em 1853 e companheira de Albert Parsons, um dos mártires de Chicago, também teve o seu lugar no jornal, como reconhecimento de sua militância. No número 210<sup>158</sup>, em 1923, o texto intitulado simplesmente *Lucia E. Parsons* elogia a participação da anarquista num comício realizado em Boston, em favor de Sacco e Vanzetti. Ela é apresentada como continuadora do trabalho do marido em sua faina pelos ideais de emancipação:

(...) E é uma noticia que muito grata deve ser a todos os companheiros, saber que aquella nobre mulher, longe de se atemorizar ou de renegar os ideaes de emancipação que levaram ao cadafalso seu valente marido, continuou a acalentar-os e se tornou por assim dizer a sua substituta. Se todas as mulheres fossem dessa tempera, se uma grande parte dellas soubesse comprehender a missão que lhes cabe nas modernas luctas sociaes e trabalhassem e instigassem seus paes, maridos, irmãos e filhos a trabalhar pela transformação social, que a ellas aproveitaria mais de que a ninguem, era bem de suppor que a caranguejola burgueza não se prolongasse tanto tempo de pé.

Mas os bons exemplos são tão difíceis de seguir...

Já no número 254<sup>159</sup>, editado em 1927, Pedro Gori apresenta um texto reverente, cheio de terna admiração por Lucy Parsons, impregnado da lembrança do mártir de Chicago. O título é *Lucta incessante*, e busca mostrar uma mulher “suave e forte”, a companheira de Parsons. É, sobretudo, um relato vívido da memória de Gori sobre Lucy Parsons, a continuadora e “guardiã” de memórias – lembrança, recordação, ativação de memória, tudo se combina pondo a memória em ação e movimento, distante do culto nostálgico e do lamento da morte:

Tenho fixa numa chapa nitida da memoria uma multidão escura de mineiros sahida nessa occasião das cavernas do ‘diamante negro’, que torna omnipotente sobre a terra e sobre o mar a plutocracia norte-americana.

A este multidão falava uma mulher. Era a viuva de Parsons, a suave e forte ‘Mrs. Lucy’, que me tinha acompanhado numa tournée de propaganda revolucionária, que estava realizando nos fins de 1895 pelas regiões mineiras do Illinois.

Ella fallava em inglez e o maior numero dos seus ouvintes, era gente rude, vinda de todos os cantos da terra: italianos, allemães, belgas, pretos, malaios... Porém todos, ainda mesmo aquelles que não a comprehendiam, estavam attentos, quasi absortos numa luz de fascínio. Era a companheira do enforcado sem macula e sem medo; era a que recolhera piedosamente e heroicamente as ultimas palavras, o ultimo halito delle... Era pois elle, era bem elle que falava ainda pela bocca da mulher amada. Alguns, que o tinham ouvido annos antes, tinham ainda vivo no coração o discurso, o acento... Outros recordavam os ensinamentos viris... Era bem aquella a lição

---

<sup>158</sup> *A Plebe*, 26 mai. 1923. N. 210, p. 1.

<sup>159</sup> *A Plebe*, 25 jun. 1927. N. 254, p. 3.

sincera das coisas, a força férrea da razão, é irradiada pelo ideal... Elles sabiam, elles recordavam.

Isso que muito mais tarde alguns anarquistas e socialistas francezes repetiram, baptisando-o com o nome de syndicalismo, levando a marca parisiense – isso expunha-o ella com a superioridade do silogismo anglosaxão fundido no crisol corajoso da praticabilidade yankee.

A acção directa das organizações profissionaes, a pressão incessante, economica e politica, das massas operarias, pela conquista dum sempre maior bem-estar, de sempre maior liberdade, a agitação popular dupla e consciente contra as duas grandes violencias inimigas do proletariado: a dominação capitalista e a estatal – tudo emfim, tudo quanto, mais incompletamente, e menos valorosamente, mais tarde se quiz fazer passar como novidade, ouvi naquella tarde no discurso de Luzia Parsons, perante aquella fulliginosa onda humana.

E quando ella acabou um canto, triste e lento como um psalmo de morte, sahiu de milhares daquellas boccas escuras, como um sopra de sublevação que viesse do desconhecido, do mysterio do não ser. Era o canto de Parsons, como lhe chamavam de Hudson a Golden Gate, o hymno rebelde que elle tinha composto, nos pressagios da forca infame.

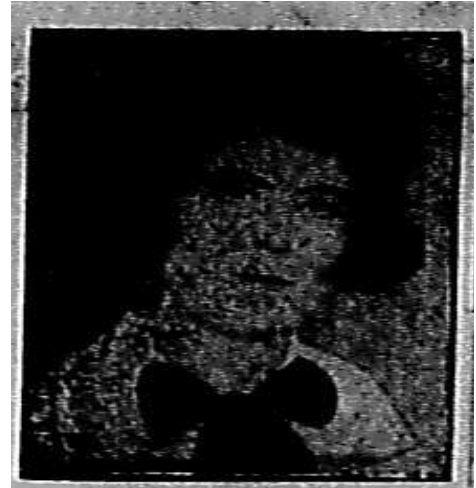
Voltavam as recordações, as palavras e as sombras gigantes. A multidão via-as, sentia-as na noite – escutava, atonita, o halito colossal. E um grande raio inundava as dores e as esperanças, onde a história dos homens se confunde – uma grande aurora se levantava daquellas forcas, das quaes Victor Hugo, maldizendo, não conseguiu arrancar as victimas, puras como o seu sonho...

Perante aquelle esplendor, como o fizeste sanguineo e pequeno ó pharol da liberdade, erecto para escarneo dos naufragos longiquos, no porto da cosmopolita Nova York!

A jovem anarquista francesa Germaine Berton, de apenas vinte anos, havia sido presa pela morte de um jornalista “reacionário”. *A Plebe* divulga o fato, prestando a devida solidariedade à “grande justiceira”, “intrépida camarada francesa”. O número 228, de 1924<sup>160</sup>, traz, na primeira página, a notícia do *Sensacional processo de Germaine Berton – Uma grande justiceira*, dando a conhecer os detalhes do julgamento que resultou na absolvição da jovem. O jornal anarquista semanal *Le Libertaire*, editado sob a orientação de Sébastien Faure, havia se transformado em diário para acompanhar o processo. Uma foto de Germaine Berton foi reproduzida, na capa d'*A Plebe*:

---

<sup>160</sup> *A Plebe*, 2 fev. 1924. N. 228, p. 1.



Já na página 3, da mesma edição, há uma carta de Germaine Berton, publicada sob o título em *Uma interessante carta de Germaine Berton*, em que agradece a todos que a apoiaram, descreve o dia do veredicto e a felicidade e alívio que sentiu ao saber estar livre:

A vós, meus amigos

A vós, meu amigos; a vós, a muitos dos quaes eu não conhecia, mas que eu sentia tão perto de mim em minha prisão, venho-vos dizer: obrigada!

Eu amo-vos com um amor immenso. Eu pertenço-vos inteiramente. É preciso que vós sintaes isso, é preciso que aquelles que soffrem se digam: ‘- Não estou só, ella me ama!’ Que este pensamento vos sustente na luta...

Dentro de poucos dias estarei comvosco, para enxugar vossas palpebras e o suor de vossas fronteiras; eu tratarei de pensar vossas feridas e de apagar os vestigios de vossas fadigas e de vossas dôres com a minha profunda affeição; eu vos encorajarei com minha fé ardente – e nós iremos assim com mais confiança para o futuro melhor!... Eu vos amo com um immenso amor!

Segunda-feira tudo chorava. A chuva jorrava nos vidros vibrantes, as lagrimas corriam amargas e quentes pelas faces dos companheiros que esperavam o veredictum, na angustia, na febre... Eu estava, á parte, muda e pensativa, sem comtudo estar commovida: havia tantos mezes que eu esperava esta hora em que consumaria o meu sacrificio! A hora tinha enfim chegado e eu vivia-a com recolhimento. De repente a sala da audiencia abala-se com os applausos, a porta abre-se de par em par deante dum guarda republicano que me grita:

- ‘Que felicidade, senhorita! Elles vos absolveram!’

A seguir chega M. Joly, o dedicado secretario de meu amigo e advogado Henry Torres: estrangulado pela commoção nada pôde dizer, só me apertou ao mãos quasi me as quebrando, enquanto duas grossas lagrimas lhe fugiam dos olhos...

Depois parti em liberdade indo encontrar Lecoin, Lentente, Colomer... e outros, outros ainda que me estreitavam em seus braços e riam e soluçavam ao mesmo tempo!... Então pareceu-me que uma nuvem se dissipava, alguma cousa pôz-se a cantar dentro de mim e comprehendí que era minha juventude que despertava da sua longa paralyisia nesta noite maravilhosa de Natal em que as consciencias humanas communicaram com a minha consciencia!

Germaine Berton

Entretanto, o jornal ampliava seu espaço e realizava sua narrativa em torno da memória exemplar para além do espectro anarquista. Vê-se com Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin e também Gilka Machado, poetisa brasileira. Esta última tinha concepções antimilitaristas, tendo *A Plebe* reproduzido sua entrevista ao jornal *A Lanterna*, do Rio de Janeiro. O título é *A Guerra – A Intervenção do Brasil no medonho conflicto – o que diz uma escriptora* e o material está presente no número 4<sup>161</sup>, do ano de 1917. Por ser escritora, “que tanto tem feito falar de si pela invulgaridade de suas ideias”, a autora de *Crystaes Partidos* é considerada uma pessoa interessante para falar sobre o tema.

A Lanterna, do Rio, está fazendo uma reportagem sobre o momento internacional, registrando a opinião das intellectuaes brasileiras.

Por julgal-a interessante, transcrevemos a seguir a opinião da escriptora Gilka da Costa Machado, autora do livro *Crystaes Partidos*, que tanto tem feito falar de si pela invulgaridade de suas ideias.

\*\*\*

Gilka Machado é uma das primeiras poetizas brasileiras. O seu livro de estréa – ‘*Crystaes Partidos*’ – creou um extraordinario rumor na nossa alambicada e chorosa poesia, consagrando a artista admiravel.

O renome de Gilka Machado continuou com o segundo volume – ‘*Revelação dos Perfumes*’ – e logo depois com esse terceiro livro de versos, magnífico, que é ‘*Estados de alma*’.

Desejando iniciar a nossa enquete com nome aureolado da artista inegalavel das ‘*Impressões do som*’, fomos ouvi-la em sua residencia.

Gilka, naquela hora matinal, recebêu-nos no seu gabinete verde e azul, como deante da natureza procreadora, entre chilreios mansos de passarinhos.

Falamos de arte, das suas manifestações de belleza, do sentir as emoções vivificadoras e inspiradoras.

Apresentamos as nossas perguntas e Gilka, immediatamente, escreve, respondendo desta maneira sincera, que é bem um dos caracteristicos da sua individualidade:

– Que pensa da entrada do Brazil na guerra?

– Penso que, devido á sua desorganização geral, o Brazil é impotente para entrar em guerra.

---

<sup>161</sup> *A Plebe*, 30 jun. 1917. N. 4, p. 4.

- Qual deve o papel da mulher brasileira, no caso de um conflicto?
- A mulher brasileira deverá resguardar os seus filhos, fazer com que seus maridos e irmãos desertem e, em caso possível, fugir, ganhar, com elles, o seio maternal da Natureza, si não quizer chorar pela ruinação da sua familia.
- Que fará para servir ao Brazil?
- Nada, sem retribuição monetária. Amo o paiz em que vivo, talvez mais do que todos, pela sua exuberancia natural, pela sua grandeza, pela sua pulchritude, pela sua ardencia, que me corre no sangue; entretanto, os pessimos governos tornaram-n'o insuportavel. Uma nação é um povo, é uma raça; porém esta é apenas um governo e uma diminuta collectividade aristocratica. Defender um paiz em que bem vivemos é defender a mutua commodidade. Mas um pedaço da Terra em que o homem probo vive morrendo, exausto de trabalho e à míngua de alimento, em que a mulher só tem collocação em troca da sua honra, em que a virtude vive sêcca e esfarrapada e o vicio forte e engalanado, como defendel-o, com que forças, com que estimulo? (...)

Dentre as mulheres destacadas na luta revolucionária e não necessariamente no recorte do anarquismo, Rosa Luxemburgo é a mais lembrada, a mais exaltada, não faltando o qualificativo de “heroína” para rememorar sua presença histórica. O número 16, de 1919<sup>162</sup>, traz a notícia de uma *Imponente consagração da grande heroína revolucionaria*, com uma grande manifestação durante os funeraes de Luxemburgo e greves na Itália:

---

<sup>162</sup> *A Plebe*, 7 jun. 1919. N. 19, p. 1.



Estiveram imponentísimos os funeraes de Rosa Luxemburgo, a mallograda heroína spartacista, victima da sanha do militarismo prussiano alliado á burguezia ‘soldissent’ socialista. Mais de 100.000 pessoas do povo acompanharam os restos mortaes da grande lutadora e os soviets da Russia e da Hungria, as agrupações socialistas da Holanda e da Servia enviaram bellas corôas de um symbolismo profundo. Ao ser entregue o corpo á terra, oraram os delegados communistas da Bulgaria, da Grecia, da Turquia, da Polonia e da Suissa proferindo discursos que são para nós uma esperança pelas nacionalidades que representam e pelas conclusões desassombradas a que chegaram.

O operariado italiano, não podendo comparecer por seus delegados aos funeraes, manifestou-se no reino por meio de grèves. Em Turim a parede durou meio dia; em Genova o dia todo permaneceu a cidade sem movimento; e em Spezia a multidão assaltou novas casas de comestiveis como um protesto contra o açambarcamento e a opressão capitalista.

São muitas fotos de Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e referentes aos spartacistas. No número 54<sup>163</sup>, em 1920, a fúria da multidão contra os assassinos dos revolucionários:

---

<sup>163</sup> *A Plebe*, 28 fev. 1920. N. 54, p. 1.



Já na edição de número 57<sup>164</sup>, em 1920, uma foto da “mártir”, como evidência do conteúdo do jornal em relação às idéias de Rosa Luxemburgo e do grupo espartaquista, em particular destaque o horizonte internacionalista e antiimperialista de sua militância. De destaque ainda é a perspectiva desse tipo de imprensa quanto ao registro de memórias, destacando aqui a qualidade de “mártir gloriosa”. É de se observar que, em maioria, as principais personagens retratadas nesse tipo de memória revolucionária impressa e, não apenas para o caso dos anarquistas, são os retratos dos vencidos. A assertiva de Michael Lowy a esse respeito é inspiradora: “Walter Benjamin não estava errado quando insistiu na força messiânica das vítimas, dos vencidos da história, dos antepassados martirizados como fonte de inspiração para as gerações seguintes.”<sup>165</sup>

<sup>164</sup> *A Plebe*, 20 mar. 1920. N. 57, p. 1.

<sup>165</sup> LOWY, Michael. *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, p. 18, 2009.



Clara Zetkin inspirou um longo e respeitoso texto de Antonio Canellas, quando de sua estada na Europa. Chama-se *Mala da Europa – O Congresso de Turs – Um discurso de Clara Zetkin*<sup>166</sup>, publicado no número 108<sup>167</sup> d'*A Plebe*. Para o autor, a presença da socialista foi “a nota emocionante do Congresso”. Ele ressalta o vigor da mulher de mais de 60 anos, que entrou clandestinamente na França para participar do Congresso, “nas barbas da polícia”. É motivo de mais admiração o fato de Clara Zetkin ter militado com Rosa Luxemburgo e

---

<sup>166</sup> Congresso do Partido Socialista Francês.

<sup>167</sup> *A Plebe*, 5 mar. 1921. N. 108, p. 2.

Carlos Liebknecht. Canellas diz: “É a grandeza de almas como esta que nos faz suportar sem desanimo a perfidia de tantas almas pequeninas...”.

Outras mulheres aparecem de maneira mais “rápida”, citadas pelas suas atividades. É o caso da companheira de Flores Magón<sup>168</sup>, Thereza. Em uma espécie de relato escrito pelo próprio Flores Magón, *Pelo México*, publicado no número 232<sup>169</sup> d’*A Plebe*, ele cita diversas vezes a sua companheira “de vida e também de luta”, embora ela não seja o foco do texto. Para Magón, frente às dificuldades enfrentadas pelo casal nas missões de propaganda pelas diversas regiões do México, só não terminaram os seus dias “graças á ajuda dos companheiros ou á sagacidade feminina de minha companheira ou á nossa presença de ânimo”. Em outro episódio, numa sessão de propaganda que prometia forte confronto com o padre e o fazendeiro da região, Thereza estava doente e teria sentido muito o fato de não poder participar da atividade. Já o número 201, de 27 de janeiro de 1923, noticia o falecimento da companheira de Polydoro Santos, “dedicada collaboradora na obra que vinha sustentando pela ‘Revista Liberal’”<sup>170</sup>. A companheira de Neno Vasco<sup>171</sup>, Mercedes Moscoso Vasconcelos, também é lembrada quando do seu falecimento:

Os que nos deixam

Por noticias chegadas de Lisboa soubemos a triste noticia da morte da boa e dedicada companheira Mercedes Moscoso Vasconcelos, extremosa esposa do nosso estimado camarada Neno Vasco e mãe dedicada de três interessantes crianças, Ciro, Fantina e Ondina. A saudosa senhora deixou de existir a 26 de janeiro, após padecimentos intensos, minada pela tuberculose que há três anos a fazia sofrer atrozmente, ao mesmo tempo que fez desaparecer a alegria de seu lar, pois marido e filhos só pensavam em proporcionar-lhes os elementos necessarios que a libertasse do terrível mal, nada valendo esforços, dedicações, sacrificios inenarraveis.

---

<sup>168</sup> Cipriano Ricardo Flores Magón, nascido em 1874, um dos mais notáveis anarquistas do México. Possuía vasto conhecimento acerca das reflexões propostas pelos grandes teóricos do século XIX, entre os quais Mikhail Bakunin, Pierre-Joseph Proudhon e Elisée Reclus, bem como da obra dos socialistas Karl Marx e Henrik Ibsen, inspirando-se, sobretudo, nas idéias de Piotr Kropotkin na construção de sua própria concepção de luta revolucionária. Dialogou com Charles Malato, Errico Malatesta, Anselmo Lorenzo, Emma Goldman e Fernando Tarrida del Mármol, dos quais era contemporâneo. Junto com seus irmãos, Jesús e Enrique Flores Magón, foi fundador e redator do periódico libertário *Regeneración*, bem como do movimento revolucionário conhecido como Partido Liberal Mexicano. Suas idéias tiveram profundo impacto no contexto em que viveu. Sempre atribuiu grande valor ao senso de comunidade e de autonomia existente entre os povos indígenas, militando em seu favor.

<sup>169</sup> *A Plebe*, 29 mar. 1924. N. 232, p. 4.

<sup>170</sup> Publicação anarquista do Rio Grande do Sul.

<sup>171</sup> Neno Vasco ou Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos, poeta, advogado, jornalista e escritor, ardoroso militante sindicalista revolucionário, nascido em Portugal. Emigrou para o Brasil onde estabeleceu uma série de projetos de viés anarquista. Na cidade de São Paulo, em 1902, passa a editar o jornal *Amigo do Povo* junto com Benjamim Mota, Oreste Ristori, Giulio Sorelli, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani e Ricardo Gonçalves. Algum tempo depois lançou a revista *Aurora* e, em 1905, o jornal *A Terra Livre*.

Ao nosso querido companheiro Neno Vasco, alta inteligência ao serviço dum grande coração, e a seus queridos filhos, futuros lutadores, a expressão dos nossos mais sentidos pezames.<sup>172</sup>

#### 4.1 “O ósculo da Liberdade”: alegorias femininas no ideal libertário

“Liberdade”, “Anarchia” ou “Mãe-Anarchia”, “Revolução Social”, “Nova Aurora”. As alegorias femininas ocupam com muita beleza e sensualidade – entendida aqui como sinônimo de vida – o imaginário libertário. As mulheres “encarnam” esses ideais, e os nomes são próprios, com a letra inicial em maiúsculo.

Cabelos longos e esvoaçantes, essas mulheres não são “carolas”, recatadas; as roupas não escondem a forma do corpo, têm a já citada sensualidade, emblema da vida e do natural, em nada lembrando a pornografia, o corpo da mulher mercantilizado.

No primeiro capítulo, viu-se a importância das imagens para os libertários, encaradas não como ilustrações de textos, mas como, elas próprias, um texto. Agora, pretendo apresentar algumas imagens em que as mulheres “encarnam”, dão vida, a ideais constitutivos do imaginário anarquista e revolucionário.

O 1º de maio sempre traz uma boa imagem, em comemoração, como que para brindar aos olhos e corações revolucionários. No número 234, de 1º de maio de 1924, há uma imagem ocupando quase toda a capa. O título é *A cavalgada do Ideal*. São três mulheres a cavalo, nuas, segurando bandeiras da “Terra e Liberdade”, “Revolução” e “Ideal”. Cada uma porta, respectivamente, um grilhão rompido, uma tocha incandescente e um ramo. Elas cavalgam da Europa à América. A imagem é reproduzida de *A Batalha*, diário sindicalista de Lisboa. Abaixo, foi editado um texto relacionado, apresentando mais uma personagem: *A Ideia*.

Do fundo das idades: ora fio de agua cantando, ora torrente rugidora – a ideia rola. E avassala. E domina.

Foi virtude com Buda; amor com Jesus. Na Grécia chamaram-lhe filosofa e era o conhecimento da causa; em Roma foi fé e viveu nas catacumbas.

Foi sonho em todos os ergástulos, e nos postos da ignominia – refrigerio.

Foi – ó – revolta!

---

<sup>172</sup> *A Plebe*, 28 fev. 1920. N. 54, p. 2.

Inspirou Spartacus e os escravos; era a alma das ‘jacqueries’ medievais; esteve na tomada de Bastilha. Acaba de moldar rudemente, ainda grosseiramente, que a argila é dura, – a Russia. Ditou a Enciclopedia e tinha então punhos de renda; e ainda hontem passou por aqui, erguida ao alto, como uma bandeira, pelo povo que tinha fome.

\*\*\*

A Ideia – a unica capaz de se personificar assim – gera-se no tinir das gargalheiras, nutre-se da dôr. Onde estão um escravo e um faminto e um incompreendido – ela está velando. Às vezes não a sentem os tristes, e morrem sem a conhecer.

Enceguecidos pela ambição, pelo orgulho, os poderosos fingem não a ver e quando ela, – vestida a tunica inconsutil da verdade – lhes aparece em sonhos, correm, doidos, a apunhalar fantasmas.

Mas ella reina no mundo. Não há imperio que tenha tantos subditos, nem religião com tantos adeptos.

A sua ronda vai de Oriente a Ocidente e de polo a polo. Levantam-se muralhas, acendem-se fogueiras, fecham-se portos, erguem-se cadafalsos – para lhe impedir a marcha. E ela passa. Cavalgada fantastica, quanto não dariam os reis para a ter como escolta!

\*\*\*

Os prodigios que se teem feito, a inteligencia que se tem posto á prova, o dinheiro que se tem dispendido para evitar que as ideias libertarias se propaguem! Há legiões de homens, armados até os dentes, que fazem dessa tarefa o objectivo de toda a sua vida. Insensatos!

Quando julgam te-las sufocado na América fazendo funcionar a cadeira electrica, elas surgem na França e são a Comuna; quando supõem jugulá-las, espingardeando Ferrer em Montjuich, elas aparecem na Russia e criam os Soviets.

Milhares de annos de violencia, seculos de escravidão, foram incapazes, sequer, de atenuar o arrebatamento das ideias. Às vezes, na sua carreira vertiginosa, ellas estacam. Descansam. Refazem-se de forças, para continuar, formidaveis. O orgulho dos poderosos chega a supor que, numa cilada, as detem. Ao cabo encontra, ao canto dum carcere, um farrapo humano, ou, no fundo dum fosso, um cadaver. E elas lá seguem o seu caminho, sempre para o alto, sempre para a luz.

\*\*\*

Ouve-se ao longe o tropel da cavalgada. Que acordem os que ainda dormem. É tempo.

É o triumpho da Justiça, é a vitória do Amor que chegam; abramo-lhes os nossos corações.

Poderosos, soou a vossa hora. Ricos, começa a restituição. Mas para que tremer, se acabou a violencia?! Soou a vossa hora, para o trabalho; começa a restituição do vosso superfluo. Mais nada. O sangue, esse era só vosso apanagio; a dor, a vossa arma de combate; a extorsão, a vossa tactica.

Para nós, não. A Ideia, que nos deu longanimidade para suportar os vossos vexames e as vossas prepotencias, ainda nos exalla para que vos perdoemos.

Sede bem vindo ao seio da Sociedade Nova. Estão ali as ferramentas, alem os campos para arrotear. Vamos que o tempo urge. É dia claro já e foi longa e penosa esta noite.

O ideal que foi revolta e liberdade, agora é só – trabalho e perfeição.

Ao trabalho!

# A PLEBE

Redactor auxiliar: Pedro A. Mota

PERIODICO COMUNISTA-LIBERTARIO

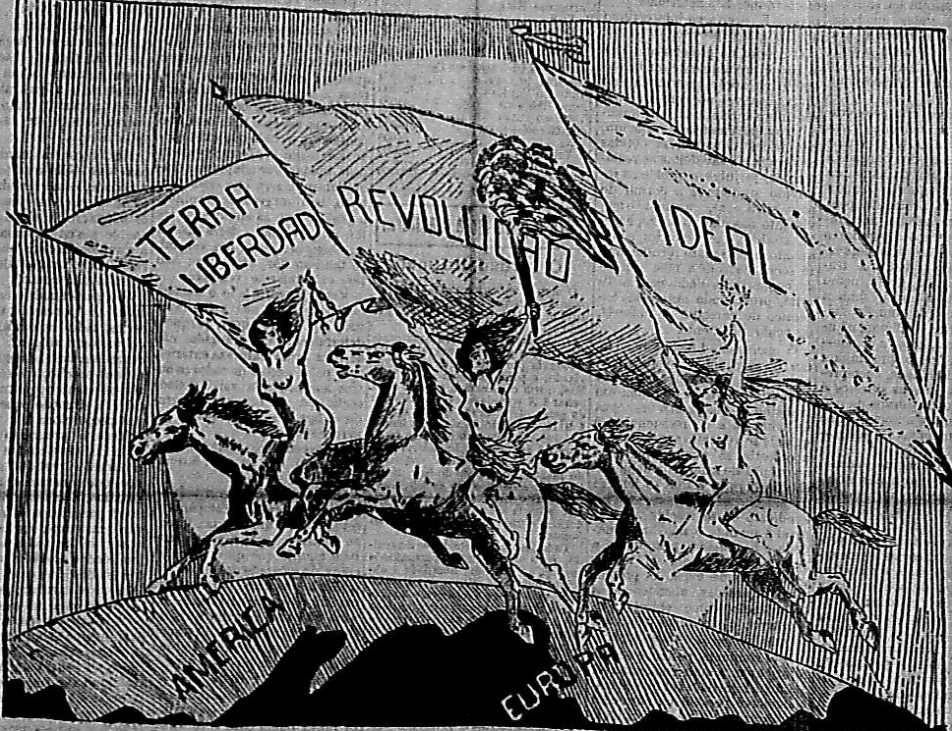
Redactor-Gerente: Rodolpho Felipe

Redacção, administração e officina:  
LABEIRA DO CARRÃO, 4  
Repeditente à noite

ASSIGNATURAS:  
Anno . . . . . 100000 | Semestre . . . . . 50000  
Numero avulso 3100 | Facultas: 12 exemp. (2000)

Toda correspondência, notas e registadas devem  
ser endereçadas á Caixa Postal 195  
S. Paulo - Brasil

## ||| A cavalgada do Ideal |||



**D**O FUNDO DAS IDADES: ora fio de  
água cantando, ora torrente rugidora  
a Ideia rola. E avassala. E domina.  
Foi virtude com Buda; amor com  
Jesus. Na Grécia chamaram-lhe filoso-  
fia e era o conhecimento da causa; em Roma  
foi fé e viveu nas catacumbas.  
Foi sonho em todos os ergastulos, e nos  
postos da ignominia — retrigério.  
Foi — é — revolta!  
Inspirou Sparta e os escravos; era a  
alma das sjacquerias; medievos; esteve na lo-  
mada da Bastilha. Acaba de moldar rudemen-  
te, ainda grosseiramente, que a argila é dura,  
— a Rússia. Ditou a Enciclopedia e tinha en-  
tão punhos de renda; e ainda hontem passou  
por aqui, erguida ao alto, como uma bandeira,  
pelo povo que tinha fome.  
\*\*\*  
A Ideia — a unica capaz de se personifi-  
car assim — gera-se no tinir das gargalheiras,  
nutre-se da dor. Onde estão um escravo e um  
faminto e um incompreendido — ela está ve-  
lando. A's vezes não a sentem os tristes, e mor-  
rem sem a conhecer.  
Encogeu-se pela ambição, pelo orgulho,  
os poderosos fingem não a ver e quando ela,  
— vestida a tunica inconsueta da verdade —  
lhes aparece em sonhos, correm, doidos, a apu-  
nhalar fantasmas.

Mas ella reina no mundo. Não ha império  
que tenha tantos subditos, nem religião com  
tantos adeptos.  
A sua ronda vai de Oriente a Occidente e  
de polo a polo. Levantam-se muralhas, acen-  
dem-se fogueiras, fecham-se portos, erguem-se  
cadafalsos — para lhe impedir a marcha. E  
ela passa. Cavalgada fantástica, quanto não  
dariam os reis para a ter como escolta!  
\*\*\*  
Os prodigios que se tem feito, a intelligen-  
cia que se tem posto á prova, o dinheiro que  
se tem dispendido para evitar que as ideias li-  
bertarias se propaguem! Ha legiões de homens,  
armados até aos dentes, que fazem dessa tarefa  
o objectivo de toda a sua vida. Insensatos!  
Quando julgam tê-las sulcado na Améri-  
ca fazendo funcionar a cadeira electrica, elas  
surgem na França e são a Comuna; quando  
supõem jugulá-las, espingardeando Ferrer em  
Montjuich, ellas aparecem na Rússia e criam  
os Soviets.  
Milhares de annos de violencias, seculos de  
escravidão, foram incapazes, sequer, de atenuar  
o arrebatamento das Ideias. A's vezes, na sua  
carrreira vertiginosa, ellas estacam. Descansam.  
Refazem-se de forças, para continuar, formida-  
veia. O orgulho dos poderosos chega a supor  
que, numa cillada, as detem. Ao caba encon-  
tra, ao canto dum carcere, um farrapo huma-

no, ou, no fundo dum foso, um cadáver. E ellas  
lá seguem o seu caminho, sempre para o alto,  
sempre para a luz.  
\*\*\*  
Ouve-se ao longe o tropel da cavalgada.  
Que acordem os que ainda dormem. E' tempo.  
E' o triumpho da Justiça, e a vitória do  
Amor que chegam; abramos-lhes os nossos co-  
rações.  
Poderosos, soou a vossa hora. Ricos, co-  
meça a restituição. Mas para quê tremem, se  
acabou a violencia?! Soou a vossa hora, para  
o trabalho; começa a restituição do vosso su-  
perfluo. Mais nada. O sangue, esse era só vos-  
so spanagio; a dor, a vossa arma de combate;  
a extorsão, a vossa tactica.  
Para nós, não. A Ideia, que nos deu lan-  
ganimidade para suportar os vossos vexames  
e as vossas prepotencias, ainda nos exalta para  
que vos perdoemos.  
Sede bem vindos ao seio da Sociedade No-  
va. Estão ali as ferramentas, alem os campos  
para arrotear. Vamos que o tempo urge. E'  
dia claro já e foi longa e penosa esta noite.  
O ideal que foi revolta e liberdade, agora  
é só — trabalho e perfeição.  
Ao trabalho!  
(Original e cliché reproduzidos do Suple-  
mento literario de «A Batalha», de Lisboa.)

**LAGOSTA** Imagina, por um momento, esta hypothese: uma bella manhã desapareciam todos os trabalhadores dos campos, e não havia quem cul-  
tivasse a terra. Que succederia? Morreriamos todos de fome. Pois o mesmo se daria com as outras profissões: se desaparecessem  
patriotas, não havia quem fizesse sapatos; se desaparecessem os pedreiros, os carpinteiros, etc., não havia quem construísse as casas; o se desaparecessem  
ideiros, quem manipularia o pão? E assim successivamente. Mas, que prejuizo teriamos se desaparecessem os nossos auctores — os burgueses, os capitalistas,  
dustriais, etc.? Tinhamos tanto prejuizo como o que teriamos se, dos mares, desaparecesse a lagosta... — ERICO MALATESTA.

Em 1917, na edição número 10<sup>173</sup>, uma mulher, triunfante, sobre escombros, segura uma tocha fulgurante e lança um olhar vitorioso ao horizonte, ao devir. A legenda diz: “Epílogo da orgia burguesa”. Provavelmente, essa personagem é a Liberdade, a iluminar o novo caminho, ou a própria Anarchia, como é representada em outros momentos. Fala-se em “orgia burguesa” e é uma figura feminina a escolhida como contraponto. Essa imagem apareceu outras vezes, com outras legendas ou até mesmo prescindindo de legenda. No número 18<sup>174</sup>, em 1919, a legenda diz: “a Anarchia sobre os destroços da sociedade burguesa”. Já no número 33<sup>175</sup>, também de 1919, a legenda é diferente: “A perspectiva do próximo amanhã”.

---

<sup>173</sup> *A Plebe*, 18 ago. 1917. N. 10, p. 1.

<sup>174</sup> *A Plebe*, 21 jun. 1919. N. 18, p. 1.

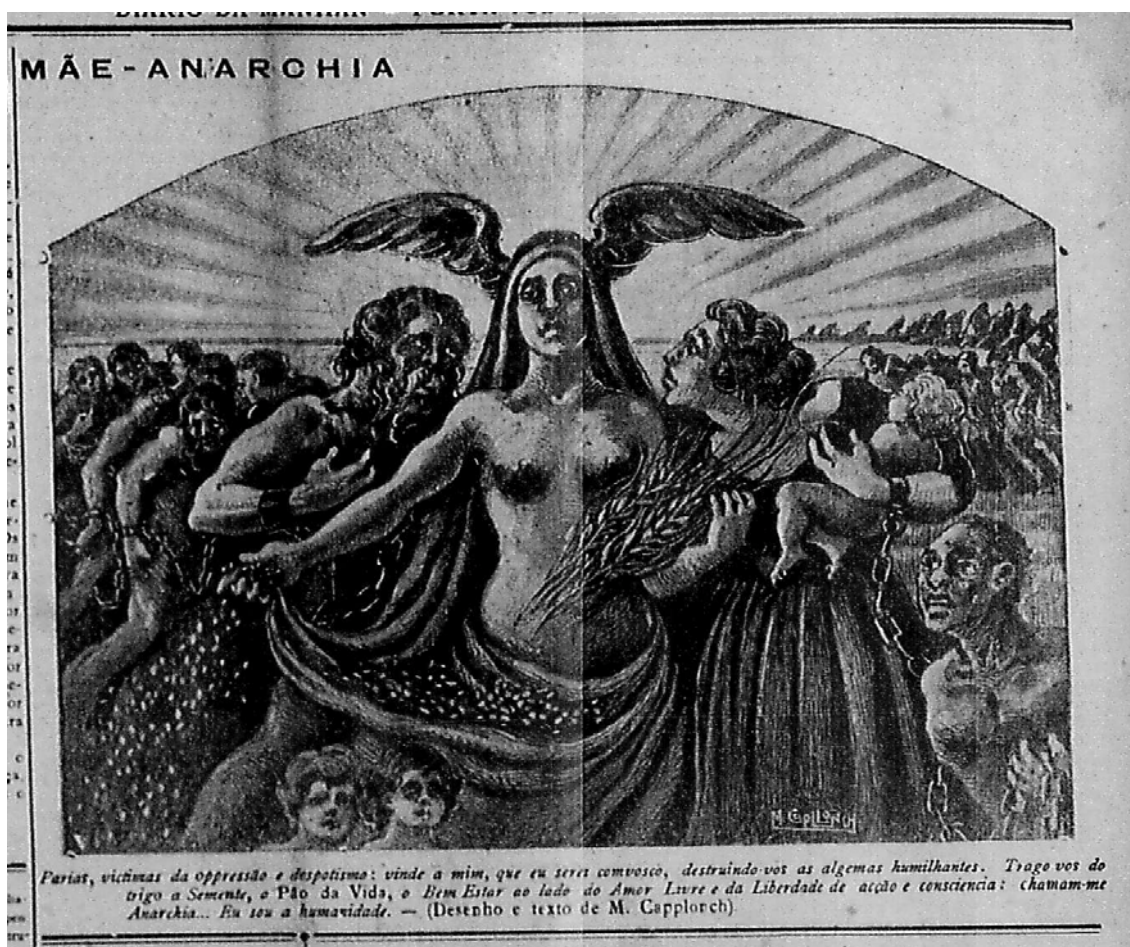
<sup>175</sup> *A Plebe*, 15 out. 1919. N. 33, p. 1.



Em outros momentos, a *Mãe-Anarchia* povoou o imaginário libertário, sobrepondo-se a ideia da maternidade, do que gesta o amanhã ou floresce, à da Anarchia redentora. No número 37<sup>176</sup>, em 1919, a *Mãe-Anarchia* é uma mulher de seios desnudos, a guiar uma multidão acorrentada e de rostos entristecidos. A mulher tem uma expressão serena e segura, na mão esquerda, o trigo, enquanto a direita parece distribuir sementes. A legenda diz: “Párias, vítimas da opressão e despotismo: vinde a mim, que eu serei comvosco, destruindo-vos as algemas humilhantes. Trago vos do trigo a Semente, o Pão da Vida, o Bem Estar ao lado do Amor Livre e da Liberdade de ação e consciencia: chamam-me Anarchia...

<sup>176</sup> *A Plebe*, 19 out. 1919. N. 37, p. 1.

Eu sou a humanidade”. Importante notar que a imagem e o texto tem autoria, o que está assinalado. Essa imagem também foi editada no número 118<sup>177</sup>, em 1921. A legenda traz o mesmo sentido: “a despeito de todas as reacções, enfrentando o furor de seus inimigos, a Anarquia prossegue impavida e serena no caminho do triunfo, espalhando entre a plebe faminta de pão e sedenta de justiça, a semente bemdita da Revolução Social”.



Certamente, uma das imagens mais recorrentes é a *Liberdade*, a segurar a tocha que ilumina a nova sociedade, o caminho anárquico. Na edição de número 91<sup>178</sup>, ela enfrenta um homem que parece prestes a golpeá-la. Ele é um “bárbaro”, segundo a legenda:

Os barbaros de barretefrigio, como os barbaros coroados da idade média, apavorados com as ideias de liberdade, procuram impedir o progresso, prendendo,

<sup>177</sup> *A Plebe*, 21 mai. 1921. N. 118, p. 1.

<sup>178</sup> *A Plebe*, 27 nov. 1920. N. 91, p. 1.

deportando e espancando os arautos da sociedade nova. Estes, guiados por um ideal superior, continuam a sua marcha. Mas ai de quem pela violencia e pelo absolutismo pretende pôr embaraço ao livre desenvolvimento das ideias de um povo.



Em outro momento, na edição 192<sup>179</sup>, numa imagem bastante forte, a *Liberdade* acompanha Ferrer, põe-se de manso ao seu lado, beija-lhe a face e desvenda-lhe os olhos cansados de tanta escuridão, sofrimento. Chama-se *O osculo da Liberdade*.

<sup>179</sup> *A Plebe*, 7 out. 1922. N. 192, p. 1.

## Remember I — Ferrer



*O osculo da Liberdade*

Interessante pensar que foram várias as imagens em homenagem ao anarquista Francisco Ferrer y Guardia, cujo aniversário de morte é momento de atualização de seu pensamento e luta libertária. E em algumas dessas imagens há mulheres próximas a ele, como a apresentada acima, bem como crianças, noutras, provavelmente devido ao seu papel notável na Educação Racional.

As imagens femininas parecem estar voltadas em direção ao futuro, são regidas pela *Ideia*, pelo que move o mundo e é impossível de ser freado, como diz o texto da imagem *A Cavalgada do Ideal*. Provavelmente, é daí a presença marcante da tocha, indicando a luz de um “novo tempo”, revolucionário, que vence a sociedade burguesa. A imagem da edição número 8<sup>180</sup>, de 1919, apresenta a *Nova Era*, mulher que, com os seios despidos (talvez simbolizando fartura, além da naturalidade do corpo), segura uma tocha e olha o horizonte. Tentam detê-la, mas sua marcha é inabalável. Legenda: “Sobre os escombros da sociedade velha, ilumina a Nova Era”.



<sup>180</sup> *A Plebe*, 12 abr. 1919. N. 8, p. 1.

Outra personagem recorrente é a *Civilização*. No número 25<sup>181</sup>, de 1919, uma mulher segura instrumentos de trabalho e pisa artefatos de guerra. A legenda apresenta a civilização comunista “erguendo a sociedade do trabalho sobre o entulho do regimen capitalista”. A mulher é a “civilização” e valoriza os instrumentos do trabalho, em detrimento dos símbolos da sociedade burguesa, notadamente o militarismo, aqui simbolizado no canhão de guerra. É a “guerra à guerra” e a negação da prática militarista como algo próprio da civilização, como os discursos dominantes afirmavam. Essa imagem apareceu outras duas vezes, no número 182<sup>182</sup> com a legenda “É preciso que a civilização libertaria se levante sobre os escombros da sociedade capitalista” e, no 1º de maio de 1924<sup>183</sup>, com “A revolução social tende para o extermínio dos instrumentos da opressão e da barbarie dignificando as ferramentas do trabalho util e fecundo para o bem estar de toda a humanidade”.

---

<sup>181</sup> *A Plebe*, 9 ago. 1919. N. 25, p. 1.

<sup>182</sup> *A Plebe*, 27 mai. 1922. N. 182, p. 1.

<sup>183</sup> *A Plebe*, 1º mai. 1924. N. 234, p. 3.



*A civilização comunista erguendo a sociedade do trabalho sobre o entulho do regimen capitalista*

Outra forte imagem como representação da *Civilização* aparece na edição 71<sup>184</sup>, quando um soldado gigante, de nome Militarismo, persegue uma mulher, pequena, a *Civilização*. O Militarismo como algo completamente contrário à civilização e, inclusive, ameaçador. Aqui, a oposição civilização *versus* barbárie, esta última entendida como fruto do capitalismo, da ordem burguesa – que os anarquistas tanto buscaram “desmoralizar”, “desmascarar” nas páginas d’*A Plebe*, dando conta de dirimir o preconceito de que os libertários são contrários a qualquer ordem. A barbárie é a sociedade burguesa, promovida por capitalistas e pelo Estado armado, tendo como expressão o militarismo.



<sup>184</sup> *A Plebe*, 3 jul. 1920. N. 71, p. 1.



Dentre os livros que abordam a questão feminina, do Amor Livre ou ainda das novas bases familiares, editados em português e em outras línguas, estão: *Evangelho dos Livres*, de Affonso Schmidt, que contém um capítulo intitulado *O comunismo e a mulher*; *Greve de ventres*, de Luiz Balô; *A emancipação da mulher*, de J. Novicow, *A una madre*, de Hamon Chies; *Menina e Moça*, de B. Ribeiro; *A escravidão social da mulher*, de Dr. V. Russomano; *La felicitá domestica*, de Tolstói; *Le memorie d'una Carmelera*, de O. Mirbeau; *Lourdes*, de Émile Zola; *Fisiologia do Amor*, de P. Mantegazza; *A Psicologia do Amor*, de G. Dartville; “*Lua Nova*” (*Amor Livre*), de Fábio Luz, do qual o jornal diz: “bello estudo sobre a corrupção burgueza e de defeza do amor livre como meio de regeneração moral”; *A musa em férias*, livro de poesias de Guerra Junqueira; *O Dragão e as Virgens*, de Affonso Schmidt, romance onde estuda a prostituição; *A acção social da mulher na revolução social*, de Everardo Dias; *O amor livre*, de Charles Albert; *A moral*, de Álvaro Palmeira; *O Pecado de Simonia*, peça teatral de Neno Vasco; *A Irmã de caridade*, de E. Castellar e *Eugenia – ciência e arte de bem procriar e Procriação consciente – páginas de praticas neo-maltusianas*, ambos sem autoria especificada. Reproduzo alguns anúncios desses títulos:

**O PECADO DE SIMONIA**

Já está editada a interessante comedia **O PECADO DE SIMONIA**. Esta brochura, com 42 paginas e uma bem apresentavel capa ilustrada, trazendo no frontespicio uma das ultimas fotografias do saudoso camarada **NENO VASCO**, será vendida ao preço de 500 réis o exemplar. As encomendas de mais de 25 exemplares terão 25 o/o de desconto, devendo os pedidos serem acompanhados das respectivas importancias.

Os pedidos devem ser feitos a **CECILIO MARTINS**, caixa 195, ou rua Uruguaiana, 108, S. Paulo.

**“Lua Nova”**

Editado pelo Grupo Anarchista «Os Emancipados», do Rio de Janeiro, acaba de apparecer este folheto da lavra do camarada Fábio Luz.

É um bom trabalho, em que o nosso velho companheiro, nas 40 paginas de proveitosa leitura, estuda com muito acerto o problema do amor livre.

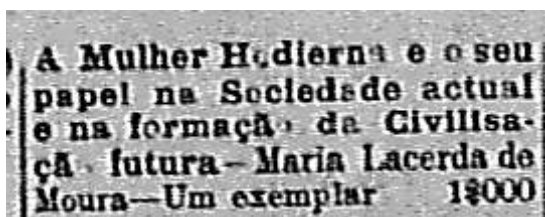
Recommendamol-a a todos os amantes do estado de todos os assumptos que se relacionam com a questão social.

Encontra-se á venda na «A. Inúdyadora», ao preço de \$500.



Como se pode observar, é vasto o repertório e plural a abordagem e o estilo literário. Da prosa à poesia e ao teatro social, do ensaio às tentativas calcadas na matriz cientificista, os títulos indicam a difusão da leitura e a ampliação do público leitor feminino consoante as novas idéias da emancipação da mulher. Outro destaque à tentativa de atualização do verbo libertário com as várias traduções.

Dentre os livros escritos por mulheres, estão as obras de Maria Lacerda de Moura, largamente divulgadas, *Dos anos em Russia*, de Emma Goldman, *A família no regimen comunista*, de autoria da Liga Comunista Feminina do Rio de Janeiro e *Mis Preclamas*, por Juana Roco, compilação de artigos em que a “conhecida libertaria trata da questão feminina e de varios outros assumptos que se lhe prendem como também da miseria moral e material da humanidade e com a Questão Social, que a todos nos interessa”<sup>185</sup>, como apresenta *A Plebe*.



Já o número 207<sup>186</sup>, de 1923, noticia a retomada da publicação da *Revista Blanca*, espanhola, dirigida por Federico Urales, Soledad Gustavo e Federica Montseny. Soledad Gustavo, pseudônimo de Teresa Mané (1865-1939), militante anarquista e professora,

<sup>185</sup> *A Plebe*, 10 mai. 1924. N. 235, p. 4.

<sup>186</sup> *A Plebe*, 21 abr. 1923. N. 207, p. 4.

companheira de Federico Urales. Federica Montseny, filha do casal (1905-1994), uma das mais conhecidas militantes anarquistas espanholas, tendo atuação destacada na Confederação Nacional do Trabalho (CNT). Uma família de anarquistas editando a *Revista Blanca*, a qual *A Plebe* divulga com muito gosto:

“Revista Blanca”

Esta revista, publicação quinzenal de Ciencia, Sociologia e Arte, há tantos annos desaparecida da arena das lutas libertarias, vae reaparecer brevemente dirigida pelas pennas brilhantes e pelos talentos comprovados de Federico Urales, Soledad Gustavo e Federica Montseny, os dous primeiros seus redactores na primitiva phase e que agora reassumem seu posto novamente na liça social libertaria.

REVISTA BLANCA apparecerá quinzenalmente e compor-se-á de 32 paginas, vendendo-se a 60 centimos o exemplar.

REVISTA BLANCA propõe-se ‘expor o ideal libertario para que os leitores, ao tomar parte nas lutas de opinião tenham conceito claro da Anarchia, ideal que poderão admittir ou rechaçar, mas que terão de conhecer em seus aspectos moraes, economicos, scientificos e politicos’.

‘Em segundo lugar propõe-se contribuir para o esclarecimento da confusão que reina entre o syndicalismo, communismo, socialismo e anarquismo, explicando em que se distingue a anarchia das demais doutrinas socialistas’.

‘Em terceiro lugar, ao sahir outra vez, desenvolverá um criterio de união e solidariedade a favor dos ideaes e dos homens que combatem, por injusta a sociedade presente e contra o inimigo commum, o capitalismo, o nacionalismo e o militarismo, tres cabeças de um mesmo corpo; além disso cooperará na acção do obreiro hespanhol que tem por objectivo libertar a quantos trabalhadores foram encarcerados durante a deshumana e criminosa repressão passada.’

Seu endereço é: Frederico Urales, San Martin, 3 – Sardañola del Vallés – Barcelona.

#### 4.3 “Não posso calar-me!”: escrita feminina n'*A Plebe*

São as vozes angustiadas e cheias de convicção que não podem omitir-se frente às injustiças: a postura dos patrões para com os empregados; a deportação daqueles que apenas lutavam pela terra livre; a Igreja opressora, dentre outros motes presentes no dia a dia das mulheres trabalhadoras. Das leituras indicadas, passo a atuação feminina n'*A Plebe*.

Na pesquisa, localizo textos escritos por mulheres abordando distintas questões, que não tocavam diretamente a problemática feminina, em muitos casos. Essa produção diversa apresenta nomes de várias mulheres às páginas de *A Plebe*. Isabel Cerruti e Maria A. (Antônia) Soares são as mais presentes, entretanto, vozes menos conhecidas vieram à tona, a partir de mulheres de outros estados, como Rio de Janeiro e do Sul do país. São textos que

não devem em nada, em termos de estilo e força argumentativa, aos escritos por homens; entretanto, são, sim, menos abundantes, pelas condições expostas no capítulo anterior, como as dificuldades de participação das mulheres no movimento operário. Os escritos versam sobre a necessidade de um trabalho social entre os operários, sobre a importância da organização para a luta, contra a carestia de vida, sobre o pensamento anarquista ou a revolução social. Falam contra o militarismo, pelo internacionalismo. Expõem a dura realidade dos que sofrem a repressão naquele período, abordando o caso dos deportados e outros relacionados à família operária, núcleo bastante valorizado pelos libertários.

Isabel Cerruti provavelmente é a mulher mais publicada n'*A Plebe*, chegando a editar a coluna *Resenha de uma operaria* nos números 16 e 18 do ano de 1917<sup>187</sup>. Não interessa, aqui, o número de vezes que a coluna foi publicada, mas a tentativa, em si, de escrever num espaço com certa identidade, pois “resenha de uma operaria” não é de qualquer pessoa, é de uma mulher trabalhadora, há uma autoria bem marcada. A primeira edição, em formato de notas curtas, observações anticlericais, antipatrióticas e de crítica ao patronato, algumas em tom jocoso. Já a segunda, apresenta outro formato, um único texto com o título *A logica burguesa – Os apuros do pária sem sorte*, narrando as dificuldades de sobrevivência na sociedade capitalista.

---

<sup>187</sup> *A Plebe*, 7 out. 1917 e *A Plebe*, 21 out. 1917.

## RESENHA DE UMA OPERARIA

Os artigos escriptos nas columnas do «Correio» cheiram a cera e a luconso! Se não é padre que escreve all, deve ser pelo menos alguém sob inspiração de padre...

Enquanto não conseguirmos sanear o espirito dos homens de todos os preconceitos, quer religiosos ou patrioticos, haverá sempre sacravos sobre a terra...

Se Christo viesse ao mundo outra vez, prégar a sua doutrina, descalço e maltrapilho... a ilha dos Barbados seria para elle tambem, já que o Estado actual da civilisação não permitiria que o crucificassem...

Não será para se admirar se algum dia nos accusarem de exploradores de nossos patrões e nos inflingirem castigos por isso. Tem se visto ceda uma ultimamente...

ISA RUTTI

## RESENHA DE UMA OPERARIA

### A logica burgueza—Os apuros do pária sem sorte

Se o pária procura trabalho, não lhe toleram a presença; na porta já elle encontra a tabelata com os arrogantes dizeres: «Não se precisa de operarias».

Se, resignado, não possui a virtude que todos os homens deveriam possuir,—o amor proprio—estende a mão á caridade. Mas, as corações philanthropicos são raros; e a civilisação não tolera o triste especulo que proporciona a mendicidade.

Enveredar pelo caminho de aventuras nocturnas... repugna á consciencia do homem honrado e trabalhador. E demais, a lei, neste caso, é inexoravel...

Logo, o unico recurso para o homem sem trabalho, exgottado o credito e ameaçado de despejo ou penhora pelo senhorio da casa, é... suicidar-se!

E os que têm demasiado instincto de conservação, para tirar-se a vida dum modo brusco, que se acocorem a um canto, que a fome se incumbirá da tarefa... e depois, terá no céu o gozo eterno!

Ainda ha poucos dias a chronica dos diarios narraram o facto de um desesperado matar a mulher e quatro filhos, e suicidar-se em seguida.

Resolveu elle, assim, a sua situação de desempregado sem credito e ameaçado de despejo pelo senhorio da casa que lhe era indispensavel para o seu abrigo...

Factos dessa natureza acontecem a todo o momento. E assim, vemos velhos e moços suicidarem-se por não encontrarem trabalho!

Oh!... Até quando o nosso egoismo nos levará a sustentar esta sociedade?!

ISA RUTTI.

Em *Carta aberta*, texto de Sonia Martins publicado na edição 257<sup>188</sup>, a autora expõe o que é ser anarquista, sua relação com a “instrução” e, em seu caso, com o fato de ser mulher. Sonia deixa claro que não é a “primeira” mulher anarquista, reivindicando a história de sua família: “Na minha familia, desde minha mãe, minhas irmãs, tias, primas e sobrinhas, todas as nossas mulheres, são anarchistas!”. O escrito parece endereçado a um homem, já que começa com “presado amigo”, entretanto, isso pode ser um recurso literário, como se a carta

<sup>188</sup> *A Plebe*, 6 ago. 1927. N. 257, p. 3.

fosse destinada a todos os homens, em modo geral. De todo modo, é uma resposta, como que uma explicação pelo fato de Sonia contribuir com a imprensa anarquista e operária, ao contrário da maioria das suas “companheiras”. A militante aproveita ainda para reconhecer o valor das outras formas de participação – que não a escrita em jornais operários –, mais comuns entre as mulheres.

Presado amigo, não sou a primeira mulher anarquista, isto é, a primeira mulher pensadora. Não. Eu sou, talvez, a última delas. Antes de mim, existem outras melhores e mais preciosas à causa.

Para honra e glória da humanidade padecente, são muitas as mulheres sonhadoras que divisam um mundo melhor e mais perfeito que este. Em todo o orbe, ellas são aos milhares.

Aqui, mesmo em nossa terra, onde tudo se manifesta tardiamente, de há muito que as mulheres trabalhadoras empreehenderam a necessidade de ser alguma coisa mais que simples instrumento para a engrenagem capitalista.

Na minha familia, desde minha mãe, minhas irmãs, tias, primas e sobrinhas, todas as nossas mulheres, são anarquistas! O facto de eu só apparecer collaborando, por escripto, nos jornaes operarios, não importa em dizer que eu seja a primeira mulher idealista.

Isso se explica, muito facilmente, pela razão seguinte: Todos nós, os operarios, mal temos tempo de frequentar as aulas de um Grupo Escolar e somos, logo, mettidos entre quatro paredes de uma officina, de sol a sol, para apprender um officio. E, depois, toda a nossa vida decorre assim, monotonamente: de casa, para o trabalho; do trabalho, para casa; sem tempo nem disposição para procedermos á auto-cultura; considerando mais, que do escasso ordenado, muitas vezes, não sobra para adquirir-se os livros necessarios. Um bom dictionario, por exemplo, não é accessivel a todos.

Ora, quem não tem regular conhecimento, não sabe escrever. E quem não sabe escrever, não o pode fazer.

E não basta saber ler, para saber escrever.

Mas, quem nasceu ser pensante, mesmo sem instrucção e sem livros, póde pensar. E essa é a condição unica para ser anarquista.

A instrucção é da sociedade e como tal propriedade privada que só se adquire com o dinheiro.

O pensamento é do universo. Por isso, só o pensamento é livre... E os individuos podem pensar a seu bel prazer.

E o fato de eu saber escrever, é porque fui mais feliz que as minhas companheiras, cabendo-me, por acaso, no Grupo Escolar que eu frequentei, uma professora que era uma verdadeira sacerdotisa do magisterio, que além do programma escasso do ensino primario, me forneceu alguns conhecimentos mais, nas horas vagas, em sua casa, e sem me cobrar nada por isso. Muito gentilmente, por méra sympathia.

Eis porque eu digo, que não sou a primeira mulher, brasileira, anarquista.

Antes de mim, existem outras melhores e mais preciosas à causa.

São aquellas que acompanham seus companheiros aos syndicatos e por toda a parte espalham, generosamente, com a simpleza da palavra oral, a boa semente do evangelho santo da igualdade social entre todos os seres humanos.

Há textos sobre a repressão e o caso dos deportados, que, como já apontado no capítulo anterior, mereceu empenho por parte das mulheres e foi abordada bastante a partir do viés do sofrimento causado pela separação da família. Há um texto muito bonito de Maria Antônia Soares, bem como um apelo de Emma Ballerini, *Em defesa do companheiro Gigi Damiani*<sup>189</sup>, seu companheiro. Emma não escreveu tão ativamente como Luigi Damiani, entretanto, seu nome aparece em várias atividades anunciadas, teatro, listas de subscrição, entre outras atividades.

Gigi Damiani, expulso do Brasil, de São Paulo, é vítima também do tratamento calunioso da polícia, como forma de justificar a expulsão do militante anarquista – diziam que ele seria ladrão, condenado na Itália. Emma, em seu texto, trata de esclarecer, uma a uma, as acusações contra o companheiro. Damiani chegou ao país em 1896, onde esteve 24 anos, a maior parte do tempo em São Paulo. Emma traça a trajetória do trabalhador e militante na luta pela sobrevivência e pelo ideal, destacando sua participação na imprensa, desde o primeiro jornal, *O Direito*, no Paraná. O texto da companheira mostra angústia e revolta com as injustiças:

(...) De costumes muito simples, devia por força chegar a economisar alguma coisa, tanto mais que o seu physico não o garantia a sufficiencia para o futuro.

Não deixou um só minuto de auxiliar a propaganda libertaria tanto com a penna como financeiramente, nos limites do possivel.

Nunca fugiu ás responsabilidades a que ia ao encontro, com pretextos e enganos, e quando não encontrou outro caminho pagou pessoalmente, como pagam todos aquelles que querem que a sua dignidade esteja acima de tudo.

Este é em poucas palavras o retrato de Gigi Damiani, LADRÃO, EXPLORADOR DE OFFICIOS E PERIGOSISSIMO DELINQUENTE de que a benemerita policia de S. Paulo livrou o Brasil no dia 22 do corrente mez.

É de se ver que a escrita das mulheres também se volta, em alguns casos, para essas questões que envolvem a família. O texto *Deportados! – A infâmia prevista consumou-se!*<sup>190</sup>, de Maria A. Soares, remete às mulheres, às “parentas”, tanto dos deportados quanto dos que deportaram. E fala de amor e companheirismo de maneira forte e triste, mas também esperançosa e convicta, deixando, ao fim, uma mensagem de crença num devir melhor:

(...) As que se vêm hoje privadas da doce companhia desses sêres amados, terão o consolo immenso, incomparavel, que não terão, por certo, as parentas dos tyrannos,

---

<sup>189</sup> *A Plebe*, 30 out. 1919. N. 41, p. 1.

<sup>190</sup> *A Plebe*, 30 set. 1917. n. 15, p. 2.

quando soar a hora da Justiça: a de saber que, a iluminar-lhe o caminho espinhoso do desterro, a alental-os nos momentos de aflicção e a dar-lhes animo nas horas de tortura, está sempre a seu lado, companheira fiel e valorosa, a ideia grandiosa pela qual se batem, pela qual são perseguidos e exilados.

Ella saberá conservar-os altivos e impassíveis, sempre fortes e sempre victoriosos!

Enchendo nossa alma do mais justo orgulho! Saber que o coração desses seres palpita junto ao nosso, que guardam na mente a nossa imagem, e que compartilham das grandes ideias que propagamos, é a maior ventura que podemos anhelar.

Amanhã voltarão. E quando tremulas de alegria os apertarmos ao peito com ternura, as dessas almas confundindo-se amorosas, poderão divisar mais claramente a valiosa visão do mundo sonhado, da nova sociedade baseada nos mais nobres princípios de equidade!

E a felicidade, então sentida, nos recompensará de todas as angústias sofridas.

Ainda ligados à preocupação com a família, há textos sobre alcoolismo, bem como anúncios de conferências para tratar do tema. No número 22<sup>191</sup>, de 1919, Isa Ruti, em *Irmãos trabalhadores!*, coloca-se contra o álcool, mais especificamente contra a “caninha operária”, propondo uma campanha de boicote. Isa lembra o frágil orçamento dos lares, que fica ainda mais comprometido quando se gasta com bebidas alcoólicas, além de abordar de forma nuançada alguns tópicos da moral anarquista se diferenciando dos hábitos burgueses:

Irmãos trabalhadores!

Nesta hora crítica da nossa história, em que está declarada a guerra contra os nossos algozes, e que por isso já começa a faltar em nossos lares o alimento, abarrotam-se os botequins, de álcool, o maior obstáculo criado pelos nossos inimigos para obstar o nosso caminho.

Indivíduos desclassificados, apoiados pelo código abjecto desta república, numa ironia inqualificável intensificam desassombadamente a produção do álcool, como a tentar os estômagos vãos a ‘afogar as suas maguas’...

É assim que nunca se viu nos mercados tanta caninha como agora. Para aquilatar a ousadia desses desalmados, cumpre notar que toda essa caninha é um composto de álcool, água e essências que lhe emprestam o sabor da canna!

Em summa, caninha artificial, como é o vinho fabricado com bagas de sabugueiro.

E como se não bastassem todas essas baixezas, ainda procuram insultar-nos, dando a uma dessas ‘especialidades’ a denominação de ‘Finíssima Caninha Operária’.

Irmãos trabalhadores! Desaffrontemos os nossos brios tão covardemente ultrajados, neste momento crítico, em que nos nossos lares já começa a faltar o pão!

Para castigar o insolente appliquemos-lhe a pena que foi por nós tão bem applicada á poderosa ‘Antarctica’, até que desapareça dos rotulos das garrafas a palavra ‘Operária’, que não é absolutamente synonyma de bebado.

Que se fabrique caninha para bebados está bem, mas para operários é que não!

---

<sup>191</sup> *A Plebe*, 19 jul. 1919. n. 22, p. 2.

O anticlericalismo é outro tema recorrente. Dentre as mulheres, principalmente Isabel Cerruti e Theresa Escobar escreveram sobre a temática. São textos expondo o caráter paliativo da caridade ou o luxo do clero, como no caso da construção de uma igreja em São Paulo, para a qual o governo concorreria com dois mil contos de réis.

O antimilitarismo, a guerra a guerra, também aparece bastante. Em vários textos, uma conclamação aos soldados para estar ao lado do povo, a reconhecer o internacionalismo. Destaco o escrito *Viva a guerra social*<sup>192</sup>, de Isa Ruti, pela força das palavras e clareza da exposição acerca dos verdadeiros inimigos: os capitalistas. Ela fala de um contexto de fim da Primeira Guerra Mundial, em que as pessoas teriam despertado suas consciências contra o mal da guerra.

(...) Findou-se a guerra pro-capitalismo. Inicia-se a guerra contra o capitalismo. Será esta guerra mais formidável do que a outra, dado o ferrenho apego da classe burguesa aos seus privilégios. Privilégios esses que arrancados por meio da sagacidade ao comunismo, deve por uma invencível força natural a elle voltar, conseguindo a rota da evolução social, que alcançou o seu auge.

E, por isso, a phase critica que atravessa a historia, devia inevitavelmente verificar-se mais cedo ou mais tarde. Verificou-se mais cedo do que se esperava, devido á celeridade que tomou a marcha dos acontecimentos, impellidos pela avidez do capitalismo.

Ainda bem. Da guerra ateadá pela ganancia burguesa resurgiu o proletariado conscio da sua potente força! Elle agora, amestrado na peleja, deseja a guerra para abater o seu inimigo secular.

Ha quatro annos atraz, nós gritavamos: Abaixo a guerra! Agora bradamos com toda a força do nosso peito: Viva a Guerra Social!

Já em *Os lobos em acção – A propósito da greve de tecelões em Sorocaba*, na edição de número 251<sup>193</sup>, uma operária, Luzbella (pode ser pseudônimo, pois não há outro texto assinado por ela e nenhuma outra menção ao seu nome), traz o relato do movimento grevista em sua cidade. Ela se apresenta enquanto mulher, falando da rotina de trabalho e dos deveres com a casa que a espera – irmãos ou filhos. Luzbella é solteira, mas pretende casar-se e, para cuidar bem dos filhos, considera de importância a manutenção da jornada de oito horas – os patrões queriam aumentar a carga horária de trabalho. É um texto bem escrito, com argumentos concatenados e metáforas inteligentes, além de simples e agradável leitura.

---

<sup>192</sup> *A Plebe*, 1º mar. 1919. N. 2, p. 4.

<sup>193</sup> *A Plebe*, 14 mai. 1927. n. 251, p. 3.

‘Não posso calar-me!’ – foi a celebre phrase que o grande sociologo Leão Tolstói pronunciou ao presenciar as monstruosidades que no imperio moscovita commettiam com os indefezos trabalhadores russos.

Eu, na modestia de mulher operaria, sem pretenções á philosopha ou poetiza, falta de instrucção, que me foi roubada pelos insaciaveis parasitas que nos sugam o sangue, não posso também calar, diante de tanto canalhismo, de tantos abusos que esses sangue-sugas commettent contra nós, indefezos trabalhadores, escarnecendo da nossa misera situação.

Calar-me seria concordar, pois, como bem disse o grande philosopho Victor Hugo, entre o burguez que tyranniza e o proletariado que se deixa tyrannizar existe uma solidariedade vergnhosa.

Não concordando, quero elevar a minha voz bem alto, para que chegue aos ouvidos daquelles que ignoram a origem dos abusos de que estamos sendo victimas.

Em toda parte se commetem violencias contra os trabalhadores, porque em toda parte há tyrannos e tyrannizados, mas o que se verifica aqui, o que contra nós se pratica neste feudo que se chama Votorantim se caracteriza pelo requinte na perseguição burgueza.

Quem vier á Sorocaba, deparará logo em frente á estação, um bello e artistico predio de três andares. Pertence a um dos grandes lobos que habitam esta floresta, pois elles transformaram isto em floresta. Esse predio é o covil onde se reúnem os lobos de toda esta comarca, banqueiros, industriaes, fascistas, ratazanas dos tribunaes e, certamente, também os padres igualmente têm ali o seu esconderijo.

Há pouco tempo, estive ali reunida toda a alcateia para tratar do melhor meio de devorarem o rebanho que reúne no cercado de sua exploração.

Autoridades que se dizem destinadas á manutenção da ordem, também la estiveram. É sabido que entre elles se encontrava um lobo com a pelle de carneiro.

Depois de combinada a trama, a lobada deliberou augmentar as horas de trabalho, pois acham que trabalhando 8 horas não produzimos o sufficiente para os seus banquetes.

Esses typos de coração metalico entendem que 8 horas de pesado trabalho não bastam, esquecendo-se de que quando regressamos á casa ainda temos de cuidar da comida, da roupa, de nossos irmãozinhos, ou filhos, que, enquanto permanecemos nos érgastulos do trabalho, ficam como cães sem dono.

Eu sou solteira, mas, como pretendo casar-me, não posso admitir que aos meus filhos venha a falhar a instrucção e o asseio, para que sejam sãos e conscientes de seus deveres.

Para que suas esposas e filhos ostentem ainda mais luxo, como se os seus fabulosos lucros não bastassem, os nossos exploradores pretendem diminuir os nossos miseros salarios.

Pretendendo dar meio ao seu plano machiavelico, escolheram Votorantim para campo de seu primeiro ataque, pois julgaram que a ‘carneirada’ ali reunida seria mais facil de dominar em vista de sua misera situação, consequente do regimen de vales e cadernetas.

Não contavam, porém, com o gesto altivo da ‘carneirada’, da ‘canalha’, como elles chamam, quando canalhas a elles deve ser applicado, pois não somos, como elles, exploradores do suor alheio, mas honestos trabalhadores.

Valendo-se da nossa fraqueza e desunião, mandaram-nos espancar por soldados ignorantes, prendendo nossas companheiras sómente porque se negaram a pôr as machinas em movimento.

Valeu-nos o nobre gesto de nossos irmãos de Sorocaba, que espontaneamente nos prestaram a sua solidariedade, reconhecendo que a nossa causa é a delles e que á nossa derrota seria tambem a sua, pois sendo irmãos de soffrimentos devemos ser tambem irmãos na lucta em prol dos direitos communs.

Felizmente, porém, vencendo toda a sorte de sacrificios, ameaçando paralizar completamente toda a industria fabril, conseguimos, mais uma vez garantir a jornada de 8 horas em Sorocaba.

Seria vergonhoso que, após tantas luctas e sacrificios, depois de tanto sangue derramado, os tubarões da industria nos roubassem o fructo de nossos esforços de longos annos.

Companheiros e companheiras: agora é preciso estar alerta, pois os industriaes estão tratando de uma nova tentativa! Devemos tornar baldados os seus manejos. Assim como soubemos defender-nos do ultimo ataque, devemos estar de animo preparado para defender os nossos direitos quando os nossos exploradores voltaram á carga, não nos esquecer de que contamos com a sympathia e a solidariedade dos trabalhadores.

Se os que vivem fartamente do producto do nosso trabalho pretenderem nos submeter pela violencia, saibamos defender-nos como é preciso.

No mesmo sentido da análise dos movimentos grevistas, vários textos são publicados n' *A Plebe*, como *Do Paraná – Como terminou o movimento em Ponta Grossa*, de Anna Maria da Silva, publicado na edição número 10, de 1917<sup>194</sup>. Há ainda escritos sobre o próprio pensamento anarquista, como em *Ligeiros Confrontos*, de Isa Ruti, na edição 15, em 1917<sup>195</sup>, quando a autora contrapõe anarquismo a clericalismo. Emma Goldman também marcou presença, com *A propriedade*, no número 67<sup>196</sup>. Neste texto, aborda a especificidade do anarquismo, que, segundo ela, é o fato de levar em conta o desenvolvimento do homem e seu bem-estar. Há espaço para a auto-crítica, quando, por exemplo, Valeska-Maria, do Rio de Janeiro, em *Os anarquistas e a policia*, na edição 5, de 1917<sup>197</sup>, escreve contra a postura dos companheiros que desistiram de realizar uma atividade de propaganda devido à intervenção da polícia.

A revolução social também é contemplada diversas vezes, como em *Posse e não saque*<sup>198</sup>, texto de Luiza Michel, editado em dois números. A autora discorre sobre as condições da sociedade capitalista e o porvir, a futura revolução social. O texto se contrapõe,

---

<sup>194</sup> *A Plebe*, 18 ago. 1917. n. 10, p. 3.

<sup>195</sup> *A Plebe*, 30 set. 1917. n. 15, p. 3.

<sup>196</sup> *A Plebe*, 5 jun. 1920. n. 67, p. 2.

<sup>197</sup> *A Plebe*, 9 jul. 1917. n. 5, p. 3.

<sup>198</sup> *A Plebe*, 11 out. 1919. n. 30, p. 1.

então, a uma visão de que a revolução social seria o “saque” e a coloca como “posse”, ou seja, o que é de direito, legítimo:

(...) desponta a alva da epoca da redempção; em brève o sol levante allumiará as multidões mundiaes que com passo rapido, desprezando os obstáculos, esmagando os reptis e monstros occultos na sombra, saudarão o despertar do mundo com as aclamações do triumpho, os himnos á revolução terminada, o jubilo de viver já sem humilhação e sem soberba, e com ellas tomará realidade e condição de perseverança a união dos povos na paz, na justiça e na liberdade, será a Internacional do mundo em plena sciencia, em plena posse do ideal.

A mesma temática está em *Depois da Procella*<sup>199</sup>, de Maria A. Soares, escrito em 1919, quando da época do empastelamento d'*A Plebe*. Ela diz da proximidade da revolução social e da repressão policial que os movimentos vinham sofrendo, principalmente a partir de uma espécie de campanha de difamação de que os anarquistas eram vítimas por parte da burguesia.

(...) A este povo, que é nosso, do qual somos filhos extremosos, nós nos dirigimos nestes momentos angustiosos, para dizer-lhe que o panico e desorientação causados pela furia policial deve desaparecer, succedendo-lhes a força de vontade para prosseguir na luta e a confiança no triumpho da nossa causa.

Sabendo os capitalistas que a orientação dada pelos anarchistas ás massas proletarias é a unica capaz de lhes dar a emancipação e livral-as do jugo burguez, valem-se de todos os meios para calumniar-nos e fazer-nos perder as simpathias que o povo nos dispensa.

Estejam, pois, os trabalhadores de sobreaviso. Não tememos accusações porque temos a consciência livre de culpa. As calumnias e infamias não nos podem attingir, nem ás nossas ideias, que são a expressão mais pura da verdade.

Sentiríamos muito, no entanto, que os trabalhadores, deixando-se seduzir pelo canto da sereia burgueza, cahissem no laço que os capitalistas lhes accusam, o que os levaria ao mais completo aniquilamento moral, ao ultimo degrau da escravidão moderna.

Alerta, pois, trabalhadores! Nós estamos outra vez na brecha, promptos a cumprir o nosso dever. De vossa parte não deveis tampouco abandonar o vosso posto de combate.

Pelo desaparecimento da sociedade burgueza, egoista e oppressora, e pelo triumpho da nova sociedade, da sociedade justa e livre, avante!

A Revolução Russa motivou muitos escritos e, certamente, Emma Goldman é a voz mais requisitada quando esse é o assunto, provavelmente por ser russa, ter residido alguns anos no país, quando da Revolução, e ter se dedicado, após essa vivência, a divulgar uma versão libertária sobre aqueles acontecimentos. Emma publicou um livro, *Dois anos na*

---

<sup>199</sup> *A Plebe*, 20 dez. 1919. n. 47, p. 1.

*Rússia*, inclusive, indicado na Bibliotheca Social A Inovadora, e vários textos seus foram editados n’*A Plebe*. Além dela, Isa Ruti e Maria Antônia Soares também escreveram sobre a temática. Em *Como o bolchevismo matou a revolução russa*<sup>200</sup>, Emma Goldman esclarece sua posição, afirmando que não deixou de ser revolucionária e não passou a aceitar a idéia de governo, como alguns jornais norte-americanos estavam, à época, publicando a seu respeito. Para ela, o mal entendido se deu ao seu silêncio com relação a situação da Rússia, por considerar a questão por demais delicada, “complexa”:

Agora, porém, a hora do silencio passou. Quero, portanto, narrar o que vi. Sei as dificuldades que encontrarei. Sei que serei mal julgada, já pelos reaccionarios e já pelos inimigos da revolução russa, assim como pelos que são tidos como seus amigos, que insistem em confundir o partido governante a Russia com a revolução.

Emma relembra sua história: em 1917, presa e deportada dos EUA por haver falado contra a guerra e do saldo horrível de mortes e lucros exorbitantes para os imperialistas. Entende a Rússia como uma afronta a todo esse poderio do pós-guerra, entretanto, os bolcheviques teriam se aproveitado de uma ofensiva internacional contra a Revolução para construir um Estado centralizado, “sufocar” a revolução, como afirma:

E começou a campanha contra a Russia. Os novos intervencionistas massacraram milhões de russos, o bloqueio esfamiou as mulheres e as crianças aos centenaes de milhares e a Russia foi convertida numa immensa planicie de desespero e de agonia. A revolução foi esmagada e o regimen bolchevista fortaleceu-se immenso.

Este foi o resultado positivo de quatro annos de conspiração imperialista contra a Russia.

(...)

Lentamente, mas seguramente os bolchevistas iam constituindo um estado centralizado que destruía os ‘soviets’ e suffocava pouco a pouco a revolução; um estado que se pôde comparar hoje, como burocracia e despotismo, com qualquer das grandes potencias oppressoras do mundo.

Pelas observações feitas por mim em dois annos de estudo das condições e da situação russa, cheguei a segura conclusão de que se o povo russo não houvesse sido continuamente ameaçado pelo estrangeiro, teria se apercebido a tempo do perigo, como percebera do que provinha de Koltciak, Denikine e seus pares. Não preocupado pelos ataques contra-revolucionarios, o povo teria percebido das verdadeiras tendencias do estado communista e da sua absoluta incapacidade para reconstruir a Russa arruinada. As proprias massas teriam começado a infundir vida nova nas energias sociaes do paiz, agora paralyzadas. Podia ser que o povo comettesse erros. Mas ao mesmo tempo teria apprendido a contar consigo proprio, na propria força, na propria iniciativa, unicos factores que podiam salvar a revolução.

(...)

---

<sup>200</sup> *A Plebe*, 23 set. 1922. n. 191, p. 4.

Agora eu entendo tornar publico esta illusão fatal, não porque eu tenha perdido a fé na revolução, mas porque estou convencida que as revoluções futuras são voltadas á segura fallencia, se o que Lenine proprio chamou communismo militar fosse imposto ao mundo. E não se creia que eu tenha feito a paz com os governos, se agora denuncio o mal que o regimen bolchevista fez á revolução russa.

É porque a experiencia da Russia, mais de qualquer theoria, demonstrou á luz meridiana dos factos que todos os governos, qualquer que seja sua fôrma e seu programma, não são senão um peso morto que paralysa o espirito livre e a iniciativa das massas.

Cabe refletir acerca da riqueza dos textos que dizem do projeto de emancipação feminina anarquista, na medida em que valem-se da memória exemplar, em nada assemelhando-se ao culto à personalidade. A intenção é ressaltar a trajetória de militância e doação ao Ideal; no caso das mulheres, ressalta-se o exemplo de liberdade e emancipação. São também representações de mulheres emancipadas as alegorias que identificam o feminino aos ideais libertários. No plano da leitura, as “obras que os operários devem ler”, relacionadas à questão feminina, mostram uma ampliação do público leitor, inclusive com o esforço de tradução de algumas obras e com a produção feminina, a exemplo da desenvolvida por Maria Lacerda de Moura, Emma Goldman e outras, como Soledad Gustavo e Federica Montseny, mãe e filha na edição da *Revista Blanca*. Por fim, é de se pensar na pena feminina povoando as páginas d’*A Plebe*, na diversidade de temáticas e beleza dos escritos. Todos esses tópicos apresentados neste terceiro capítulo dizem de um olhar anarquista voltado à emancipação feminina, calcando-se na representação – seja por meio da memória exemplar ou das alegorias – e da leitura e escrita.

## 5. Considerações finais

Penso que toda pesquisa deve ser um ponto de partida e um caminho. Acredito que isso se deu com o presente estudo monográfico, momento de “fechamento” de quatro anos do curso de graduação em Comunicação Social. Nas páginas d’*A Plebe*, pude refletir não apenas sobre as linhas de um projeto de emancipação feminina anarquista, mas sobre o fazer da imprensa libertária, sendo impossível não confrontar esse espaço com o mercado que nos espera – comunicólogos recém-formados – e a formação que tivemos na Universidade que, em minha opinião, mesmo em tempos de Instituto de Cultura e Arte (ICA), poderia ser mais voltada à discussão crítica do mundo que nos cerca – extrapolando os muros da instituição –, e à formação humana.

Haveria ainda muito por pesquisar no jornal *A Plebe*, material riquíssimo, como enfatizei várias vezes ao longo do trabalho, e, obviamente, a monografia não “esgotou” a temática, sendo um estudo de caráter de síntese, que deixa questões em aberto, como deve ser o conhecimento e apontando para futuras pesquisas. O tema do Amor Livre e das novas relações familiares, passando por prescrições da moral libertária, poderia ser aprofundado, bem como a memória exemplar e o vasto repertório de leituras indicadas nas páginas d’*A Plebe*.

Há muitas pesquisas que versam sobre o olhar anarquista acerca da questão feminina, a defesa do Amor Livre, a participação das mulheres no movimento operário, na difusão da cultura libertária. Algumas pesquisadoras, no Brasil, se destacam, a exemplo de Margareth Rago, que procura estudar as relações de poder imbricadas nas relações de gênero em perspectiva anarquista, e outros destacados estudos nessa linha.

Entretanto, diversas problematizações em torno do tema podem ser pensadas. Pretendo continuar a caminhada debruçando-me sobre o tema profícuo da emancipação feminina para os libertários, porém, observando a temática a partir da literatura produzida pelo anarquismo e a influência dessa produção no Brasil.

É de suma importância, nos próximos passos, aprofundar-me na discussão de gênero, dialogando com os estudos feministas e a história de gênero, um campo com respeitadas produções e contribuições do movimento feminista, além de conter, em seu bojo, uma negação à ciência “apolítica”, “neutra”.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I- FONTES

**Jornal *A Plebe*** (localizado no Centro de Documentação e Memória da Unesp, Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp e Biblioteca Social Fábio Luz, gerida pela Federação Anarquista do Rio de Janeiro - Farj)

- II- *A Plebe*, 9 jun. 1917. n. 1
- III- *A Plebe*, 16 jun. 1917. n. 2
- IV- *A Plebe*, 23 jun. 1917. n. 3
- V- *A Plebe*, 30 jun. 1917. n. 4
- VI- *A Plebe*, 9 jul. 1917. n. 5
- VII- *A Plebe*, 21 jul. 1917. n. 6
- VIII- *A Plebe*, 28 jul. 1917. n. 7
- IX- *A Plebe*, 4 ago. 1917. n. 8
- X- *A Plebe*, 11 ago. 1917. n. 9
- XI- *A Plebe*, 18 ago. 1917. n. 10
- XII- *A Plebe*, 25 ago. 1917. n. 11
- XIII- *A Plebe*, 1º set. 1917. n. 12
- XIV- *A Plebe*, 8 set. 1917. n. 13
- XV- *A Plebe*, 22 set. 1917. n. 14
- XVI- *A Plebe*, 15 set. 1917. suplemento
- XVII- *A Plebe*, 30 set. 1917. n. 15
- XVIII- *A Plebe*, 7 out. 1917. n. 16
- XIX- *A Plebe*, 14 out. 1917. n. 17
- XX- *A Plebe*, 21 out. 1917. n. 18
- XXI- *A Plebe*, 30 out. 1917. n. 19
- XXII-
- XXIII-1919**
- XXIV- *A Plebe*, 22 fev. 1919. n. 1
- XXV- *A Plebe*, 1º mar. 1919. n. 2
- XXVI- *A Plebe*, 8 mar. 1919. n. 3
- XXVII- *A Plebe*, 15 mar. 1919. n. 4
- XXVIII- *A Plebe*, 22 mar. 1919. n. 5
- XXIX- *A Plebe*, 29 mar. 1919. n. 6

- XXX- *A Plebe*, 5 abr. 1919. n. 7  
XXXI- *A Plebe*, 12 abr. 1919. n. 8  
XXXII- *A Plebe*, 19 abr. 1919. n. 9  
XXXIII- *A Plebe*, 26 abr. 1919. n. 10  
XXXIV- *A Plebe*, 1º mai. 1919. n. 11  
XXXV- *A Plebe*, 10 mai. 1919. n. 12  
XXXVI- *A Plebe*, 17 mai. 1919. n. 13  
XXXVII- *A Plebe*, 24 mai. 1919. n. 14  
XXXVIII- *A Plebe*, 31 mai. 1919. n. 15  
XXXIX- *A Plebe*, 7 jun. 1919. n. 16  
XL- *A Plebe*, 14 jun. 1919. n. 17  
XLI- *A Plebe*, 21 jun. 1919. n. 18  
XLII- *A Plebe*, 28 jun. 1919. n. 19  
XLIII- *A Plebe*, 5 jul. 1919. n. 20  
XLIV- *A Plebe*, 12 jul. 1919. n. 21  
XLV- *A Plebe*, 19 jul. 1919. n. 22  
XLVI- *A Plebe*, 23 jul. 1919. n. 23  
XLVII- *A Plebe*, 2 ago. 1919. n. 24  
XLVIII- *A Plebe*, 9 ago. 1919. n. 25  
XLIX- *A Plebe*, 19 ago. 1919. n. 26  
L- *A Plebe*, 23 ago. 1919. n. 27  
LI- *A Plebe*, 30 ago. 1919. n. 28  
LII-  
**LIII- 1919 - fase diária**  
LIV- *A Plebe*, 8 set. 1919. n. 1  
LV- *A Plebe*, 9 set. 1919. n. 2  
LVI- *A Plebe*, 10 set. 1919. n. 3  
LVII- *A Plebe*, 11 set. 1919. n. 4  
LVIII- *A Plebe*, 12 set. 1919. n. 5  
LIX- *A Plebe*, 13 set. 1919. n. 6  
LX- *A Plebe*, 14 set. 1919. n. 7  
LXI- *A Plebe*, 16 set. 1919. n. 8  
LXII- *A Plebe*, 17 set. 1919. n. 9  
LXIII- *A Plebe*, 18 set. 1919. n. 10

LXIV- *A Plebe*, 19 set. 1919. n. 11  
LXV- *A Plebe*, 20 set. 1919. n. 12  
LXVI- *A Plebe*, 21 set. 1919. n. 13  
LXVII- *A Plebe*, 22 set. 1919. n. 14  
LXVIII- *A Plebe*, 24 set. 1919. n. 15  
LXIX- *A Plebe*, 25 set. 1919. n. 16  
LXX- *A Plebe*, 26 set. 1919. n. 17  
LXXI- *A Plebe*, 27 set. 1919. n. 18  
LXXII- *A Plebe*, 28 set. 1919. n. 19  
LXXIII- *A Plebe*, 30 set. 1919. n. 20  
LXXIV- *A Plebe*, 1° out. 1919. n. 21  
LXXV- *A Plebe*, 2 out. 1919. n. 22  
LXXVI- *A Plebe*, 3 out. 1919. n. 23  
LXXVII- *A Plebe*, 4 out. 1919. n. 24  
LXXVIII- *A Plebe*, 5 out. 1919. n. 25  
LXXIX- *A Plebe*, 7 out. 1919. n. 26  
LXXX- *A Plebe*, 8 out. 1919. n. 27  
LXXXI- *A Plebe*, 9 out. 1919. n. 28  
LXXXII- *A Plebe*, 10 out. 1919. n. 29  
LXXXIII- *A Plebe*, 11 out. 1919. n. 30  
LXXXIV- *A Plebe*, 12 out. 1919. n. 31  
LXXXV- *A Plebe*, 14 out. 1919. n. 32  
LXXXVI- *A Plebe*, 15 out. 1919. n. 33  
LXXXVII- *A Plebe*, 16 out. 1919. n. 34  
LXXXVIII- *A Plebe*, 17 out. 1919. n. 35  
LXXXIX- *A Plebe*, 18 out. 1919. n. 36  
XC- *A Plebe*, 19 out. 1919. n. 37  
XCI- *A Plebe*, 21 out. 1919. n. 38  
XCII- *A Plebe*, 22 out. 1919. n. 39  
XCIII- *A Plebe*, 29 out. 1919. n. 40  
XCIV- *A Plebe*, 30 out. 1919. n. 41  
XCV- *A Plebe*, 1° nov. 1919. n. 42  
XCVI- *A Plebe*, 15 nov. 1919. n. 43  
XCVII- *A Plebe*, 29 nov. 1919. n. 44

XCVIII- *A Plebe*, 6 dez. 1919. n. 45  
XCIX- *A Plebe*, 13 dez. 1919. n. 46  
C- *A Plebe*, 20 dez. 1919. n. 47  
CI- *A Plebe*, 27 dez. 1919. n. 48  
CII-  
**CIII- 1920**  
CIV- *A Plebe*, 24 jan. 1920. n. 49  
CV- *A Plebe*, 31 jan. 1920. n. 50  
CVI- *A Plebe*, 7 fev. 1920. n. 51  
CVII- *A Plebe*, 14 fev. 1920. n. 52  
CVIII- *A Plebe*, 21 fev. 1920. n. 53  
CIX- *A Plebe*, 28 fev. 1920. n. 54  
CX- *A Plebe*, 6 mar. 1920. n. 55  
CXI- *A Plebe*, 13 mar. 1920. n. 56  
CXII- *A Plebe*, 20 mar. 1920. n. 57  
CXIII- *A Plebe*, 27 mar. 1920. n. 58  
CXIV- *A Plebe*, 3 abr. 1920. n. 59  
CXV- *A Plebe*, 10 abr. 1920. n. 60  
CXVI- *A Plebe*, 17 abr. 1920. n. 61  
CXVII- *A Plebe*, 24 abr. 1920. n. 62  
CXVIII- *A Plebe*, 8 mai. 1920. n. 63  
CXIX- *A Plebe*, 15 mai. 1920. n. 64  
CXX- *A Plebe*, 22 mai. 1920. n. 65  
CXXI- *A Plebe*, 29 mai. 1920. n. 66  
CXXII- *A Plebe*, 5 jun. 1920. n. 67  
CXXIII- *A Plebe*, 12 jun. 1920. n. 68  
CXXIV- *A Plebe*, 19 jun. 1920. n. 69  
CXXV- *A Plebe*, 26 jun. 1920. n. 70  
CXXVI- *A Plebe*, 3 jul. 1920. N. 71  
CXXVII- *A Plebe*, 10 jul. 1920. n. 72  
CXXVIII- *A Plebe*, 17 jul. de 1920. n. 73  
CXXIX- *A Plebe*, 24 jul. 1920. n. 74  
CXXX- *A Plebe*, 31 jul. 1920. n. 75  
CXXXI- *A Plebe*, 7 ago. 1920. n. 76

CXXXII- *A Plebe*, 14 ago. 1920. n. 77  
CXXXIII- *A Plebe*, 21 ago. 1920. n. 78  
CXXXIV- *A Plebe*, 4 set. 1920. n. 80  
CXXXV- *A Plebe*, 11 set. 1920. n. 81  
CXXXVI- *A Plebe*, 18 set. 1920. n. 82  
CXXXVII- *A Plebe*, 25 set. 1920. N. 83  
CXXXVIII- *A Plebe*, 2 out. 1920. n. 84  
CXXXIX- *A Plebe*, 9 out. 1920. n. 85  
CXL- *A Plebe*, 16 out. 1920. n. 86  
CXLI- *A Plebe*, 23 out. 1920. n. 87  
CXLII- *A Plebe*, 6 nov. 1920. n. 88  
CXLIII- *A Plebe*, 13 nov. 1920. n. 89  
CXLIV- *A Plebe*, 20 nov. 1920. n. 90  
CXLV- *A Plebe*, 27 nov. 1920. n. 91  
CXLVI- *A Plebe*, 4 dez. 1920. n. 92  
CXLVII- *A Plebe*, 11 dez. 1920. n. 93  
CXLVIII- *A Plebe*, 16 dez. 1920. n. 94  
CXLIX- *A Plebe*, 18 dez. 1920. n. 95  
CL- *A Plebe*, 23 dez. 1920. n. 96  
CLI- *A Plebe*, 25 dez. 1920. n. 97  
CLII- *A Plebe*, 30 dez. 1920. n. 98  
**CLIII-1921**  
CLIV- *A Plebe*, 1º jan. 1921. n. 99  
CLV- *A Plebe*, 6 jan. 1921. n. 100  
CLVI- *A Plebe*, 8 jan. 1921. n. 101  
CLVII- *A Plebe*, 15 jan. 1921. n. 102  
CLVIII- *A Plebe*, 22 jan. 1921. n. 103  
CLIX- *A Plebe*, 29 jan. 1921. n. 104  
CLX- *A Plebe*, 5 fev. 1921. n. 105  
CLXI- *A Plebe*, 12 fev. 1921. n. 106  
CLXII- *A Plebe*, 19 fev. 1921. n. 107  
CLXIII- *A Plebe*, 5 mar. 1921. n. 108  
CLXIV- *A Plebe*, 12 mar. 1921. n. 109  
CLXV- *A Plebe*, 19 mar. 1921. n. 109A

- CLXVI- *A Plebe*, 26 mar. 1921. n. 110  
CLXVII- *A Plebe*, 2 abr. 1921. n. 111  
CLXVIII- *A Plebe*, 9 abr. 1921. n. 112  
CLXIX- *A Plebe*, 16 abr. 1921. n. 113  
CLXX- *A Plebe*, 23 abr. 1921. n. 114  
CLXXI- *A Plebe*, 30 abr. 1921. n. 115  
CLXXII- *A Plebe*, 6 mai. 1921. n. 116  
CLXXIII- *A Plebe*, 14 mai. 1921. n. 117  
CLXXIV- *A Plebe*, 21 mai. 1921. n. 118  
CLXXV- *A Plebe*, 28 mai. 1921. n. 119  
CLXXVI- *A Plebe*, 4 jun. 1921. n. 120  
CLXXVII- *A Plebe*, 11 jun. 1921. n. 121  
CLXXVIII- *A Plebe*, 18 jun. 1921. n. 122  
CLXXIX- *A Plebe*, 25 jun. 1921. n. 123  
CLXXX- *A Plebe*, 30 jul. 1921. n. 124  
CLXXXI- *A Plebe*, 15 out. 1921. n. 125  
CLXXXII- *A Plebe*, 5 nov. 1921. n. 126  
**CLXXXIII-**  
**CLXXXIV- Ano 1922**  
CLXXXV- *A Plebe*, 18 mar. 1922. n. 177  
CLXXXVI- *A Plebe*, 1º abr. 1922. n. 178  
CLXXXVII- *A Plebe*, 15 abr. 1922. n. 179  
CLXXXVIII- *A Plebe*, 1º mai. 1922. n. 180  
CLXXXIX- *A Plebe*, 13 mai. 1922. n. 181  
CXC- *A Plebe*, 27 mai. 1922. n. 182  
CXCI- *A Plebe*, 10 jun. 1922. n. 183  
CXCII- *A Plebe*, 24 jun. 1922. n. 184  
CXCIII- *A Plebe*, 8 jul. 1922. n. 185  
CXCIV- *A Plebe*, 22 jul. 1922. n. 196  
CXCV- *A Plebe*, 5 ago. 1922. n. 197  
CXCVI- *A Plebe*, 12 ago. 1922. n. 188  
CXCVII- *A Plebe*, 26 ago. 1922. n. 189  
CXCVIII- *A Plebe*, 9 set. 1922. n. 190  
CXCIX- *A Plebe*, 23 set. 1922. n. 191

CC- *A Plebe*, 7 out. 1922. n. 192  
CCI- *A Plebe*, 21 out. 1922. n. 193  
CCII- *A Plebe*, 4 nov. 1922. n. 194  
CCIII- *A Plebe*, 11 nov. 1922. n. 195  
CCIV- *A Plebe*, 18 nov. 1922. n. 196  
CCV- *A Plebe*, 2 dez. 1922. n. 197  
CCVI- *A Plebe*, 19 dez. 1922. n. 198  
CCVII- *A Plebe*, 30 dez. 1922. n. 199  
CCVIII-

### **CCIX-1923**

CCX- *A Plebe*, 13 jan. 1923. n. 200  
CCXI- *A Plebe*, 27 jan. 1923. n. 201  
CCXII- *A Plebe*, 17 fev. 1923. n. 202  
CCXIII- *A Plebe*, 24 fev. 1923. n. 203  
CCXIV- *A Plebe*, 10 mar. 1923. n. 204  
CCXV- *A Plebe*, 24 mar. 1923. n. 205  
CCXVI- *A Plebe*, 7 abr. 1923. n. 206  
CCXVII- *A Plebe*, 21 abr. 1923. n. 207  
CCXVIII- *A Plebe*, 1º mai. 1923. n. 208  
CCXIX- *A Plebe*, 12 mai. 1923. n. 209  
CCXX- *A Plebe*, 26 mai. 1923. n. 210  
CCXXI- *A Plebe*, 9 jun. 1923. n. 211  
CCXXII- *A Plebe*, 23 jun. 1923. n. 212  
CCXXIII- *A Plebe*, 7 jul. 1923. n. 213  
CCXXIV- *A Plebe*, 21 jul. 1923. n. 214  
CCXXV- *A Plebe*, 4 ago. 1923. n. 215  
CCXXVI- *A Plebe*, 18 ago. 1923. n. 216  
CCXXVII- *A Plebe*, 1º set. 1923. n. 217  
CCXXVIII- *A Plebe*, 15 set. 1923. n. 218  
CCXXIX- *A Plebe*, 29 set. 1923. n. 219  
CCXXX- *A Plebe*, 13 out. 1923. n. 220  
CCXXXI- *A Plebe*, 27 out. 1923. n. 221  
CCXXXII- *A Plebe*, 10 nov. 1923. n. 222  
CCXXXIII- *A Plebe*, 24 nov. 1923. n. 223

- CCXXXIV- *A Plebe*, 8 dez. 1923. n. 224  
 CCXXXV- *A Plebe*, 22 dez. 1923. n. 225  
 CCXXXVI-  
**CCXXXVII- 1924**  
 CCXXXVIII- *A Plebe*, 5 jan. 1924. n. 226  
 CCXXXIX- *A Plebe*, 19 jan. 1924. n. 227  
 CCXL- *A Plebe*, 2 fev. 1924. n. 228  
 CCXLI- *A Plebe*, 16 fev. 1924. n. 229  
 CCXLII- *A Plebe*, 1º mar. 1924. n. 230  
 CCXLIII- *A Plebe*, 15 mar. 1924. n. 231  
 CCXLIV- *A Plebe*, 29 mar. 1924. n. 232  
 CCXLV- *A Plebe*, 12 abr. 1924. n. 233  
 CCXLVI- *A Plebe*, 1º mai. 1924. n. 234  
 CCXLVII- *A Plebe*, 10 mai. 1924. n. 235  
 CCXLVIII- *A Plebe*, 17 mai. 1924. n. 236  
 CCXLIX- *A Plebe*, 24 mai. 1924. n. 237  
 CCL- *A Plebe*, 31 mai. 1924. n. 238  
 CCLI- *A Plebe*, 7 jun. 1924. n. 239  
 CCLII- *A Plebe*, 14 jun. 1924. n. 240  
 CCLIII- *A Plebe*, 31 jun. 1924. n. 241  
 CCLIV- *A Plebe*, 28 jun. 1924. n. 242  
 CCLV- *A Plebe*, 5 jul. 1924. n. 243  
 CCLVI- *A Plebe*, 25 jul. 1924. n. 244  
 CCLVII-  
**CCLVIII-1927**  
 CCLIX- *A Plebe*, 12 fev. 1927. n. 245  
 CCLX- *A Plebe*, 26 fev. 1927. n. 246  
 CCLXI- *A Plebe*, 12 mar. 1927. n. 247  
 CCLXII- *A Plebe*, 26 mar. 1927. n. 248  
 CCLXIII- *A Plebe*, 9 abr. 1927. n. 249  
 CCLXIV- *A Plebe*, 1º mai. 1927. n. 250  
 CCLXV- *A Plebe*, 14 mai. 1927. n. 251  
 CCLXVI- *A Plebe*, 28 mai. 1927. n. 252  
 CCLXVII- *A Plebe*, 11 jun. 1927. n. 253

CCLXVIII- *A Plebe*, 25 jun. 1927. n. 254

CCLXIX- *A Plebe*, 9 jul. 1927. n. 255

CCLXX- *A Plebe*, 23 jul. 1927. n. 256

CCLXXI- *A Plebe*, 6 ago. 1927. n. 257

## II- Referências Bibliográficas

ARCHNOV, Piotr. *Historia del movimiento machnovista*. Buenos Aires: Argonauta, 1926.

BARRADAS, Ana. *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*. Lisboa: Antígona, 1998.

BATALHA, Claudio H. M. (Org.). *Sociedades Operárias e Mutualismo*. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth, 1999.

\_\_\_\_\_. *O movimento operário na Primeira República*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. V. 1. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2006

DEMINICIS, Rafael B.; ADDOR, Carlos Augusto (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

FABBRI, Luce. *O Caminho – até o socialismo sem Estado. Em cada passo a realidade da meta*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.

GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge. *Maria Lacerda de Moura - Uma Anarquista Individualista Brasileira*. Disponível em:

<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda.htm>. Acesso: mai. 2010.

GONÇALVES, Adelaide. *Uma viagem utópica ao Brasil do Século XIX: A experiência de Louis Léger Vauthier e Jules Benoit Mure (1842-1846)*. Disponível em: <

<http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/60Gon%E7alves452.pdf>>. Acesso em: mai, 2010;

\_\_\_\_\_. *As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil*, E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X.

Disponível em: <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>. Acesso em: mai, 2010.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

LEITE, Miriam Lifchitz, *A Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda Moura*. São Paulo, Ática, 1984.

LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

LOWY, Michael. *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, p. 18, 2009.

LUCA, Tania Regina. *Indústria e trabalho na História do Brasil*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MAKHNO, Nestor. *A "Revolução" contra a revolução: a Revolução Russa na Ucrânia (março 1917 - abril 1918)*. São Paulo: Cortez, 1988.

MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Imprensa Libertária: palavras e imagens que fazem sonhar*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. XXXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz. Londrina: Associação Nacional de História/Editorial MídiaA. v. Único. p. 01-580.

MOURA, Maria Lacerda de. *Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!* Guarujá/SP: Editora Opúsculo Libertário, 3º reedição, 1999.

MUELLER, Helena Isabel. *Flores aos rebeldes que falharam*. Giovanni Rossi e a utopia anarquista. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1991.

RIVAS, Rafael Gumucio. *Belén de Sárraga, librepensadora, anarquista y feminista*. Polis, Revista de la Universidad Bolivariana. v. 3, n. 9. 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/305/30500902/30500902.html>>. Acesso: mai. 2010.

ROCKER, Rudolf. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007.

RODRIGUES, Edgar. *Sindicalismo e Socialismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Laemmert, 1969.

\_\_\_\_\_. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*. Disponível em: <[http://www.portalgens.com.br/comcom/pequena\\_historia\\_da\\_historia\\_da\\_imprensa\\_social\\_no\\_brasil.pdf](http://www.portalgens.com.br/comcom/pequena_historia_da_historia_da_imprensa_social_no_brasil.pdf)>. Acesso: mai, 2010.

ROMANI, Carlo. *A revolta de 1924 em São Paulo: uma história malcontada*. In: ADDOR, Carlos Augusto. DEMINICIS, Rafael (org.). *História do Anarquismo no Brasil vol. 2*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

SAMIS, Alexandre. *Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. In: *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.

SILVA, Jorge. *O nascimento da organização sindical no Brasil e as primeiras lutas operárias (1890 - 1935)*. Disponível em: <[http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/o\\_nascimento%20\\_da\\_organizacao\\_sindical\\_no\\_brasil\\_jorge\\_silva.pdf](http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/o_nascimento%20_da_organizacao_sindical_no_brasil_jorge_silva.pdf)>. Acesso em jan. 2010.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Dominus. 1966.

TOLEDO, Edilene Teresinha. *Em torno do jornal O Amigo do Povo: Os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Disponível em: <[http://segall.ifch.unicamp.br/site\\_ael/publicacoes/cadernos/cad-8/Artigo-3-p89.pdf](http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/publicacoes/cadernos/cad-8/Artigo-3-p89.pdf)>. Acesso em: jan. 2010.

VASSILEV, Pano. *A ideia dos soviets*. São Paulo: Faísca / Imaginário, 2008.

VAUTHIER, Louis Legér. *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier (1840-1846)*. Rio de Janeiro: Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940.

VOLIN. *A Revolução Desconhecida*. Vol. 1 – Nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917). São Paulo: Global, 1980.